

da China. Esta diversa imagem.

Claude Roy é um escritor perigoso, subversivo. Porque em toda a sua obra subsiste um radicalismo que desafia idéias instituídas. Na sua defesa do humano, este escritor francês tem a força dramática de um Tolstói ou Dostoievski. Como todos os intelectuais que não vendem sua pena para alguma espécie de poder, ele criou sua vasta obra em torno da idéia de que nada é mais importante do que a pergunta, a indagação.

Em torno deste princípio, ele escreveu os seus poemas, romances, reportagens e ensaios — toda uma obra que encontra a França (que o acompanha por suas colaborações na revista *Nouvel Observateur*, e por mais de trinta obras publicadas) — embora no Brasil, Claude Roy seja conhecido por muito poucos. Talvez porque jamais tenha sido adotado pela inteligência acadêmica, que responde pelos modismos culturais.

Na introdução de "O Comércio dos Clássicos", antologia de ensaios que vão de textos apaixonados sobre a velha Grécia até uma visão nova de Júlio Verne, Claude Roy diz:

"Escrever um romance, um poema, um ensaio crítico é a mesma coisa. Escrever é propor uma questão.

Existem homens cujo trabalho é o de responder às perguntas, o de resolver os problemas. O político, o matemático, o engenheiro... seu trabalho é ter resposta para tudo. O romancista, o poeta, o crítico, etc... seu trabalho é ter perguntas para tudo, é o de se interrogar e interrogar, é colocar em questão o que ninguém pensava em colocar em questão. Eles são os grandes perguntadores do mundo.

Eles perguntam: o que é preciso fazer para ser feliz? A palavra felicidade tem muitos sinônimos: sabedoria, razão, loucura, heroísmo, etc.

A literatura é a ginástica da imaginação e do coração."

Com esta visão de seu compromisso com a indagação, Claude Roy tornou-se um singular viajante, que, com um olhar crítico mas apaixonado, percorre, há quanto tempo!, dois níveis da realidade: o mundo dos livros e todos os cantos do mundo. É impossível pensar nele sem ter na lembrança a sua patrão, por exemplo, por Heródoto, que ele diz ser não o Pai da História mas o Pai da Reportagem. Para ele, Heródoto era um repórter, "o exemplar enviado especial da antiguidade", um "poeta da realidade".

Qual o compromisso do repórter?

"Ele explora a Babilônia exatamente como o repórter que quer ultrapassar as aparências e

transcender ao pitoresco pode, hoje, explorar Nova York" — diz Claude Roy, sobre Heródoto.

E foi assim que ele fez as suas duas grandes viagens à China Popular, com uma distância de quase vinte anos entre elas. Na primeira, apitou com encanto o vendaval dos primeiros tempos da Revolução Chinesa, removendo estruturas feudais, agitando uma história milenar. Nos seus textos dos anos 50 sobre a China, reunidos num "Diário de Viagens", ele dirá: "São precisos cinco palavrões para dizer: a China tem 5000 anos. ... Mas quem estiver na China sente-o diariamente."

"Um velho país — escreverá — é um velho hábito e o mais belo monumento do passado é o homem de hoje que o incarna. É com a sua maneira de ser jovem que os chineses me lembram que também são os herdeiros de um passado. Cada chinês deste século usufrui, consciente ou inconscientemente, de toda uma herança de vitórias e rebeliões, de sofrimentos e alegrias, de magias e de ciência, que fazem do mais novo dos homens deste povo um homem que nunca será, nem é, o mais velho. Na China, nem os deuses, nem os homens, tiveram necessidade de ser edificados em pedra."

Claude Roy diz que os chineses não são feltos de pedra e depois sai em busca da essência deste povo. Como? "A verdade da única geografia que me interessa, refiro-me à geografia humana, é feita de suas observações que parecem contraditórias — mas na verdade não o são. A primeira observação é que o mundo está todo matizado de diferenças, em que a natureza esbanjou prodigiosamente a imaginação, em que jamais o desenho de uma folha se repete na história multimilenária das folhas..." "A segunda observação é a de um mundo todo estriado de semelhanças, e ritmado de analogias, em que a casca das árvores, as suas folhas e as suas ramagens são infinitamente variadas, mas a seiva sempre idêntica."

O que isto quer dizer?

"A maneira que as mães têm de amar seus filhos, de os abraçar, de lhes cantar e de os encantar, a maneira que têm as raparigas de corar sob os olhos dos rapazes, a maneira que têm os ricos de ser ricos e os pobres de ser pobres, é em toda a parte a mesma."

Assim, Claude Roy se fascina pela semelhança e pela diferença dos chineses, elogia a sua revolução, naquele instante, denuncia que: "A dialética fácil do homem branco em face do asiático faz com que ele passe rapidamente da admiração à crueldade. Começa-se por dizer: Aquela gente é incompreensível, e acaba-se, só a chicote."

Uma das idéias que ele tem sempre presente

(e que faz com que confie numa derrubada de oligarquia burocrática que manipula, hoje, o destino do povo chinês) é a de que a revolução de Mao não é um ponto perdido num oceano de milhares de anos, mas, sim, a consequência lógica de um processo. "A história chega a fabricar povos de chumbo. Mas, parece-me, que esse não é o caso da China (...). Os povos esclerosados, artritizados e reumatizados fazem da história um catálogo de precedentes únicos no sentido de demonstrarem a necessidade de não se mexerem, de fazerem como os antepassados, de obedecerem, etc. Mas, se a história chinesa serviu ao antigo regime para exortar o povo à prudência e à quietude, é porque desprezou todas as lições que não fossem de veneração e sevilismo."

É com respeito por um povo que considera um dos mais inteligentes do mundo que Claude Roy percorre a China e acompanha o trabalho de seu povo, operários, engenheiros, camponeses — e se espanta com a idéia de que descobriu, enfim, um país em que os homens constroem as coisas à sua medida, ignorando a idéia do supérfluo. É comovente o momento em que ele narra:

É com estes pequenos cortes do cotidiano da China — das aldeias distantes às salas de ópera, do retrato dos seus trabalhadores até uma sutil análise da idéia de seus intelectuais, artistas, poetas, que Claude Roy constrói esta primeira visão da China. Nesta sua primeira visão, há o espanto e o amor pela descoberta da juventude de uma cultura e de um homem milenares. Não faz ele o retrato burocrático do "intelectual de partido", não cheiram seus textos ao que produziu o "maísimo ocidental" — este monótono balbuciar das fórmulas do Livro Vermelho.

É esta densidade, exatamente, este estar fora do maniqueísmo maoísta ou antimaoísta, que vai dar a liberdade ao seu espírito de se expressar com paixão e salva no texto que o *Jornal da Tarde* está publicando. É o seu respeito pela China, por seu povo, pelo que havia de novo na revolução antifeudal, nos primeiros anos, que vai fazer com que Claude Roy volte à China e de lá nos relate a história pungente de uma vasta nação sufocada em sua grandeza, e de um povo sufocado em seu ser — por uma revolução que passa a ser o escudo de um novo grupo dominante, despótico e totalitário —, toda uma realidade abissal que os maoístas profissionais e os anticomunistas profissionais não conseguem captar ou transmitir.

Um texto que tem a força das grandes denúncias da história.

(Marcos Faerman)

E se não der certo?

E se der certo?

Por Maria Costa Pinto, nossa correspondente em Nova York.

A abertura da China para o mundo ocidental e a sua manifesta ambição de transformar-se em grande potência econômica e militar no fim deste século, não chegou a apanhar de surpresa os especialistas norte-americanos que se dedicam com paciência de chinês à tarefa de desvendar a China. Para estes sinólogos esta decisão era um desenvolvimento até certo ponto previsível, ainda que sem data marcada.

Isto não significa que algumas características particulares do espetáculo de ambição nacional, comandado pelo vice-presidente Deng Xiaoping, não estejam surpreendendo alguns destes especialistas. Entre elas, a que mais os deixa intrigados é a rapidez com que os fatos se vêm sucedendo, um ritmo que é, em geral, comparado ao de um setuagenário que não tem um segundo a perder. O setuagenário (74 anos) é Deng Xiaoping, que, certa vez, disse sobre o processo de desenvolvimento: "Não é bom fazer coisas correndo. O desejo de fazer as coisas com rapidez impede que elas sejam feitas com profundidade. Quanto maior a pressa, menor o progresso."

UM ANO CHAVE

Todas as atitudes de Deng, pelo menos nos últimos dois anos, contradizem esta sua máxima. Mas estas palavras de Deng, servem de epígrafe perfeita para os comentários dos estudiosos de China, quando eles tentam explicar as razões destas transformações e especulam, com relutância, sobre qual será o resultado de toda esta ousadia, no ano 2000.

"Eu considero como um ano chave o de 1969, quando os chineses tiveram confrontos na fronteira com a União Soviética", explica Ezra Vogel, presidente do Conselho de Estudos sobre a Ásia do Leste, da Universidade de Harvard. "A partir desta época, a China começou a encarar com certa urgência a questão de modernizar-se, o que não acontecia antes. Desde esta época, eles começaram rapidamente a manter contatos diplomáticos com o Canadá, Bélgica e muitos outros países europeus; e mesmo com o Japão e os Estados Unidos. Nesta época, então, já houve uma enorme mudança, uma grande abertura. Mas ao mesmo tempo, é claro, desenvolviam-se as batalhas internas na liderança, com pontos de vista diferentes sobre modernização."

Os atritos com a União Soviética são grande parte da explicação para a abertura, mas não o único fator, segundo Benjamin Schwartz, do Centro de Pesquisas sobre a Ásia do Leste, John King Fairbank, também em Harvard. "A China se tornou amiga do Ocidente é resultado ainda da pressão que eles têm com a União Soviética. Mas, ao mesmo tempo, eles realmente querem conseguir ajuda econômica e tecnológica do Ocidente."

O prof. Schwartz ilustra o seu raciocínio com uma história "que contam na China" e através da qual se pode entender os recentes acontecimentos neste país, como uma espécie de recuperação do tempo perdido ou uma readaptação da História do país aos passos da História Universal: "Se diz que a China é superior ao Ocidente porque foi direto do feudalismo para o socialismo; no entanto, poderia ter sido bom se eles tivessem tido um período burguês, porque alguns dos hábitos e procedimentos que se desenvolvem num período burguês são coisas boas de se ter quando já se chegou ao socialismo; isto porque, quan-

do se entra no socialismo saindo do feudalismo, pode-se carregar muitos dos hábitos feudais." Como, por exemplo, 85 por cento da população de 900 milhões de pessoas vivendo em áreas rurais e desenvolvendo, em grande parte do país, uma agricultura primitiva.

A CONFISSÃO

Andrew Nathan, professor de Ciência Política da Universidade de Columbia, comenta sobre a economia da China, citando um discurso recente do presidente da Academia Chinesa de Ciências Sociais: "Depois de 1953, não houve nenhum crescimento na produtividade da economia chinesa. Esta confissão é impressionante. Todo crescimento econômico que se apresentou foi resultado do aumento do número de horas dedicadas à atividade em questão e não significa nenhum aumento na produtividade."

A questão das contradições econômicas da Revolução chinesa pode ser sintetizada na palavra modernização como um processo de desenvolvimento integrado. E a questão das brigas internas da liderança sobre as bases ideológicas da Revolução Chinesa deve ser vista à luz destas contradições.

Uma explicação simplista da reviravolta chinesa afirma que "estas novas políticas econômicas constituem um virtual repúdio da insistência de Mao na auto-suficiência, no fato de que a China iria desenvolver sua própria economia sem investimentos ou empréstimos estrangeiros, não interessa quão lento o ritmo" (New York Times, 10/12/75).

Em análises deste tipo, a figura de Deng Xiaoping é apontada como a do "principal arquiteto do que ficou conhecido, em retórica chinesa, como 'As Quatro Modernizações' — uma tentativa de desenvolver simultaneamente a agricultura, a indústria, a ciência e a defesa" —, justificando da revista Time para elegê-lo como "Homem do Ano".

Na opinião dos sinólogos norte-americanos, Deng Xiaoping pode ter sido o Homem do Ano para o mundo jornalístico em 1978, mas os alicerces desta arquitetura, a ele

atribuída, teriam sido obra de outro mestre: "Mao foi o principal arquiteto da abertura para o Ocidente", afirma o prof. Nathan. "Em primeiro lugar, denunciou a União Soviética, aparentemente apolou a Diplomacia do Ping-Pong e o Comunicado de Shangai, e mesmo com ele vivo, os chineses começaram a importar mais equipamentos estrangeiros. No início dos anos 70, compraram fábricas de fertilizantes de outros países, entre outros tipos de fábricas no Ocidente, e houve aumento nas transações de comércio exterior da China, a partir de 1971."

Paralelamente a estes desenvolvimentos no nível da política econômica, realizaram-se outros de orientação ideológica. Segundo o prof. Nathan, "o obstáculo, na época de Mao, era a existência de controvérsias na liderança política; ele estimulava isto e cultivava um grupo de especialistas em ideologia, além de deixar que eles dominassem a imprensa. Mao gostava de ter os seus seguidores criticando-se mutuamente". Havia o que Andrew Nathan qualifica de "espécie de dupla personalidade na liderança chinesa". Isso criava uma tensão entre as duas linhas de pensamento: a que enfatizava o desenvolvimento econômico e a que relava pela ideologia.

Esta dupla personalidade é o que o profes-

sor Benjamin Schwartz qualifica de "certa ambivalência" do próprio Mao Tsé-tung: "As diferenças entre o presidente Mao e alguns outros altos líderes do Partido Comunista Chinês e suas percepções sobre o caminho que a China deveria seguir apareceram muito cedo, elas certamente já existiam na época do Grande Passo Para Frente. A diferença básica era que muitos destes líderes, apesar de não concordarem muito entre si, acreditavam na necessidade de uma maior ênfase no que hoje se chama de modernização ocidental, ênfase nas exigências técnicas para a transformação da China numa potência moderna."

Segundo Schwartz, "quando Mao estava enfatizando muito a transformação moral, espiritual (do povo chinês) isto não queria dizer que estava sendo contra a transformação da China num país rico e poderoso, mas o grupo que discordava dele — mais ou menos simbolizado por Chu En-lai — tendia a enfatizar um ponto de vista mais convencional sobre o que transformaria a China num país poderoso". Este conflito entre o grupo que está hoje no poder e o que ficou conhecido como a "Camarilha dos Quatro" já tinha um final mais ou menos previsível, segundo Schwartz, para o período pós-morte de Mao. "O outro grupo (o que está hoje na liderança) tinha bases mais sólidas de poder do que a Camarilha dos Quatro, que se sustentava, sobretudo, no carisma do presidente Mao".

O conflito se desenvolveria, possivelmente também dentro do próprio Mao. "Ele era um pouco ambivalente: deu à 'Camarilha dos Quatro' um poder considerável na educação e na cultura, mas logo após a 'Revolução Cultural' o grupo de Chu En-lai já tinha um poder considerável em outras áreas, como a organização industrial". Com a morte de Mao e com a saída do cenário da "Camarilha dos Quatro" a outra facção ficou com o campo livre para dar prioridade ao programa de modernização tecnológica. O prof. Schwartz hesita em usar o termo ideologia: "Se fala muito

em ideologia, afirma-se que os aspectos ideológicos estão em segundo plano atualmente, mas deve-se tomar cuidado. Os atuais líderes se consideram fiéis marxistas-leninistas-socialistas, se vêem como representantes desta ideologia, mas, atualmente, não vêem nenhuma incompatibilidade entre esta ideologia e uma ênfase no desenvolvimento tecnológico em colaboração com o mundo capitalista ocidental".

A morte de Mao Tsé-tung foi importante para que se desencadeasse um processo. Para que explodisse um movimento. Mas de acordo com uma tendência que já existia e em cuja definição também houve contribuição de Mao Tsé-tung.

E A LIBERALIZAÇÃO

Uma distinção importante a ser feita, na realidade da China de hoje, é a que separa modernização de liberalização. Se a questão da modernização não chega a surpreender os sinólogos, o clima de liberalização que vem acompanhando as Quatro Modernizações pegou a todos bastante desprevenidos e razoavelmente céticos: Merle Goldman, do Centro de Pesquisas sobre a Ásia do Leste John King Fairbank, de Harvard, que está terminando um livro sobre a influência dos intelectuais no processo de decisão na China, explica que "não é preciso, necessariamente, liberalizar a

fim de modernizar. Nos vimos isto na União Soviética de Stálin".

O que está acontecendo na China também não é um processo de modernização que inclui a liberalização como um fim em si mesmo. Segundo Merle Goldman, a liberalização de Deng Xiaoping não é ideológica, e sim, pura e simplesmente, pragmática. "Deng representa o grupo que está interessado, antes de mais nada, no que funciona. Em outras palavras, se funciona economicamente, se é pragmático, então é algo que deve ser estimulado. Não acho que eles estão necessariamente interessados em liberalização por ser uma causa justa. Acredito que eles perceberam que, para conseguir apoio do povo para a modernização, têm que oferecer algum nível de liberalização, de distensão, para receber em troca a sua cooperação. A liberalização é um meio de estimular o povo a trabalhar mais efetivamente."

Benjamin Schwartz vê as intenções da liderança chinesa de forma um pouco menos maquiavélica, mas ainda com certa desconfiança. "É bem possível que um homem como Deng Xiaoping pode, realmente, achar que para conseguir modernizar é preciso atingir um certo nível de liberalização. Afinal de contas, a opinião atualmente na China sobre o processo de modernização da União Soviética e da Europa Oriental é de que não é tão perfeito quanto o do mundo ocidental e do Japão, que, em relação à modernização tecnológica, foram muito além da União Soviética. Pode ser que Deng acredite em liberalização como imperativo da modernização. Ele pode achar que, se exige de um engenheiro que dê o melhor de si na profissão, este indivíduo precisa ter alguns direitos de tomar decisões próprias. Mas o ponto delicado, neste caso, é a pergunta: será que isto significa que os escritores vão ter as mesmas liberdades que os engenheiros?"

Um pouco da resposta para esta pergunta pode ser encontrada nas paredes de Pequim, onde estão desfilando os quadros (Jornais Murais) que falam de democracia e Direitos Humanos. Schwartz, que estuda a China desde 1940, se confessa surpreso com os resultados desta liberalização: "Estou surpreso com o fato de que idéias tomadas emprestadas das democracias liberais ocidentais estão sendo defendidas por jovens chineses". Schwartz diz que não se surpreenderia se a antiga "Intelligentsia", de antes da Revolução, defendesse valores ocidentais, mas dos jovens que foram criados sob o maoísmo ele não esperava este tipo de comportamento.

Se a liberalização é uma carta marcada no processo de modernização teoricamente não chegará a ficar fora de controle. Mas segundo Merle Goldman, "depois de se iniciar um movimento como este, é muito difícil controlá-lo". Goldman faz questão de deixar bem claro que não é profeta, "mas, julgando pelo passado, toda vez que se introduz um processo liberalizante o povo pede mais liberdade e quando o regime não está preparado para permitir isto parte para a repressão. Este é o resumo do meu livro". No seu trabalho sobre intelectuais, ela concluiu que este processo de liberalização terá que ser controlado em algum momento.

CONTROLE

Esta idéia — a de que algum controle será

exercido em algum momento pela liderança — é defendida pelos que acham que o processo que se desencadeou na China pode sofrer um retrocesso e pelos que se acham que ele pode ser desacelerado, mas não revertido: Andrew Nathan, da Universidade de Columbia, acha possível o retrocesso "porque ainda existe oposição. Com este clima de liberalização o povo pode começar a dizer coisas que alarmem a liderança, podem começar a criticar o Partido, e, se isto acontecer haverá repressão". Ezra Vogel, de Harvard, vê o processo de forma diferente e como mais ou menos irreversível. "Deng quer desenvolver os tipos de contatos que vão tornar muito difícil voltar atrás. Ele está abrindo o país, levando gente de fora para ver como é lá dentro, e levando chineses, secretários do Partido, pessoal da burocracia administrativa, para ver o que existe fora da China. Assim, está criando uma base política para ele. Ao mesmo tempo, está assinando contratos com outros países, envolvendo a China em relações das quais não poderá mais voltar atrás, mesmo que ele mor-

ra, e, talvez por isso, ele esteja fazendo tanta coisa e tão depressa."

Embora Vogel acredite que não deverá haver um grande retrocesso, ele acha que a velocidade com que as coisas estão acontecendo vai exigir, a médio prazo, uma certa pausa. Isto, inclusive, por prever que a certo ponto esta liderança vai ter que enfrentar os secretários do Partido nas áreas rurais, entre outros grupos, se as promessas de agora não se realizarem e os cruciais problemas econômicos não estiverem sendo resolvidos.

Uma grande dúvida, porém, sobre o sucesso ou fracasso do programa de modernização não tem suas raízes em uma ameaça que viria dos setores rurais, tradicionalistas ou dos mais jovens. O que pode colocar em perigo a meta dos chineses é um conflito que venha a explodir dentro da própria liderança: a unidade da liderança, basicamente de Deng Xiaoping e Hua Guofeng, é vista como a condição essencial para o sucesso da "Nova Longa Marcha".

Os imponderáveis da nova realidade chinesa são tantos que, mesmo com os especialistas no assunto, não é possível encontrar respostas para todas as indagações. Existe um razoável consenso sobre o que será a China no ano 2000: na melhor das hipóteses, um país moderno, mas de nenhuma maneira uma grande potência industrial e militar, pela simples razão de que não conta, hoje, com uma infra-estrutura de pessoal que permita tal avanço em tão pouco tempo.

Além, ou apesar, do consenso, fica no ar uma pergunta final, enunciada, e não respondida, pelo prof. Ross Terrill, da Universidade de Harvard, no seu livro "O Futuro da China". Depois de Mao: "Nenhum período na vida da República Popular da China será mais fascinante do que estes próximos anos de esforços de Pequim para dar um novo rumo à Revolução que atingiu a maioridade. Se Hua e Deng e seus colegas falharem, o que significará para os 900 milhões de chineses? Se eles tiverem sucesso, o que significará para o resto da humanidade?"

Quem viver, verá.

2 ^{China} Apesar da abertura,

Há ceticismo na China

De "The Economist"

A China será um local diferente depois destas semanas de democracia ao ar livre. Não tão diferente como se poderia imaginar observando os coloridos cartazes murais de Pequim ou analisando o levantamento de dados sobre prisioneiros, efetuado pela Anistia Internacional. Mas diferente bastante para apresentar-se como o comunismo tenguista com uma face, talvez mais semelhante à Jugoslávia de Tito do que às utopias malogradas do presidente Mao.

Hyde Park de Tienanmen — nome já conhecido por alguns participantes à área do parque central de Pequim onde foram promovidos improvisados debates públicos — não poderá durar muito tempo, embora tenha sido insperado de cima para baixo e talvez possa vir a ser reproduzido nas províncias chinesas antes de ser proibido. O passo seguinte, e que talvez seja o último da atual série de demonstrações, será a celebração orquestrada de tudo aquilo que a Comissão Central do Partido Comunista, atualmente reunida em sessão secreta, decidirá. Seus êditos sobre uma nova redação da História recente, a reabilitação de líderes caídos em desgraça e o descartamento de alguns que se acham no poder, provavelmente ficarão muito aquém das demandas mais entusiásticas dos jovens. Mas a essa altura o exercício da livre manifestação já terá servido pelo menos a dois propósitos: abertura de uma válvula de escape à pressão popular e confirmar o já disseminado apoio à política e à pessoa da eméncia p. que se encontra atrás do trono chinês, o sr. Teng Hsiao-ping.

Quando a tampa do caldeirão foi assim levantada anteriormente — especialmente a campanha de "Deixal Crescer as Cem Flores", de Mao, em 1957 — qualquer pessoa apanhada do lado errado da ortodoxia teve um alto preço a pagar quando a tampa foi novamente fechada: as últimas vítimas remanescentes da campanha de 1957 foram reabilitadas, algumas das quais postu-

mamente, apenas há duas semanas. Isso explica porque tantos dos que agora se manifestam livremente, fazendo inscrições, desfilando ou até mesmo trocando idéias e endereços com jornalistas estrangeiros, são jovens e, conseqüentemente, não vacinados pela experiência. Mas também há boas razões para se acreditar que desta vez os bravos jovens poderão não apenas escapar à punição como ainda ver materializados, a breve prazo, seus sonhos de viver numa sociedade mais aberta.

O paciente torna-se médico

Uma das razões para se contar agora com reformas e não com represálias reside na amarga experiência pessoal do sr. Teng Hsiao-ping. Tendo sido por duas vezes alvo de uma campanha de vilificação e tendo passado um período de sete anos na qualidade de morto-civil, o sr. Teng aprendeu à própria custa o que o presidente Mao podia apenas intuir: como é que se sente uma pessoa ao ser alvo de uma injustiça arbitrária. Embora o sr. Teng tenha até recentemente aceito a fórmula simplista de atrair todos os abusos cometidos nos últimos doze anos às portas de Lin Biao e do Grupo dos Quatro, certamente não precisa ser convencido por ninguém de que muito que aconteceu de indesejável na China durante a Revolução Cultural da década dos 60 e da reprise promovida pelo Grupo dos Quatro, na década dos 70, era endêmico no regime maquista. Daí sua insistência em definir o maísmo como um sistema flexível, destinado a resolver problemas, e não como dogma inutável; e é por tal razão que ela agora parece preparar-se para promover certas modificações fundamentais no sistema de governo da China.

O sr. Teng pode também reconhecer que o tipo de autoritarismo da China é incompatível com o dinamismo que ele espera imprimir à economia, como parte de um grande impulso destinado a modernizá-la. A rigidez, ineficiência e, acima de tudo, imponderabilidade do sistema, poderão re-

velar-se mais incompatíveis ainda com absorção de tecnologia ocidental e sistemas gerenciais com que ele pretende modernizar a indústria chinesa. A Rússia também se defrontou com esse problema e os líderes russos resistem em abrir mão da ortodoxia leninista, em benefício da flexibilidade. Mas talvez o sr. Teng atue de forma diversa na China. Ele já deixou claro que a administração deve ser entregue a técnicos e não a simples políticos e tem estimulado o aumento da produção por meio de incentivos materiais.

Mas seu maior problema consiste em persuadir os funcionários de todos os níveis de que a iniciativa e a inovação serão recompensadas e não punidas quando os parafusos forem novamente reapertados. Um dos temas dominantes na imprensa chinesa, há meses, tem sido a persistência de "temor remanescente" entre os veteranos do partido, que vacilam em tomar decisões e mesmo em implementar ordens que envolvam reformas, uma vez que a política oficial de hoje pode ser a heresia condenada amanhã. A maneira mais segura de intensificar tais temores seria decapitar as cem flores que agora estão florescendo de forma tão luxurante nos muros e nos jornais de Pequim.

Entre as mais frágeis dessas flores que agora se entretrem está a das perspectivas de mudança de mentalidade dos funcionários chineses — e de todo o conjunto da burocracia do regime — ainda mais radicalmente do que seria suscitado por um movimento de ressurgimento maquista. Trata-se da proposta de escolha de dirigentes por meio do voto secreto. Foi o sr. Teng-Hsiao-ping quem primeiro fez menção a essa revolucionária possibilidade, durante um recente congresso de líderes sindicais, quando anunciou que os "capatazes, chefes de seção e chefes de grupo de todas as empresas deverão no futuro ser eleitos pe-

SEGUIE NO VERSO

los trabalhadores de cada unidade". Pelo menos uma indústria desde então já anunciou ter escolhido seu novo diretor usando esse método, após a remoção, efetuada por demanda popular, de seu corrupto antecessor.

A idéia parece estar sendo levada agora a sua conclusão lógica, não apenas pelos jornais-murais mas também pelo próprio "Diário do Povo", em artigo que foi reproduzido pela recentemente renovada "Revista da Juventude Chinesa". Em manifestação de extraordinária franqueza, o artigo declara que o processo de eleição "deverá ser aplicado mais amplamente", não apenas nas fábricas, comunas e escolas, mas também nos órgãos administrativos, em todos os níveis. Além disso, o período de mandato dos eleitos deverá ser estabelecido de forma tal que "no futuro não mais persistam posições garantidas para sempre". E os mandatos limitados deverão também ser regulamentados por um sistema legal de relevação.

Trata-se de questão importante. Mas, como assinala o artigo reproduzido pela "Revista da Juventude", as medidas que regulamentarão tanto as eleições como as relevações deverão ser homologadas e incluídas na Constituição chinesa, juntamente com uma excelente relação de liberdades garantidas, entre as quais a de imprensa, palavra, religião e reunião, de direito à greve, de convocar debates de massa — e de redigir e afixar jornais murais. O chinês comum poderá acolher tais promessas com certa suspeita e a impressão de que já ouvira falar disso. A grande novidade, em relação ao maior dos últimos debates, consiste no reconhecimento oficial de que esses princípios até agora foram respeitados apenas teoricamente, assim como nas garantias apresentadas por figuras mais que autoritárias, como o ministro da segurança pública e o presidente da corte suprema, de que todo o sistema jurídico chinês está

sendo revisto com a finalidade de manutenção legal de tais direitos.

A palavra do partido

Entretanto, a despeito de tudo, persiste certo ceticismo. Uma omissão das mais conspícuas — no "Diário do Povo", ainda que não nos jornais murais — na lista de organismos chineses que seriam renovados por meio de eleições é o Partido Comunista Chinês. Isso não ocorre por acaso. A maravilhosa nova China que Teng Hsiao-ping e seus associados na aventura querem criar poderá permitir aos trabalhadores que escolham seus chefes, dará maior liberdade aos intelectuais e artistas e permitirá até mesmo uma certa margem de dissidência política. Mas, como o "Diário do Povo" lembrou aos seus leitores, na véspera da atual primavera de esperança, os canais próprios para as manifestações de pontos de vista divergentes são ainda os antigos, há muito estabelecidos — isto é, a hierarquia do Partido Comunista, que certamente permanecerá sendo tão poderoso, ainda que menos arbitrário, na China de Teng como foi na China de Mao.

O fato de um sistema autoritário não poder funcionar sem uma organização partidária forte e bem disciplinada foi uma lição que o sr. Teng recebeu de Mao, quando este provocou os furacões burocráticos durante a revolução cultural. Outra lição que deve ter aprendido é a de que o povo chinês, depois de 29 anos de doutrinação, continua seqüioso de bens de consumo e de liberdade. Resolver o conflito entre essas duas óbvias contradições deverá ser a principal tarefa com que se defrontará a liderança que emergir para liderar a China na próxima e ambiciosa década. Mas o sepultamento das derradeiras ilusões maoístas de moldar homens desinteressados poderá representar uma base bem mais sólida para uma semidemocrática e racional China do futuro que as amargas memórias de um obstinado homem de 74 anos chamado Teng Hsiao-ping.

Na China, conte como investimento a espera de uma decisão

João Luiz da Costa André (*)

O problema número um da China, no plano interno, é o da garantia alimentar da população, que exige a modernização da agricultura. Mas esta depende da modernização da indústria (produção de fertilizantes, defensivos, sistemas de irrigação, máquinas agrícolas e de transporte, por exemplo), e todo este conjunto das "quatro modernizações", forçando o país a indispensáveis e volumosos pagamentos externos, cria a necessidade de gerar a contrapartida das divisas necessárias para poder importar bens, tecnologia e serviços.

Note-se que, nesta óptica, o comércio, em particular — as relações econômicas, em geral — não constitui um objetivo chinês, mas mera via processual para atingir os seus objetivos que são, essencialmente, políticos: de política externa e de política interna.

Para negociar internacionalmente, a China terá de adaptar-se, naturalmente, a um conjunto de hábitos estabelecidos, bem diferentes dos que caracterizam a sua vida econômica interna, e essa adaptação será, seguramente, feita em atenção à importância fundamental dos objetivos pretendidos. Mas seria errôneo pretender ver, na adoção desses mecanismos processuais do funcionamento dos mercados, qualquer aproximação das teses capitalistas. O sistema comunista não está em causa; foi apenas o modelo de aplicação do sistema que mudou, e e com um tender a aproximá-lo — na falta de melhor padrão — ao chamado modelo iugoslavo.

Não bastaria que a China tivesse vantagens em se aproximar dos países industrializados da Ocidente para que essa aproximação se consumasse. Acontece que, simultaneamente, o Ocidente, por razões muito diversas, de natureza política, econômica e comercial, tem interesse nessa aproximação, e assim se criou o atual processo de "abertura".

A China, ao reportar-se à URSS, veio reforçar a posição do



mundo ocidental e, nessa medida, deve ser ajudada, na concepção deste. A tese tradicional de que o comércio com os países comunistas (todo girando na órbita da URSS, na visão de 1950) constitui um risco para o Ocidente não é compatível com esta nova realidade política, e por isso se assiste hoje, internacionalmente, ao início da revisão formal de uma legislação obsoleta, de índole estritamente anticomunista. Ao pragmatismo dos dirigentes chineses atuais contrapõe-se uma atuação pragmática dos países industrializados sem que pareça possível tirar outras ilações dos fatos em presença.

No plano econômico alinham-se vários argumentos paralelos para justificar o interesse do comércio com a China. A curto prazo, as grandes importações de bens de capital planejadas pelo país representam um estímulo que não se pode perder em face dos volumes de desemprego existentes nos países industrializados e da relativa estagnação do volume de atividade das diversas economias; em especial, para o Japão, a possibilidade de conquistar parcela significativa destes fornecimentos dá-lhe a segurança de, por troca, poder garantir abastecimentos fundamentais como os de petróleo, carvão e madeira.

A longo prazo, os estudos prospectivos disponíveis tendem claramente para o reforço da posição relativa do Extremo Oriente (e da América Latina), no contexto da economia mundial, enquanto a Europa e os EUA perderão importância relativa, embora estes últimos continuem sendo a maior potência econômica mundial. Nestas condições, há interesse dos países, e das empresas, em estabelecer e reforçar os seus laços econômicos com a maior potência daquela área.

No plano de estratégia econômica, pondera-se ainda que a enorme capacidade de absorção de investimentos por parte da China, associada à necessidade de importações maciças para sua execução e à possibilidade de "detonar" um surto de rápida elevação no nível de vida da população chinesa, poderia constituir, por si só, um novo polo de desenvolvimento de influência realmente universal: uma página da história humana poderia ser virada,

se esse projeto fosse viabilizado.

Estamos, portanto, em face de um processo que tem reais condições de base para arrancar e se desenvolver. Mas, para determinar uma ação prática, há que ponderar, simultaneamente, as realidades e potencialidades envolvidas.

Na verdade, a China é um país muito pobre (rendimento per capita semelhante ao do Nordeste brasileiro), científica e tecnologicamente atrasado (cerca de quinze anos, ou mais, conforme os setores, de acordo com as declarações oficiais chinesas), sem reservas monetárias elevadas e com limitadas receitas em divisas. Com padrão de vida relativamente uniformizado (segundo os padrões ocidentais), a população do país vive modestamente, sem poder de compra para adquirir os produtos "superfluos" que o Ocidente lhe pode fornecer, nem possibilidade prática de ter acesso aos mesmos, pois todo o comércio externo é estatal, e as im-

portações feitas desses bens (Coca-Cola, uísque, por exemplo) destinam-se ao mero abastecimento dos turistas, cuja entrada a China esla promovendo como forma de incrementar as suas receitas em divisas. Muitas empresas têm já experiência de relacionamento com países de comércio externo estatizado e podem, por isso, formar ideia razoável das condições existentes de negócio com a China.

O incremento do comércio externo chinês tem sido significativo (mais de 26,7% no ano de 1979), mas não se pode esquecer que o ponto de partida era muito baixo e que, para os principais parceiros comerciais do país, ele é relativamente pouco importante no contexto das suas trocas externas globais. Num país tão pequeno como a Suíça, foi calculado que, se as trocas comerciais com a China duplicassem, o respectivo total não representaria sequer 1% do conjunto do seu comércio externo. Por seu turno, o Japão, continua faturando mais

para Formosa do que para a China continental. Outros exemplos poderiam juntar-se.

No plano das perspectivas, têm sido focados aspectos muito diversos, o que é natural, dada a novidade do processo e o pouco conhecimento que há sobre as realidades chinesas. Assim, enquanto uns limitam a sua análise aos aspectos específicos da dimensão dos mercados (mais vendas, mais lucros), outros estabelecem um paralelo direto com a experiência da "abertura" japonesa, antevendo, desde já, nova redistribuição do poder econômico mundial com o desabrochar de mais uma potência industrial e comercial do mundo futuro. Em paralelo, outros preferem sublinhar os riscos possíveis para o Ocidente. Quer no plano social — pela concorrência de uma mão-de-obra barata, abundante, com boas qualidades de adaptação e aprendizagem, relativamente disciplinada e habituada a longos horários de trabalho — quer noutros

planos, em resultado da falta de experiência nos contatos, da burocracia a enfrentar, da concentração do poder de decisão e da insuficiência dos esquemas jurídicos de proteção de marcas, patentes e direitos autorais.

Tal diversidade de pontos de vista reflete, simultaneamente, o reconhecimento de um potencial significativo perante uma realidade incipiente e uma falta de experiência que permita fundamentar uma opinião balizada.

Muitas empresas procuram negociar com a China: o seu sucesso será tanto menos improvável quanto mais se mostrem capazes de um "investimento" de tempo na tentativa de compreensão das necessidades, motivações e idiossincrasias de um povo de cultura milenar, cuja paciência e fortaleza pela consciência do gigantismo da obra que se propôs como meta a atingir.

CHINA

"A China Popular? Iria amadurecer as colheitas, represar os rios, extirpar os flagelos, ajudar as mulheres, instruir os ignorantes, varrer as seqüelas do colonialismo e do feudalismo, dar arroz a todos, devolver a dignidade de cada um. E isso foi feito em alguns anos. Depois desfeito em 20 anos." Essa afirmação terrível é o resultado de uma viagem de três semanas à China, de onde Claude Roy acaba de voltar. Eis a redescoberta de um país sobre o qual os incondicionais do "pensamento de Mao" — com freqüentes imitações do stalinismo — nos haviam imposto uma imagem mais do que embelezada. Eis, 10 anos depois da "Revolução Cultural" e dois anos depois do desaparecimento do "Grande Timoneiro", um artigo a ser acrescentado ao dossier dos Intelectuais de todo o mundo. E Claude Roy, pelo seu amor pela China e seu povo e até pela simpatia com que viu a Revolução, há já quase 30 anos, é um dos nomes mais indicados para assiná-lo. Aqui, ele critica, antes de tudo, os donos do poder.



Mao Tse-tung



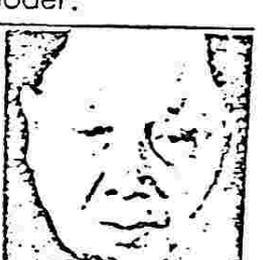
Chou En-lai



Jiang Jing



Hua Guofeng



Deng Xiaoping

**"Quando
os senhores
do império
perdem a razão,
os homens
do povo
definham."**

1. O que aconteceu com meus amigos?...

Meus ouvidos ainda zumbem, depois de 16 horas de avião. Eis, de repente, o vivo sol de Pequim que me faz piscar os olhos, o ruído dos grilos metálicos de centenas de campainhas de bicicleta que soam na avenida da Longa Paz, os retratos de Lenin, Stalin e Mao que atraem os olhos ao passar pela praça Tien An Men e o cheiro da China: especiarias, pelixe seco, alho açucarado e o oceano de gente, um povo que eu amo apaixonadamente.

No táxi, impaciente, interrogo o amigo chinês que me veio buscar: "Que encontros marcou?" "Muitos. Não todos os que você esperava..." "Ou seja?" "Os que conheceu nem todos estão mais aí..." "Al Quing está vivo?" "Acabam até de publicar seu primeiro livro de poemas, depois de 20 anos." "Eu o verrei?" "Não".

Meu amigo cala-se. Depois, balzinho: "Ele passou 17 anos nas 'fazendas do Estado' de Heilongjian e Xinjiang". "Mas está em Pequim?" "Sim".



O trabalho como exemplo

Meu interlocutor acrescenta, quase num

murmúrio: "Não são muito bem tratados os que estão nas 'fazendas do Estado'. Acabam de operar Al Qing... A extirpação de um olho".

Mantenho-me em silêncio.

"E Zhao Shull?" "Morto. Como dizem em sua terra: vítima das perseguições da 'Camerlha dos Quatro'."

Em 1952, Zhao era o mais popular dos escritores do povo. Filho de camponeses pobres, professor primário, voluntário no 8.º Exército Rodoviário, anos de luta contra os japoneses, preso pelo Kuomintang, 20 anos de prisão comunista. Nunca mais virei seu olhar vivo e malicioso. "Camarada Roy", dizia ele, "o povo chinês levantará as montanhas..." Ele repousa sob as montanhas... "Vítima das perseguições..."

Questionário Interminável. E, duas vezes em três, a mesma resposta fúnebre e vaga.

Não pergunto ao que me veio receber sobre a sorte de outro amigo muito querido, o grande escritor Lao She. Sei que o autor do admirável "Pousse-pousse" está morto. Ao voltar da China, Michèle Loi escreveu com volubildade: "Não creio que seja uma questão tão interessante para todos saber se Lao She se suicidou ou não".

Mesmo assim, é uma pergunta que uma amiga do casal fez à viúva, a artista pintora Hu Jieqing. A revista: Gishi Niandal, em sua edição de novembro de 1978, publicou a entrevista: "Seu marido suicidou-se?" — "Não, certamente que não", respondeu Hu Jieqing, a quem lhe pedira que fosse identificar o corpo desfigurado do marido.

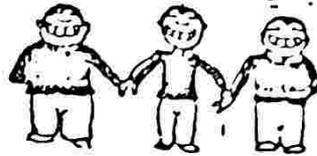
"China está renascendo", dizia-me Lao She. E sorria.

Morreu. "Suicídio ou não", isso não interessa a Michèle Loi.

Ela que me desculpe: isso interessa a muita gente.

Volta. Um quarto de século depois de minha primeira descoberta, reencontrar a China, de Hongcong à Grande Muralha, de Pequim a Cantão, das grandes planícies do Norte aos arrozais de Sul. Meu coração bate a cada passo. A China foi, é, como para tantos de meus contemporâneos, uma das grandes questões de minha vida. É esse espaço em que coexistem o extremo desprendimento e a extrema civilização. Oitocentos milhões de pobres para os quais sobreviver é uma tarefa de Sísifo diária. E algumas das respostas mais inteligentes que a humanidade tenha dado ao enigma da vida: Um abismo separa o sublime Templo do Céu da choupana de terra e palha do camponês nu? Um abismo separa a angústia refinada de Ah Q, o coolie de Pequim, da sabedoria dos Sábios?

Descrevi uma estação de sol sobre a terra em "Chaves para a China," em 1953. Mistura de coisas vistas, e que, depois de tantos anos, fulgo sempre bem vistas, de análises falíveis (a "extrapolação das curvas", a tendência a imaginar o futuro como o simples prolongamento da situação do momento) e — finalmente — de esperanças ridicularizadas: o socialismo com rosto humano, pensei eu, o comunismo sem stalinismo, era aqui que iam florescer. Na "Nova Democracia" de que falava Mao, acentuava-se a palavra democracia. Era a China da "Frente Unida", a China a continuar na paz a luta da guerra contra o Japão e contra a ditadura absurda e corrompida de Chung Kai-shek. O comunismo chinês prometia ser uma revolução pela razão: "Garantir ao Partido o papel dirigente", declarava então Mao Tsé-tung, "não significa forçar os outros com arrogância e sujeitar-se a nossos ordens. É convencer e educar os não comunistas pela justa política do Partido e pelo exemplo de nosso trabalho, a fim de que eles aceitem de bom grado nossas propostas".



Um povo entusiasmado

Marxistas e democratas, Juntos e "de bom grado", iam, com todo um povo penetrado de entusiasmo, pegar as armas da persuasão, da abnegação, da paciência e da astúcia. A China Popular ia fazer amadurecer as coqueiras, represar os rios, extirpar os flagelos, libertar as mulheres, instruir os ignorantes, varrer as seqüelas do colonialismo e do feudalismo, dar arroz a todos, devolver a dignidade a cada um. E isso foi feito, em grande parte, em alguns anos. Depois, foi desfeito em 20 anos. Hoje, a um povo cuja renda média por cabeça é de apenas 1.200 francos por ano, o presidente Hua Guofeng anuncia "três anos de austeridade" indispensáveis. A austeridade dos que já mais têm o necessário, o que pode significar? Que provação terrível? Dez anos de passos à frente. Depois, 20 anos dementes de Grandes Passos para Trás. Era inevitável?

De 1957 a 1966, das Cem Flores e de sua repressão brutal à Grande Revolução Cultural Proletária, manterei o silêncio em público, a angústia no coração e laços inquietos e difíceis com meus amigos na China. Mao teve talento.

Os problemas da China são colossais. A URSS abandonou-a brutalmente. Oprimir um pouco mais uma China oprimida? Não.

"Revolução Cultural". As cartas de meus amigos de Pequim agradecem-me nessa época por não "uivar com os lobos", por não "misturar minha voz com as calúnias conjugadas dos imperialistas e dos revisionistas contra a China popular", como me escreveu um deles.

No entanto, quando explodiu a Revolução Cultural, rompi o silêncio. Minha "carta aberta a Chao" (na qual resumo e "sintetizo" Zhao Shull, Lao She, Luo Dakang e tantos outros de meus amigos chineses, comunistas ou não) foi publicada por Le Monde, em 8 de setembro de 1966, sob o título "Setecentos Milhões de Santos". Então a China transbordava de seus limites a França intelectual transbordava de atordoamento entusiástico. Quase em toda parte, dos grandes órgãos da imprensa e dos "altos círculos" dos intelectuais franceses aos meios de comunicação, exultava-se, exaltava-se a Grande Revolução Cultural. Sentia-me como a formiga solitária que pretencia reclamar contra o Krakatoa em erupção. O que me aterrorizava no furacão maquívelico desencadeado por Mao para retomar o poder não era, antes de tudo (eu estava errado) a violência. Era a asneira (infelizmente, eu estava certo). Sua expressão mais aparente (mas não

a única) era o processo contra os intelectuais, culpados por terem sustentado "a teoria de escrever a verdade", teoria "revisionista"; culpados por terem exaltado "a simpatia humana", "o amor pelos pequenos". Mas a experiência soviética ensinou-nos que, quando se perseguem os intelectuais, esse barômetro de uma nação, os operários, os camponeses, o povo também não são poupados.

Concluí minha admoestação muito ridícula e vã, discurso da Joaquina que, por intermédio de seus amigos, incita o elefante a refletir, escrevendo:



Inteligência não é luxo

"Permita-me dizer-lhe, caro Chao, que os crimes "contra-revolucionários" desses intelectuais ameaçam um dia ser considerados o maior serviço que podia ser prestado a sua revolução e a seu povo. Quer se trate de escrever um livro, de desenvolver a produção, de ganhar uma guerra, o entusiasmo e o impulso são muito necessários. Mas dizer e saber a verdade não o são menos. Mas ter uma visão ampla não o é menos. Mas saber que os homens e os problemas são completos não o é menos. Mas não tomar as imagens de Epinal pela realidade nem vagalumes por lanternas não o é menos. Mas ouvir a voz do povo não o é menos. Mas dar livres responsabilidades às pessoas competentes, sábias e "de grande cultura" não o é menos. Uma China de simples em espírito e coração, é um belo ideal. Uma China de simples de espírito seria uma extrema desgraça para vocês, para nós, para todos os povos. Guarde-se, caro Chao, da contra-revolução. Mas, acima de tudo, guarde-se da esneira. As Flores na neve são um luxo, sim. A inteligência, nunca".

Terror e descentralização. "Sim", disse-me em 1945, "subestimava-se apenas o número de milhões de soviéticos deportados, executados ou mortos durante as grandes carestias. Mas, fora da URSS, conhecia-se mais ou menos exatamente o número e a localização dos campos. Hoje, na China, ninguém (exceto no Ministério da Segurança Pública) pode dizer quantos são os campos de "reeducação", "fazendas de Estado" e prisões, onde se encontram, quantos reportados ali se encontram detidos. Mas, em todo caso, um mapa preciso dos campos e uma informação numérica da população concentracionária não ilustrariam o que foi a repressão durante a "Revolução Cultural".



O Grande Passo à Frente

"Assim como durante o Grande Passo à Frente, a siderurgia chinesa fora espalhada em centenas de milhares de pequenos altos-

fornos de unidades, de brigadas, de aldeias, de comunas, também durante a Grande Revolução Cultural do Povo, o terror era descentralizado. Havia, ali ainda, certamente, um sistema central do Gulag chinês. Mas, de 1966 a 1976, cada "unidade de trabalho" tinha sua prisão artesanal, seus carcereiros amadores, seu tribunal popular, seus verdugos benevolos, seus executares voluntários. Ainda não se chegara a abolir completamente a distinção manual-intelectual, cidade-campo. Mas já se conseguia apagar completamente as diferenças entre civil e "judiciário", cidadão e policial, camarada e carrasco. Os escolares aprendiam, ao mesmo tempo, os caracteres da escrita e a ficar de olho nos suspeitos, a denunciá-los, a "criticar", encerrar, guardar, bater e, se o "tribunal popular" resolvesse, a assistir à execução como a uma festa.

"O terror 'interiorizando' e exteriorizando não cessava nunca. Mas as acusações variavam com o vento. Durante uma temporada atacavam-se os liberais-quistas... Depois, per-

do Grupo de 16 de maio... Depois era a vez dos cúmplices de Lin Biao... Em todo caso, os mortos estavam bem mortos e os vivos podiam, assim, acumular sobre suas cabeças as provas de acusação..."

"Passagem para o comunismo". Lou, com 27 anos, é um "intelectual" ou um "manual"? Como tinha uma "má origem social" (seu pai era professor de francês na universidade de M.), não pôde fazer estudos secundários e hoje é ferreiro; mas, como é inteligente e curioso, leu tudo o que conseguiu encontrar e refletiu sem interrupção. Como sentia ter a alma de um "rebelde", foi soldado vermelho e viajou gritando sua revolta com centenas de camaradas através de toda a China. Mas como era um pouco demais "revoltado", foi enviado para refrescar as idéias ao campo durante cinco anos. Como não consegue parar de se fazer perguntas, estudou a vida dos camponeses como verdadeiro "sociólogo selvagem". Mas, como não se deve ter sobre a sociedade chinesa idéias não "corretas", guardou-as para si (e alguns camaradas).

Como, assim como todos os companheiros, só tem sete dias de licença por ano, além dos domingos, um dia no Ano Novo, três dias para a Festa da Primavera, sete dias dos quais vários são ocupados desfilando obrigatoriamente (1º de maio, 1º de outubro), só dispõe das noites para ler, discutir com amigos e ir ao parque com sua amiga com a qual se casará no dia em que: 1) seus executivos e sua "unidade de trabalho" e os de sua noiva permitirem o casamento; 2) quando encontrarem uma habitação; 3) quando puderem comprar uma cama, uma louça, um fogão, uma segunda bicicleta para a moça, uma máquina de costura, etc. Mas, como ele já conhece o francês, que o pai lhe ensinara em casa, Lou "respondeu ao apelo do governo" e agora está aprendendo inglês (ouvindo muito cedo, antes de ir para o trabalho, as aulas transmitidas pela Voz da América).

Lou tem uma teoria pessoal sobre a China Popular. Todo o bem, diz ele, vem do fato do presidente Mao ter levado a China a passar do semi-feudalismo e da deterioração social para o socialismo. Toda a desgraça, é porque quiz forçar a marcha para o comunismo. Lou lem-

bra aqui a palavra lançada em 1953: "Ir para o comunismo calçando botas de sete leguas!"

O socialismo, diz ele, aumentou em uma dezena de anos a esperança de vida média de um chinês ao nascer, que passou dos 60 anos, contra 47 no Bangladesh, e levou a mortalidade infantil a uma das taxas mais baixas dos países do "Terceiro Mundo".

O comunismo diminuiu, e muito sensivelmente, essa média, fazendo morrer de fome milhares e milhares de camponeses em consequência do Grande Passo à Frente e matando centenas de milhares de inocentes na repressão da "Revolução Cultural" e durante os anos do reinado da "Camarada dos Quatro".

O socialismo conseguiu ensinar a ler e a escrever a 95 chineses em 100 e a desenvolver consideravelmente o ensino primário, secundário e superior.

O comunismo suprimiu imediatamente quase todos os livros, fez das bibliotecas um deserto povoado por milhares de exemplares das obras de Mao, fez dos jornais e das revistas "moinhos de preces" monótonos e vazios. Tenho vergonha e lamento uma coisa. Durante a "Revolução Cultural", queimei todos os livros clássicos de minha pequena biblioteca, porque tinha medo que os descobrissem e me tratassem de contra-revolucionário. Além disso, acrescenta ele, porque conseguira convencer-me que esses livros eram "erva venenosa". Hoje, quando são reimpressos, a tiragem caiota-se em uma só manhã e não se encontra nunca mais um exemplar..."



A libertação da mulher

O socialismo realmente libertou as mulheres de sua sujeição secular, embora ainda haja muito o que fazer. Libertou realmente os camponeses de sua dependência dos proprietários de terras.

O comunismo, imediatamente, sujeitou todos os cidadãos às ordens, reviravoltas e caprichos do aparelho do Estado, obrigando todos os chineses a gritar uma manhã "Abaixo Liu Shaoqui!", no dia seguinte "Viva Lin Piaol" e depois, no mês seguinte, "Morta Lin Piaol", depois, um pouco mais tarde, "Pi Lin! Pi Kong! Abaixo Lin Piao, abaixo Confúcio!", depois, hoje, "Abaixo. Camarilha dos Quatro!".

O socialismo libertou as massas de um grande número de superstições, de costumes nocivos, de ignorâncias alimentares.

O comunismo imediatamente ergueu novos altares, transformou o culto dos antepassados no culto de Marx, Engels, Lenin, Stalin e Mao.

Em alguns anos, o socialismo conseguiu reduzir as desigualdades entre o povo, organizar uma vida austera mas bastante equitativa, dar à massa dos chineses a sensação do dever cívico, o prazer pelo trabalho em comum, o entusiasmo, o orgulho nacional.

O comunismo conseguiu, como que se divertindo, reconstituir uma burocracia e uma classe dirigente privilegiada, reconstituir um sistema de desigualdades rígidas, desigualdade do saber e de informações, desigualdade dos salários, desigualdade do poder, etc.

Ouvimos Lou desenvolver assim sua análise da história chinesa contemporânea. Parece-se ir mais longe e mais profundamente do que nove em 10 dos "especialistas da China" que publicaram, nos últimos 30 anos, centenas de livros sobre a questão. Mas temo que em Paris, se ouvissem Lou falar, rejeitariam desdenhosamente suas palavras. "Mais um social-democrata..."

A dificuldade de ser mulher. Alegria de poder medir um dos progressos imensos realizados pela China. Há um quarto de século, a China popular lançava uma grande batalha para conquistar a igualdade da mulher e do homem. Para abolir o "casamento de interesses", a cessão de uma jovem, "noiva vendida" como uma mercadoria. Para dar à mulher o direito a um salário igual por um trabalho igual. Se, nesse ponto, o objetivo está ainda longe de ser atingido, as campanhas atuais mostram que ao menos uma parte do programa já foi cumprida. Certamente, explicava ontem Kang Keqing, a presidente da federação nacional feminina, a fraseologia da "clique" Lin Piao e da "Camarilha dos Quatro", durante anos, opôs o amor, o sentimento burguês, à Revolução. Disso resultou, explicamos, "uma ausência de trabalho ideológico junto aos jovens", proibição de tratar o tema do amor no palco e na tela, como nas obras literárias e artísticas. "Por essa própria razão, a ideologia e as tradições antigas recuperarão terreno".

Alguns jovens começaram a correr atrás dos que tinham dinheiro ou um físico agradável. Os noivados e o casamento começaram novamente a depender do número de "presenças".

Mais o que Kan Keqing não acrescenta, e que verifico em diversas conversas com os jovens, é que com frequência a "relação de forças" inverteu-se: agora, são as moças que impõem suas condições. Admito-me diante de diversos jovens que atingiram a idade em que é permitido casar-se (20 ou 27 anos para os rapazes, 23 ou 24 para as moças) que continuam a "frequentar" suas noivas sem se passar pelo casamento perfeito. E descubro que hoje

as senhoritas que (com, é verdade, uma condenável cupidiz burguesa) obrigam seus prometidos a casar, "Minha namorada, diz-me, Yu, motorista de caminhão, só concorda em casar-se quando eu lhe comprar os "Três-que-Rolam" e o "Um-que-se-Carrega".

Fiquei perplexo por um instante. Conheço o gosto dos chineses pelas numerações: as Três Reformas, as Quatro Modernizações, etc. Mas não sei o que é esse "Três-que-Rolam" ou esse "Um-que-se-Carrega".

"Sim", explica ele. "Uma bicicleta, um relógio pulseira e uma máquina de costura — e um transistor. No mínimo 800 ou 1.000 yuans... E eu ganho 48 por mês..." "Então?" "Bem, trabalho pela porta de trás para economizar dinheiro..." ("A porta de trás", é a expressão chinesa para designar tudo o que permite viver quando, na porta da frente, já não é possível viver: pequenos trabalhos no negro e no cinzento, trocas, jogos de relações, etc.)

A noiva de Yu é sem dúvida cruel ao deixar o amor atrás da febre de "consumo". E é uma maneira bem burruca de considerar o casamento, procurando fazer "um bom negócio". Mas acho também agradável que, depois de séculos durante os quais não se perguntava a opinião às moças para vendê-las ao que pagava mais, sejam elas agora que discutem, como boas mulheres de negócios, seu contrato de casamento...

Deixar falar os fatos. A Associação dos Escritores convidou-me para jantar com alguns colegas. Uma vez admitida a regra do jogo social, que é contornar o problema Mao, deixar sua estátua presente como vazia, a conversa é notavelmente direta e franca. Não se chega ainda (em todo caso diante de um estranho) a tentar uma análise das causas da gigantesca derrapagem da Revolução. Mas, ao célebre slogan de Lin Piao: "Cada palavra do presidente Mao é uma verdade e tem mais valor do que 10 mil outras" opõe-se praticamente a palavra de ordem atual: "Deixemos falar os fatos. E a prática e não a ideologia que é o critério da verdade".

Cao Yu, o célebre autor de "A Tempestade" e de "A Aurora", quadros da decomposição da sociedade chinesa, escritos e representados nos anos 30, retomou a direção do Teatro da Capital. Seu teatro ficou fechado durante anos, reabrindo às vezes para uma representação de uma das oito "óperas revolucionárias" da sra. Mao. Mais feliz do que muitos de seus colegas, Cao Yu, cujas peças haviam sido

retiradas dos teatros e da imprensa, entretanto ficou em seu teatro da rua Wang-Fu-Jing. "Era zelador e faxineiro", esciara discretamente uma de suas colaboradoras. Mas o grande poeta Ai Tsin, depois de longos anos de "reeducação", recuperou a liberdade — e perdeu um olho, em consequência dos maus tratos recebidos. Acaba de ser operado no hospital da capital.

Dos três autores da crônica célebre do "Qian Xian", "a Aldela dos Três", Wu Kan (historiador e prefeito adjunto de Pequim, cuja "crítica" pela "A Destituição de Hai Rui", que acaba de ser relançada, foi em 1965 o detonador da "Revolução Cultural"), Deng Tuo e Liao Moshu, só Liao Moshu sobreviveu às "perseguições da Camarilha dos Quatro". Foi informado também que o escritor Hu Feng está vivo. Não foi "reabilitado" oficialmente, mas trabalha em uma organização da província. Desaparecera desde 1958, quando Zhou Yang (atás renomeado vice-presidente da Academia de Ciências Sociais) lançara a carniceira os cães contra esse "mau elemento".

Mas o autor do romance "Os Construtores", Liu Zeng, perseguido durante anos como "erva venenosa" e "escritor sinistro", só voltou do "exílio" para morrer em consequência de suas provações no hospital de Anhui, onde fora "exilado" devido a um artigo de Yao Wenyuan, um dos "Quatro", "Comentário sobre Dois Livros de Tao Zhu". Como na Rússia de Stalin, a "crítica violenta" de um livro

significava, com frequência, na China que as
coisas do autor seriam quebradas, no sentido
literal. As "armas da crítica" mutavam.



Autocrítica à mesa

Não mais do que os outros chineses, quase
nenhum dos convivas reunidos esta noite no
hotel "Xin Qiao" e nenhum dos intelectuais que
pereceram ou conseguiram sobreviver ao lon-
go terror conseguiram evitar, em um momento
ou outro, a autocrítica ritual, nem a "crítica"
acusadora das "ervas venenosas" de outros.
Depois de minha terceira autocrítica, con-
firme-me o velho mestre Ba Jin (Pa Kin), comecei
a dizer a mim mesmo que não era eu quem
estava errado, mas eles...

O próprio Wu Han, o mais lúcido e o mais
corajoso crítico da "Loucura Mao", publicou,
em julho de 1957, em "Renmin Ribao", sob o
título "Odéio, acuso", uma violenta "crítica"
de dois "liberais" postos no pelourinho duran-
te a repressão das Cem Flores. Zhang Bojun e
Luo Jiongji. Oito anos mais tarde, ele é quem é
odiado, ele é quem é acusado. Ele é quem vai
morrer...

Um de meus interlocutores, enquanto se
fala da extensão da repressão, que não pou-
pou nenhuma categoria pessoal, pergunta se o
total de 400 mil vítimas da "Revolução Cultu-
ral", citado por Chou En-lai em uma entrevis-
ta com Edgar Snow, não estaria abaixo da
realidade. Deve estar, e muito...

Cao Yu deferiu os viajantes ocidentais
maofistas que levaram para a Europa depoi-
mentos hoje tão tristemente desmentidos.
Disse-lhe que eu mesmo, em 1952, provavel-
mente cedi à "Sessão Lúca" da qual ia Ma-
fiaux. "Oh, diz-se, aquela época era o que o
povo chinês chama ainda de 'os bons anos'.
Mas depois..." Acrescenta: "Não devemos
olhar aqueles de seus compatriotas que enfe-
raram o quadro. Acreditaram no que lhes
diziam..."

Deixando meus colegas chineses, interro-
go-me. Descobrimo, há três semanas, o horror
do que foram esses últimos anos da história
chinesa, horror que ultrapassa a pior imagem
que já permite formar os testemuños che-
gados ao Ocidente e as análises proféticas de
Simon Leys, será que não sou vítima da mes-
ma tentação: acreditar no que me dizem?

Sem dúvida, não acredito na palavra dos
dirigentes chineses. Como os herdeiros de Sta-
lin destalinizaram de maneira stalinista, os
sucessores de Mao "desmaoizam" no grande
estilo maofista. As mesmas fórmulas estereoti-
padas, as mesmas acusações extravagantes, a
mesma terminologia, a mesma "língua da ma-
delra" servem para "criticar" os "Quatro",
depois de ter servido para "criticar" os "direi-
tistas" das Cem Flores, Liu Shaoqi, Lin Biao,
etc. Mas as centenas de milhares de manifes-

tantes de Tian'an Men (praça da Paz Cele-
stial) de 5 de abril de 1976; mas os 30 mil
camponeses que Pequim viu outro dia desem-
barcar para gritar sua infelicidade às portas
do palácio da Assembleia do Povo; mas as
dezenas de urnas funerárias transferidas cada
semana para o cemitério dos Heróis; mas a
angústia evidente dos dirigentes diante da
gravidade da situação econômica; mas o fune-
bre, diário e lunático apelo dos desapareci-
dos, das "vítimas das perseguições da Camer-
lha dos Quatro" (a que os "simples" chamam
sem rebuços "a Camerlha dos Cinco"); mas as
previsões de "Jovens Estrutidos" do inverno de
1978 nas reuniões do Estado no Yunnan, de
que agora fala o "Renmin Ribao"; mas tudo o

que saltar nos olhos à ao começo convence-me
de que não estou sujeito a uma "ilusão negra";
depois da "ilusão rosa" dos viajantes fascina-
dos. E, quando me dizem que a China está
suando de anos e anos de inferno, creio no que
me dizem porque creio no que vejo.

Espectáculos. A "terra queimada" da "Re-
volução Cultural" deixou o teatro e o cinema
chineses em um estado do qual apenas estão
emergindo. "Durante oito anos", escreve o
"Guang-ming Ribao", "os estúdios ficaram deser-
tos, não se fez um único filme". Recreem-se
agora nos cinemas os antigos filmes dos anos
60, proibidos pela "Camarilha"; "Ondas acida-
das do rio Vermelho", "Criança nascida nas
chamas" ou os inúmeros filmes de espionagem
anti-soviéticos. Começam a aparecer alguns
filmes feitos depois do "develo". Mas, se entra-
mos por acaso em um cinema de Cantão, de
Changcha ou de Pequim, é muito provável ver,
como me aconteceu quatro vezes, um filme
histórico situado na época dos Tang, filmado
em Hongkong (com legendas em mandarim e
em inglês), um dos seis filmes de Chaplin
comprados recentemente pela China, que al-
cançam um triunfo, ou "A Prostituta Respei-
tosa", "Combolo" ou "Morte Sobre o Nudo".

Cao Yu convidou-me para ver em seu
Teatro da Capital uma representação da peça
"A Casa de Chá", que data de 1962 e que
desaparecera do palco desde a morte trágica
de Lao She e do encenador Jiao Juying, tam-
bém vítima das "perseguições da Camarilha
dos Quatro". O pobre e grande Lao She escre-
veu durante os anos 1950-1959 peças "edifican-
tes" que dão uma páida idéia de seu imenso
talento. Posso testemunhar, entretanto, o en-
tusiasmo e a sinceridade com que tentava
aplicar os preceitos dos "Diálogos de Yanan"
do presidente Mao e procurava "servir o povo"
com sua pena. Mas me parece que nunca
serviu melhor seu povo do que nesse afresco
familiar, entre sátira e compaixão, entre riso e
ternura, entre Lu Xun e Checov.

Três quadros, três épocas, três etapas da
vida de uma casa de chá, 1890, 1919, 1943. O
fim da obra é um momento admirável de
teatro: três velhos, na véspera da Libertação,
sabem que não a verão. Atram para o ar uma
felxe de bilhetes de papel-moeda que eram
queimados durante os enterros. Como a neve
do tempo e o luto de suas vidas perdidas, o vóo
de papéis brancos recal lentamente sobre os
velhos, para os quais é tarde demais. E o velho
dono da casa de chá enforca-se, esgotado,
desesperado—demais—para—esperar—o—ama-
nhacer...



O reencontro com a ópera

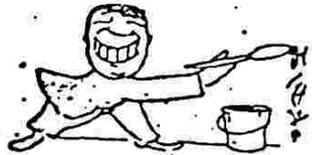
Depois da representação, os atores (o as-
sistente de Jiao Juying encarregou-se da enca-
enação) desculpam-se por seu trabalho — que
nada é excelente: "Não atuamos durante tanto
tempo. A maior parte de nós estava 'no
campo'..."

Estratagemas. Teatro do Vento de Leste. O
célebre ator Tan Yuanshou, que escapou do
grande expurgo da ópera, reinicia a ópera
clássica de Pequim, "Kong Cheng Ji", "O
Estratagemas da Fortaleza Vazia", tirado do
romance histórico famoso "Os Três Reinos",
que inspirou mais de 150 peças. O autor do
romance, Luo Guanzhong, pôde por escrito, no
fim dos Yuan e no início dos Ming (século
XIV), uma obra oral muito antiga, a descrição
das lutas políticas e militares que dilaceraram a
China no século III de nossa era.

Sala repleta: privado durante 10 anos de
sua arte preferida, condenado a ver e a rever

durante esse período as mesmas oito óperas "revolucionárias" impoem a 800 milhões de chineses por Jiang Qing (a senhora Mao), o público chinês, em Pequim como em toda parte, precipita-se para a ópera reencontrada. "Ainda alguns anos da "ditadura dos Quatro", diz-me um ator, "e a ópera chinesa desapareceria para sempre, os atores dizimados, a formação dos alunos interrompida, a tradição perdida. Um incrível genocídio cultural..."

O "Kong Cheng Ji" relata um episódio célebre dos "Três Reinos". O primeiro-ministro, o general Zhu Qiliang, atacado na fortaleza de Xie Cheng pelo general inimigo Sima Yi, está em uma situação desesperada, sem soldados, sem viveres, sem armas. Resolve, então, remediar a situação por meio de um estratagema: manda deixar abertas as portas da cidade, incita os homens a varem tranquilamente o chão. Quando Sima Yi chega diante da cidadela, encontra Zhu Qiliang tocando qin, o violino chinês, nas muralhas da cidade. Sima Yi desconfia de uma cilada, mas hesita. Confia em seu ouvido. Se a música que emana do violino de seu inimigo é harmoniosa e bonita é porque a alma deste está tranquila. Se Zhu Qiliang está tranquilo é porque sua defesa está bem garantida e a cidadela cheia de defensores e de armas. Ouve. O solo de violino é de uma extrema pureza. A música expressa uma serenidade soberana. O atacante, portanto, levanta o sítio, mesmo antes de ter iniciado o combate. A fortaleza está salva.



Ling, o pensamento livre

"Os Três Reinos", como se sabe, era um dos romances dos quais Mao se alimentou durante toda sua vida. Ficamos admirados com a engenhosidade demonstrada, em 20 anos, pelos maoltras ocidentais para "explicar" o que acontecia na China. Eles recorriam à incomensurável diferença entre os amarelos e o resto da humanidade: os chineses não dão a noção de sentido a mesma significação que nós. A palavra "liberdade" não tem nenhum eco para eles, etc. Quando a explicação pela "diferença" não funcionava, recorriam à irredutível sincidade, à famosa especificidade da "alma chinesa", tão inefável e mágica como a "alma eslava", "o espírito galês" ou "o claro gênio latino". A "especificidade chinesa" impedia aos maoltras de ver o que saltava aos olhos: que nos combates de grandes feras no topo do Império maolista, no jogo de xadrez chinês e de estratégias sutis e cruéis que se desenvolveu desde 1957 na nova Cidade Proibida de Tian An Men, a arte do estratagema originava-se da história da China e, notadamente, dos livros de cabeceira de Mao. Como Zhu Qiliang que toca tranquilamente violino na hora do perigo extremo, Mao, ameaçado de ser deposto, escreve um poema que manifesta seu controle íntimo e tece em surdina as intrigas que lhe garantirão a vitória. Em "Os Três Reinos", quando esta é conquistada, decapita-se alegremente os adversários encaçados. As cabeças também roladas durante 20 anos na China moderna...

Reabilitações: Todas as manhãs, lê-se no Renmin Ribao os que acabam de ser reabilitados. Se é um sobrevivente conhecido, sua foto aparece na primeira página. O reabilitado já deve ter a passagem clássica pelo Hospital da Capital, ao voltar do campo, da prisão ou da deportação para o interior. Foi "reformado" para torná-lo apresentável antes da volta à vida civil. Esta manhã, é Ding Ling, a romancista, comunista da primeira hora, feminista indomável, que soube alternar o recuo elástico e a revolta, a auto-crítica (que tão poucos rejeitaram) e a coragem indócil, e que recupere-

ce oficialmente. Setenta e três anos, 48 no Partido, três de prisão sob Chang Kai-shek, um mundo fuzilado, 10 anos em Yenan, sempre falando e pensando livremente perante Mao, 10 livros. Desde 1958, a desgraça, a expulsão do Partido e a deportação. Porém, Ding Ling está viva. Estou certo de que ainda ouviremos falar nela.

Os que morreram, "vítimas das perseguições da Camarilha dos Quatro", suas urnas cinerárias são transferidas para o Cemitério dos Heróis e há uma cerimônia em sua homenagem. Há centenas diariamente em toda a China. Retêm-se os nomes mais conhecidos.

As circunstâncias de sua morte são tão rodeadas de confusão como as das "vítimas do culto à personalidade" entre o irmão inimigo soviético: surrados até a morte, fuzilados, mortos sob a tortura, mortos na deportação. Sua enumeração parece-se com a dos memores do presidium na tribuna oficial: Liu Changsheng, ex-vice-presidente da Federação dos Sindicatos da China, Zhang Linzhi, ex-ministro da Construção, Liao Luyan, ex-vice-ministro da Agricultura, Xiu Zhirong, ex-vice-ministro da Segurança Pública (imaginem, como a roda gira...), Liu Yumin, ex-ministro da Construção... A lista é interminável. E continua, todas as manhãs.

E, em nome dos inúmeros mortos sem nome, sem grau, sem glória, em nome dos desconhecidos, o líxetro Che Chunli evoca esta manhã a lembrança de seu pai, Che Zhuangxiang, limpa-fossas em Pequim. Durante a Grande Revolução Cultural Popular, Che foi declarado "traidor da classe operária". O filho conta: "Meu pai não se sujeitou, convencido de que, um dia ou outro, o presidente Mao e o primeiro-ministro Chu En-lai viriam salvá-lo." Não vieram. O limpa-fossa Che Zhuangxiang morreu em 1975, "vítima das perseguições da Camarilha dos Quatro". Está reabilitado. Hoje, seu filho, o líxetro, jura solenemente "fazer de nossa capital uma cidade limpa e bonita".

Morte de um contra-revolucionário.

"Eu não estava em Pequim quando Chao Shuli morreu", disse-me Z. "Eu estava no interior, deportado. Disseram-me, ao voltar, que Chao fora levado a passear com um cartaz de 'contra-revolucionário inimigo do povo' suspenso ao pescoço, durante três dias, pelas ruas. Levaram-no para casa com cinco costelas quebradas, o rosto intumescido, cego, os olhos grudados pelo sangue. Uma das costelas perfurara o pulmão. Sua mulher pediu que o internassem em um hospital. Responderam-lhe que não havia cama nos hospitais do povo para um inimigo do povo. Chao morreu alguns dias depois..."

Humanidade. Olto vezes em 10, com método, paciência e força, pode-se fazer de um homem o que se quiser: um farrapo, um monstro, um carrasco, um cadáver, sabão. E de um povo também.

Em 4 de abril de 1975, escreve o Renmin Ribao, depois de seis anos de prisão, foi executada na província de Liaoning uma mulher chamada Chang Chixia, executiva do departamento de Propaganda artística da província. Foi reabilitada agora e elevada à dignidade de "mártir revolucionária". Crê-se em 1969 os dirigentes e a política da "Revolução Cultural". Enviada para uma Escola de 7 de Maio para "reformar-se", recusara-se a reconhecer seus erros. Presa, interrogada sem interrupção, recusou-se durante seis anos a confessar seus crimes. "Confesse seus crimes." "Não cometi nenhum." "Então, por que está aqui?" "Porque vocês me trouxeram." Condenada à morte em 3 de abril de 1975, à pergunta: "Tem algo a acrescentar?" respondeu: "Minha opinião não mudou." Foi fuzilada no dia seguinte de manhã. Tinha 45 anos.



Honras para os hóspedes

Não sei porque (sim, eu sei porque...) empresto a Chang Chilin os traços dessa mulher (de mais ou menos 45 anos) que me viu ontem, esgotado de calor e cansaço, passar em uma rua miserável de Cantão. Borrindo, fez-me sinal para entrar... (O Jornal da manhã lembra imperiosamente que é preciso evitar qualquer contato pessoal com os estrangeiros e a contaminação da ideologia capitalista e burguesa.)

A mulher tem um belo rosto, envelhecido, suave e firme. Fala o cantonês, já incompreensível para os chineses do Norte. "Comunicamo-nos", entretanto. Sem que minha ideologia possa "contaminá-la", creio eu. Serve-me chá verde. Sob a escada que leva ao cubículo de bambu do único cômodo muito pobre. Desce com um objeto volumoso, embrulhado em plástico opaco. Desamarra o barcoante. Tira um precioso ventilador, liga-o e dirige-o para o rosto suado do "estrangeiro". Ninguém gasta eletricidade para fazer funcionar todos os dias o ventilador, o objeto de luxo, apesar do calor sufocante. Só nos dias de festa. Para o hóspede desconhecido. Para o estrangeiro.

Das cidades às aldeias, a China de hoje ainda é a da dor e da paciência dos homens. China dos pesados paus de bambu sobre o ombro, carregados da dupla carga dos cestos de adubos, de terra, de cereais, de cimento, de materiais. China dos pés descalços que trotam a pequenos passos regulares sob os fardos. China dos carrinhos cheios de tijolos ou de pedras puxados por "homens de tiro" esticando todo o corpo no esforço. China das obras públicas nas ruas, realizadas inteiramente com a picareta, sem perturbadeiras nem máquinas. China do suor, da pobreza. Do trabalho incessante dos diques que é preciso construir e manter para não ser alagados pelas inundações ou morrer de fome devido à seca. China da terra a ser revolvida sem descanso para não ser enterrados, da obstinação em lutar para não morrer. China do "todos juntos", que começou tão bem em 1949. Porque o comunismo parecia a seqüência lógica, e razoável, e que dizia ser humano, do esforço secular em comum para fecundar a terra, represar as águas, fazer sobreviver os homens, criar os filhos numerosos demais, instruir os analfabetos e os escolares, libertar as mulheres de sua escravidão, rechaçar os perpetuos invasores.

Cinco chineses em seis vivem nos campos. Cinqüenta sextos do território chinês são praticamente proibidos para os estrangeiros. O que deduzir, então, da visita organizada de uma cozinha popular nas proximidades de Cantão? A rotina de uma "exposição de vitrina", visualmente funcionando há anos, termina com uma excelente refeição oferecida aos "amigos estrangeiros". "Quantos grupos e delegações recebem por mês?", perguntei ao "executivo" que apresentava sua comuna. Respondeu, inocentemente: "Não mais de 15 por mês..." Mas os viajantes que voltam da China param-se com frequência com aquele turista que teria uma opinião sobre o conjunto da Europa depois de visitar uma parte da França, a mais rica. Sem contar a arte extrema, a herança dos soviéticos, de só deixar que "o hóspede estrangeiro" veja o que querem que veja. Como dizia um amigo chinês: "Os visitantes aqui são nosso velho provérbio: 'Respirar as flores do alto do cavalo'..."

Faucos tratores, nem uma máquina, alguns caminhões. A China das mãos nuas mudou, progrediu. Depois recuou. Os chineses de hoje dizem que, se é preciso meia hora de trabalho nos Estados Unidos e uma hora e sete da França para cultivar durante o ano 1/15 de hectare, na China, para cultivar a mesma superfície ainda são precisas 10 a 100 horas

do trabalho humano. E reconhecem que, desde a coletivização e a instauração das comunas, o lote individual concedido aos camponeses, cujo produto podem vender no mercado livre, representa 5% das terras cultivadas — e 20% da produção agrícola. Mas uma brochura em inglês, publicada em Pequim no fim de 1977, e que pode ser encontrada em todos os hotéis, intitulava-se "Como a China conseguiu ser auto-suficiente em cereais". Surgiu no mesmo ano em que o déficit de cereais da China bateu todos os recordes históricos. Mas se, há 20 anos, as estatísticas chinesas são "contas fantásticas" e adulteradas, a recente decisão de dar enfim os números exatos revela a situação real. No fim da sessão de junho de 1979 da Assembleia Nacional Popular, o vice-primeiro ministro Yu Quill afirmou que a renda média anual de um operário é de 644

yuans (cerca de 1.800 francos) por ano. E a de um camponês é de 73,9 yuans (cerca de 200 francos)...

"Mao, não conheço!" Depois de algumas semanas, torna-se uma obsessão. E visto em toda parte. Pensa-se ainda nele. Nunca se fala nele. O presidente Mao, na China de 1979, goza de uma posição estranha: a de uma presença-ausência, de um existir-não existente. Uma espécie de Espírito Santo, formalmente reverenciado, praticamente evacuado. Para todos os chineses que encontro, da rua ao topo, a China sai de um cataclismo comparável apenas às desgraças da guerra contra o Japão, de um desastre análogo ao que teria sido um terremoto de 10 anos.

Um bom gênio tutelar, Mao, e o pensamento maoísta, durante todos esses anos, velaram paternalmente sobre a China. Ignorando, aliás totalmente, que sob sua égide uma incrível sucessão de canaias fascistas estava torturando o corpo ofegante da fina quenda do presidente Mao, a China. Gênio tutelar castrado, o Grande Timoneiro só se rodeava de criminosos: Liu Shaoqi, (aliás perdoado de fato há algumas semanas), Lin Biao, "a Camarinhada dos Quatro", cuja alma danada era a própria mulher do Grande e Sábio Dirigente.

Não teria eu sonhado que Mao existiu? Creio me lembrar de tê-lo conhecido. Seria uma lembrança ilusória, a sensação de um falso reconhecimento? Seria eu (com todo um povo) a vítima de um encantador sutil que brincaria conosco como o mágo de "A Vida é um Sonho" ou como o genio maligno de Chuangzi (Tchuang-Tseu) e de Descartes? Seria eu uma borboleta que sonha ter visto Mao ou Mao que sonha ter sido uma borboleta?



Ainda o culto a Mao

Para ficar com a consciência tranquila, fui rever a casa em que Mao nasceu, em Shaoshan, no Hunan. E fui visitar em Pequim sua múmia embalsamada no mausoléu de Tian'an Men.

Em Shaoshan, a casa é sempre muito bonita. Rica e sóbria morada de camponês abastado, com seus belos móveis, seus objetos, seus utensílios, que fazem pensar em uma reconstituição de muito gosto para um museu das Artes e Tradições populares chinesas. Todos na aldeia se chamam Mao. Como o guia que se dirige às ilhas de visitantes é muito cansativo, vou visitar, sozinho, a vizinha, uma outra senhora Mao.

Recebe-me gentilmente, em uma casa muito modesta. Oferece-me chá verde. Fez questão de dar-me de presente um de seus objetos de valor, uma taça dobrável de plásti-

co rosa que é um dos presentes mais comove-
tes e belos que me foram dados por uma China
que nunca foi mais bonita em presente.

A senhora Mao, a viúva, parece estar
certa de que o presidente Mao existiu. Mostra-
me uma foto colorida de 1959, ano em que o
presidente foi a Shaoan para rever sua casa
e seus vizinhos de aldeia. Ela tem nos braços
um garotinho, que outra foto mostra, 20 anos
mais tarde, com o uniforme verde ornado de
vermelho do EPL. Belo rapaz, simpático. Com
três ou quatro anos, olha com fervor na pri-
meira foto o bom presidente que se prepara
("É para você comer melhor, meu filho") para
o Grande Passo à Frente. Jukuel compre-
ender que o filho da senhora Mao voltou recente-
mente do exterior, sem dúvida fora "dar uma
lição" aos vietnamitas. A senhora Mao orgu-
lha-se dele. Está feliz porque voltou vivo do
Vietnã. Alegro-me com ela.

Bem. Parece indiscutível que Mao Tsé-
tung nasceu em Shaosnan, em 26 de dezembro
de 1893. No vizinho Museu Mao, as coisas
confundem-se. Segundo os documentos e as
fotos expostos, Mao jamais teria conhecido
um número impressionante de pessoas que as
mús linguas a soido da CIA e de Taiwan
alegam, no entanto, que foram seus compan-
heiros. Não há sinal de Li Lisan, do marechal
Peng Dehuai (dizem-me que este foi reintrodu-
zido depois de minha passagem). Gao Gang,
Liu Shaoqi, Lin Biao, a quarta esposa, Jiang
Qing, mas também a primeira e a terceira,
desapareceram dos anais fotográficos do reino
sem deixar sinais. (Segundo a nova vulgata,
Mao jamais amou senão uma só mulher, a
segunda esposa, Yang Kaihui, fuzilada em
1930 por um "senhor da guerra".) Com esses
"não existentes" desapareceram dezenas de
protagonistas da história, desde os anos de
Changsha até o reinado dos "Quatro". ("O
stalinismo", disse-me um dia Ilya Ehrenbourg,
"é a dominação total do tempo: o presente, o
futuro e o passado são propriedades do Esta-
do".)

De volta a Pequim, o horroroso congelador
sagrado estilo arquitetura "Exposição de
1930-urbanismo hitler-stalinista" obstrui,
no centro de Tian'An Men, a gloriosa perspectiva
que outrora se estendia, soberana, da fachada
da Cidade Proibida até a porta Qian Men e a
porta Cheng Yang Men. Como se em Paris
tivessem construído um refrigerador gigante
de concreto, tapando o eixo Louvre-Arco do
Triunfo.

Portanto, ajuzadamente entrei na fila, na
praça, uma manhã bem cedo, em fileiras de
quatro. Um sopro de ar condicionado gelado
(luxo inaudito, o único ar condicionado de
toda a China) cai sobre meus ombros enquan-
to nos aproximamos do sarcófago de cristal.
As quatro sentinelas em posição de sentinela
não estremecem mais do que um horse guard
de Buckingham Palace.

Pois bem, sim. Ele está lá: o resto de
cabelos cinzentos no topo da testa. Os olhos
fechados. As rugas paralelas na testa. A verru-
ga no queixo. E essa prega amarga murmurada,
no canto da boca, sobre o queixo espesso e
duro, aço fundido na frouxidão de uma carne
de anelão. Mao Zedong, portanto, viveu real-
mente. Portanto, morreu realmente em 9 de
setembro de 1976.

China soviética. Na verdade, dos oficiais ou
semi-oficiais que contornam cuidadosamente
o "caso Mao" para concentrar sua "crítica" em
Liu Shaoqi (ouzem), sobre o infame Lin Biao e
sobre o "fascismo vermelho" da "Camarda
dos Quatro" (hoje), aos inúmeros jovens cujo
pensamento fervilha, mas que dizem as coisas
claramente e afirmam com franqueza que
Mao, nos últimos 15 ou 20 anos, fez tanto mal,
ou mais, a seu país quanto fez bem antes,
ninguém mais conta fábula sobre o Grande
Líder.

O sistema do partido único, o apetite de
poder do novo intrusor proclamatório, as lutas
de feras de seus dentes entre si, os delírios da

ideologia e a loucura utópica combinaram-se
para arrastar a China, que mal se recuperava de
um século de graves dificuldades e de milhões
de pobreza, para uma sucessão de cataclis-
mos: um desastre provocado pela mão do
homem. Essas consequências fatais, sem dúvi-
da, já se encontravam em potencial desde a
fundação do Partido Comunista Chinês, mas
disstimuladas pelo fato de que o regime dos
senhores da guerra, a ditadura de Chiang, a
ocupação japonesa, o "caos chinês" eram piores
do que tudo.

O ódio profundo (e Justificado) que os
chineses têm pelos russos não nos deve dissi-
mular que um "stalinismo de olhos vendados"
continue sendo um stalinismo. Que a China
Popular, chela de subterrâneos por medo de
uma invasão russa, em que, nos filmes de
espionagem e de aventuras, o vilão é sempre
um sinistro soviético, continua institucional-
mente soviética. Ou seja, um país sem sovietes
do povo. Da estrutura do Partido-Estado à
organização do "Inturist" chinês, a Luking

she, da "língua de madeira" ao ritual de para-
das, desfiles, assembleias, da imprensa este-
reotipada ao isolamento asséptico do país por
uma "cortina de bambu", da hierarquia piram-
idal de um "aparelho" que quadruplica cada
átomo de espaço e cada segundo de tempo, a
China é a cópia anti-soviética da sociedade
soviética. Que uma China real e viva, muito
diferente da Rússia soviética, persiste em vi-
ver e em sobreviver sob essa piaça de enlame
não impeça que o sonho de um socialismo
"diferente", que eu pude alimentar na época
de "Chaves para a China" e que duas gerações
de maoístas ocidentais perpetuaram, apesar
da prova pelos fatos, continua sendo uma
quimera.

A partir da explosão de descontentamen-
tos que surgiu sob as Cem Flores e da reivin-
dicação de uma democracia verdadeira (conti-
nua desde então sob o gelo burocrático), Mao
acelerou a vertigem de uma "ruça para a
frente" que se tornou uma cavalcada infernal.
A fome carnívora do poder, os ódios entre
faccões no topo, a embriaguez ideológica espe-
zinham e manipulam, sem vergonha, o infeliz
povo chinês. O talento de Mao concentra-se na
tradição chinesa do estrategema político.
Aplica, durante 20 anos, uma arte de astúcia
sinistramente admirável.

Grandes sobressaltos à frente. Mao deu na
história o mais prodigioso exemplo de uma
invenção do "movimento perpetuo" da revolta
à sujeição: o que "vai mal" na China há 20
anos é utilizado por ele como o combustível
que faz avançar pelos trilhos a locomotiva da
história, conduzida imperturbavelmente pelo
Grande Maquinista. As Cem Flores fazem
aparecer a insatisfação profunda do povo?
Portanto, em 1958, Mao lança o Grande Passo
à Frente. O Grande Passo leva a China para o
Grande Abismo, desorganiza a indústria, pro-
voca as carestias nos campos? Mao quebra
então o termômetro, suprime o Departamento
de Estado das Estatísticas, equipado por dar
números deprimentes, e liquida os que ousa-
ram criticá-lo, como o marechal Peng Dehuai.

Os stalinistas pragmáticos, entretanto,
conseguem pô-lo de lado? Apóia-se, então, na
profunda rebelião interna da juventude e das
massas, sobre seu ódio contra os burocratas e
o aparelho, e lança guardas vermelhos no
ataque dos adversários, desencadeando a
GRCP. Varridos seus rivais, tem "nas mãos"
milhões de jovens que herdaram no "discur-
so" revolucionário da "Revolução Cultural" e
que, ingenuamente, se tornam insuportáveis.
Não seja essa a dúvida! A grande deportação
em massa de uma geração espalha pelos cam-
pos esses milhões de "jovens instruídos". Vão
empregar sua energia canalizada e desviada
para o "trabalho manual", forçado, extintos
em aldeias lá naturadas de mão-de-obra. Esses



O jogo da disciplina

A "Primavera de Pequim" durou apenas o tempo de um almoço de sol. Uma série de detenções, espetaculares ou discretas, levou os contestatários e os partidários de uma "democracia socialista" real a reunir-se na prisão com os cúmplices da Camarilha dos Quatro.

Porém, ao menos nas cidades, o governo atual, em seu esforço para arrancar a China de sua miséria secular e do atraso provocado por Mao, está enfrentando contradições que, no momento atual, parecem insolúveis.

Pois parece impossível encorajar a audácia, a curiosidade intelectual, o espírito de inovação e de pesquisa, a abertura para a modernização, aplicando o princípio da célebre entrada de circo dos painhaços Footit e Chocolat: "Vamos lutar boxe. Quando eu disser: 'Comece!', você começa. Quando eu disser: 'Cesse!' você para". A regra do jogo assim estabelecida, Footit desferia um terrível direito no queixo de Chocolat, gritando num só fôlego: "Comece-Para!". Mas, de baixo para cima, o povo chinês não está mais disposto a obedecer a "Comecem-Para!" absurdos.

Pois parece impossível tentar a tal preço fazer entrar divisas para comprar equipamentos, desenvolvendo a todo vapor o turismo, derramar sobre as grandes cidades rebanhos, aos milhares, de americanos, de alemães, de franceses, de australianos e de chineses do exterior às dezenas de milhares, anunciando todas as manhãs no Renmin Ribao que o governo já recebeu aqui uma missão comercial americana, ali um grupo de banqueiros ocidentais, uma hora depois técnicos da Alemanha Ocidental e — ao mesmo tempo — exortar o povo a evitar qualquer contato com os estrangeiros e fugir como da peste da corrupção ideológica. É sempre o princípio do "Comecem-Cessem!". "Devemos deixar a juventude estabelecer contatos com o mundo exterior", escreve o Renmin Ribao, "mas isso não significa que seja necessário deixá-los livres nesse setor". Quadratura do círculo...

Pois parece impossível lançar uma campanha de massa (coroada de êxito) para que a juventude aprenda o inglês e as línguas estrangeiras, porque a China tem necessidade urgente de tradutores, de intérpretes, de redatores comerciais, de pesquisadores, e proscreeva, no mesmo movimento, qualquer contato com aqueles que, justamente, falam essas línguas.

Pois parece impossível, enfim, despertar o entusiasmo do povo chinês anunciando a eclosão de novas Cem Flores, prometendo ajudar uma nova "libertação dos espíritos" — enquanto todos aqui se lembram que as primeiras Cem Flores terminaram com milhares de detenções, de deportações e de execuções.

Millhões de incrédulos. Em toda parte, de Cantão a Pequim, do limiar da casa em que Mao nasceu em Shaoshan às portas do Mausoléu de Tian'An Men, conversei com esses "jovens instruídos" que voltaram, com o dolo no coração, de longos exílios nos campos. Com antigos guardas vermelhos que perderam sua alienação coletiva. Com operários ganhando 40 ou 50 yuans por mês. Com estudantes. Filhos mais ou menos com facilidade um inglês com frequência hesitante. Todas as vezes fiquei impressionado com seu sotaque: mais americano, em geral. "Vocês aprendem inglês com as aulas de inglês diárias da Rádio Pequim?" "Oh! Não, é inglês-chinês. Ouvimos a BBC e principalmente a Voz da América".

que impedem que o governo reine sozinho, desde então, neutralizados durante anos. O Partido retorna o domínio das coisas. Lin Biao é o branco direito, o coraço vermelho do regime, o discípulo predileto do Messias, o companheiro de seu evangelho, o "Pequeno Livro Vermelho". É o herdeiro designado. A China tem uma necessidade vital de engenheiros, de médicos, de agrônomos, de químicos, de físicos, de geólogos, de veterinários, de cientistas, de tradutores, de inventores? Portanto, durante anos, fecham-se os institutos e as universidades, substitui-se o ensino pelo "meeting não-stop", destroem-se os tesouros culturais, aboli-se a pesquisa, fecham-se os museus, suprimem-se as artes, proíbem-se a filosofia, a música, a ópera, a física, todas as ciências e toda a literatura. Um prodigioso deserto cultural é criado metódica e pela "Revolução Cultural".

Regiões inteiras da China estão em guerra civil, formam-se "bandos", ressuscitam os "señhores da guerra", luta-se com canhões nas províncias. A demografia, perigo número um da China, que Mao, tardiamente, concordara em tentar controlar, é negligenciada. As curvas de natalidade aumentam em ritmo galopante. Cada ano, surgem no mercado de trabalho milhões de jovens. As bocas a alimentar tornam-se cada dia maiores em número as farras de uma produção saotada. Um operário escreve ao Renmin Ribao que desde a GRCP passou em média, sobre 12 meses de trabalho, nove meses em sessões de reuniões, discussões, "críticas" e acusações. Se milhões de chineses, entretanto, continuam a trabalhar, recriar, inventar, criar, é apesar do regime, contra o Estado, lutando ou trapaceando para escapar à tirania louca da burocracia.

E, enquanto Mao mergulha na embaixagem poder total, e depois na senilidade, a China mergulha no abismo à beira do qual acorda hoje.

Come-ou-para! Mas a teoria dos maolistas ocidentais é radicalmente falsa. Conhece-se a música e a canção: essas pessoas são fundamentalmente diferentes de nós, não praticam nossa lógica, evacuaram o conceito de tempo, ignorado pelos chineses, não têm libido, etc. Conclusão: pode-se fazê-las engolar e so-

frir o que quer que seja, é sempre bom demais para elas.

O "Muro da Democracia" já não passa, na Avenida Changan-jie, perto do "Hotel das Nacionalidades", de um depósito de dazibaos na maioria anódinos, decifrados por basbaques cada vez mais raros e vigiados por policiais à paisana mais numerosos. (Jovens chineses de fato duas vezes à minha pergunta uma resposta que a boa me intriga: "Como reconhecem o pessoal da Segurança à paisana?" "Por seus botões...") Se os três autores do mais célebre dazibao — que René Vlenet publicou na França sob o título "Chineses, se vocês soubessem", assinado por Li Yitue, foram postos em liberdade em fevereiro, o poder, aqui como na URSS, pretende que a desmazonagem seja feita à seu ritmo, nos limites que impõe e segundo as formas que edita.

Em 17 de março, uma "decisão" do Comitê Revolucionário de Pequim, revelador em suas proibições da verdadeira situação, prescreve: 1. As reuniões e as manifestações devem obedecer às ordens dos agentes de polícia e não devem perturbar a circulação; 2. É proibido invadir os órgãos do Partido, do governo e do Exército; 3. É proibido incitar as massas a criar perturbações e espalhar rumores; 4. É proibido interceptar os carros; 5. É proibido pegar dazibaos, dazibaos, jornais murais ou outros cartazes nas ruas, nos edifícios ou lugares públicos, com exceção dos lugares reservados para esse uso; 6. Estão formalmente proibidos os jornais, dazibaos, jornais murais, publicações, cartas que se opõem ao socialismo, à ditadura do proletariado, à direção do partido comunista, ao marxismo-leninismo e ao pensamento socialista ou que divulgam segredos de Estado ou infringem a Constituição e a lei.



As ilusões do Ocidente

Esses jovens auto-didatas, que fazem ao "estrangeiro" as perguntas mais vivas e as mais inteligentes sobre a organização política dos outros países, sobre as conquistas sociais dos operários ocidentais, sobre o direito de greve, sobre a informação, as licenças remuneradas, a segurança social, etc. não têm do "Ocidente" uma visão tão ingênua como se poderia temer. Não se parecem, em geral, com os jovens soviéticos para os quais, com frequência, o Ocidente parece ser um paraíso proibido e fabuloso, onde o rock, os carros esporte, a televisão e as estreias de cinema servem de pão diário para as massas. O jovem motorista de caminhão que viu em minha mão um exemplar das "Memórias" de Nixon em chinês, que eu acabava de comprar (pura perversidade) na livraria da rua Wang-Fu-Jing, fez uma careta de nojo maliciosa ao ver minha aquisição.

Ao sair do cinema ao ar livre do Parque dos Heróis da cidade em Changsha, onde eu acabava de ver "Luzes da Ribalta" dublado em chinês (e seguido pelo auditório mais fino e mais rápido que se possa imaginar), o jovem cozinheiro e seus companheiros de unidade com os quais estivera conversando haviam-se tornado, ao sair da "Revolução Cultural", indivíduos absolutos, mas de forma alguma pletas "reacionistas". "O socialismo, sim, mas o cretinismo, não", podera resumir seu ponto de vista. E, na multidão que se comprime à noite em Pequim, na rua Da-Zhalang, onde a municipalidade resolveu que as lojas ficam abertas à noite das 8 às 10 horas (depois até as 10hs e meia, diante do êxito da iniciativa), um grupo de jovens (um mecânico e dois operários têxteis) arrasou-me improvisamente em uma discussão sobre os meritos e os defeitos de Napoleão.

Quando disse (um pouco sumariamente) que Napoleão fora primeiro "o gládio armado da Revolução", depois um déspota malefico que deixara a França exangue e arruinada, Yu, o electricista, concluiu: "Exatamente como nosso presidente!... Fez muito bem no principio. Depois, um grande mal no fim".

Se a "deszação" de 29 de março tentou, no topo, deter uma "desmaoização controlada", a desmaoização na base está apenas começando. Em milhares de cabeças jovens, ergue-se e fermenta uma China de incredulidade.

Ciência "burguesa". Não direi, certamente, que "Corações Leais", a peça de Su Shuyang, novo dramaturgo de "apos a Camarilha dos Quatro", é uma obra-prima. Encontram-se nela todas as palavras de ordem atuais: 1. Crítica à Camarilha dos Quatro; 2. Exaltação da grande figura do quele que nunca ninguém chama senão de "nosso bem-amado primeiro-ministro Chu En-lai", desrito como o oponente número um da Camarilha. Com o marechal Chu De, é o mais popular dos líderes desaparecidos. A graciosa manifestação espontânea de 5 de abril de 1976 em Tian An Men é testemunha disso, aliás, reprimida sob a férula do atual presidente Hua Kuo-feng, sob cuja égide espalha-se a imagem e a lenda de 5 de abril como a de um grande movimento revolucionário; 3. Apelos para as "quatro modernizações" do programa de Deng Xiaoping, e parti-

cularmente para a modernização das ciências.

O enredo da peça é "exemplar". Um grande médico, o doutor Fang, encontrou um remédio milagroso contra as crises cardíacas. A "Camarilha dos Quatro" percebeu Fang, porque só os burgueses são atingidos por crises cardíacas: os corações proletários ignoram o enfarte. Fang, portanto, é acusado de ser um contra-revolucionário. Vai ser esmagado, mas o primeiro-ministro Chu En-lai toma sua defesa. Sua intervenção leva os Quatro ao nuge da irritação. No entanto, malogram. O doutor Fang triunfa. Seu medicamento é adotado em toda a China. Mas sua alegria é empanada

porque, na hora da vitória do dentista, seu protetor esclarecido, o primeiro-ministro Chu En-lai, morre de câncer. (Assistí, em Changsha, a uma balé moderno em que um jovem estudante de matemática dança um passo de hesitação diante da dificuldade das equações. O primeiro dançarino aparece, exarçado de Chu En-lai, e impele o estudante em dificuldades a atacar o saber. "Pas de quatre" entusiasmático, fita magnética de um discurso "real" de Chu En-lai apelando para a China para elevar seu nível científico, dança final alegre e viva. Grandes aplausos.)

"Corações Leais" é teatro de propaganda, sem dúvida, e não do melhor. Mas, no avião de volta para Paris, conheci o professor Hu Cheng, da Academia de Medicina, chefe do departamento de Oftalmologia do Hospital da Capital de Pequim. Ia aos Estados Unidos com um grupo de médicos para estudar as novas técnicas medicas descobertas no Ocidente desde o isolamento total dos cientistas chineses. O professor Hu é um homem ponderado e culto, pouco inclinado para a guria del comando e as palavras de ordem de propaganda. Entretanto, o que me contou durante as 13 horas de voo faz estremecer.

Um exemplo: o Comitê Revolucionário de seu hospital havia decretado a luta contra os dogmas burgueses e os "antigos metodos". Os "revolucionários" haviam decidido que a desinfeção repetida e meticulosa antes de uma operação pertencia à categoria dos "metodos antigos", dos "dogmas burgueses" e do "confucionismo". Em um hospital, portanto, os "revolucionários" decidiram que "o estetoscópio, a seringa e a pá de lixo devem ser manejadas por todos, do professor ao faxineiro". Apesar do combate incessante aos cirurgiões, os "revolucionários" simplificavam a assepsia. E os casos de infecção pós-operatória multiplicavam-se.

Quanto aos médicos "formados" durante os anos da "Revolução Cultural", o professor Hu Cheng recela que seu nível seja muito baixo.

Política no leme? Naufrágio da ciência.

Desmaoizar com Mao. A desmaoização, indispensável se a China quer sobreviver, opera-se, portanto, com o metodo celebre, e muito chinês, do leitologo que, para criar uma espécie de peixe capaz de viver sem agua, tira do aquário de seus ciprinóides uma gota de agua todas as manhãs, esperando assim que, um belo dia, conseguirão respirar no ar, sem ter percebido sequer que tiraram sua água.

Não se deve criar de repente um "estado de carência" entre um povo muito brutalmente desintoxicado, um povo do qual cinco sextos vivem nos campos, revelnado-lhe, da noite para o dia, que seu deus vivo morreu e que, aliás, no fim de sua vida, esse deus vivo já não era mais um deus, mas um pobre e velho diabo.

É preciso, ao mesmo tempo, concentrar os ressentimentos das massas e seus descontentamentos sobre bodes expiatórios convenientes: os mortos (ontem Liu Shaoli e Lin Piao sempre), e os Quatro, o grupo dirigente que, em um abrir e fechar de olhos, o chefe da guarda proletária de Mao, Wang Dongxing, comandante da célebre "Unidade 8341" encarregada da proteção do Comitê Central e das operações mais secretas da polícia, deteve um belo dia.



Uma hierarquia rigorosa

Enfim, é preciso não preocupar demais a nova classe dirigente. É preciso respeitar as facções e as "díques" do topo, os que aguardam sua vingança e sua hora. É preciso lisonjear os 30 milhões de "executivos" habituados à escala de privilégios e de poderes de que desfrutam. Pois tudo é rigorosamente hierarquizado na classe dirigente, da informação à alimentação, da habitação às viagens. Informação: o pequeno executivo recebe um boletim de notícias um pouco mais completo do que o Renmin Ribao e assina por diante, até os executivos superiores que tem direito, todos os dias, a "Materiais de referência", um grande caderno de artigos traduzidos da imprensa estrangeira. "Materiais de referência" publicou notadamente o essencial de "Sombras Chinesas", de Simon Leys, e diversos grandes ensaios da coleção "Harvard East Asian Monographs" sobre a China maoísta. Privilégios ainda, segundo uma escala rigorosamente estabelecida, nas rações, no acesso ao fornecimento de produtos especiais (segundo o modelo soviético), no direito de viajar de avião, de trem "de luxo", de trem "de segunda", de dispor de um carro ou de uma bicicleta... Essa classe dirigente é por natureza conservadora: há conservadores do "revolucionarismo".

Uma desmaiozização que preserva o ícone, prolonga as genuflexões piedosas e distraídas, mantendo a prática das litânicas, é a China de 1979.

O ribombo do silêncio. Nos estrados oficiais, no rádio e nos jornais, na rua e nos desígnios já proibidos (mas que voltarão, sem

dúvida), agora a China fala. Não fala, no menos oficialmente e em público, de assuntos proibidos. Do tema proibido: o presidente Mao. Mas grita o que acaba de sofrer há 29 anos, que nunca mais quer reviver isso. "O povo não ficará sempre silencioso!" exclama Ouyang Ping, o herói da peça "O Ribombo do Silêncio", que dezenas de milhões de chineses viram nos teatros e pela televisão. Um melodrama político? Sim. He Chufei denunciou outrora, falsamente, um companheiro de combate, Mei Lin, que lhe salvara a vida antes da Libertação. A filha do delator, tornada agente da segurança pública, procura um "contra-revolucionário ativo", culpado de ter distribuído clandestinamente uma coletânea de poemas celebrando a manifestação de Tian An Men de 5 de abril de 1978. A jovem policial descobre com horror que ele não é outro senão aquele que ela sempre amou, Ouyang Ping, o filho da vítima de seu pai. Situação cornelianiana. Certamente, os partidários da Camarilha dos Quatro são, finalmente, desmascarados, mas, aguardando essa hora que se aproxima, Ouyang Ping é preso. Parte para a prisão, certo da vitória final, certo de reencontrar a jovem agente da segurança, cujos olhos finalmente se abriram.

Em epígrafe a seu drama, o jovem autor, Cong Fouxian, operário de uma fábrica de termomecânica de Xangai, que, a princípio, escrevera sua peça para uma companhia de teatro amador, inscreveu o verso célebre de um poema de Lu Xin: "E, no silêncio, ouço o ribombar do trovão."

Embora as prisões engulam ainda, hoje e amanhã, os que ousam falar, alto demais, mais depressa e mais energeticamente do que desejariam os senhores da China, "O Ribombo do Silêncio" de um povo despertado, sem ilusões, não me parece próximo a extinguir-se. Ainda que, amanhã, depois de amanhã, seja novamente sufocado pelos aprendizes de felicidade do "bunker" de Zhongnanhai, a nova Cidade Proibida que se limita com a antiga — cidade mil vezes mais proibida e secreta do que jamais o foi o velho recinto dos palácios imperiais.

"Bunker" chinês de Tian An Men, onde, há anos, se desenrolam, atrás do distorcer de palavras de uma ideologia em delírio, as lutas selvagens das grandes feras do poder "popular", do governo do povo pelo "pensamento maoísta", pelas intrigas de palácio e pelo golpe de Estado permanente. Equivalente a nosso slogan: "Os pais bebem, os filhos bradam", o provérbio chinês diz: "Quando os senhores do Império perdem a razão, os homens do povo desfinham."

(Copyright: Le Nouvel Observateur)

Conheça a China

No momento em que começa a abrir-se para o Ocidente, em busca de modernização, após 30 anos de Revolução, a China converteu-se no país mais estudado do mundo — e no entanto continua sendo um dos menos conhecidos. Nesta e nas três páginas seguintes, nosso correspondente em Pequim, Jayme Martins, descreve o dia-a-dia dos chineses — quase um bilhão de pessoas: como vivem, como trabalham, quanto ganham, o que comem, como se distraem. Ainda neste caderno, análises sobre o modelo chinês de produção, sobre o Exército e sobre a política externa de Pequim. E mais: a presença da China no Brasil.

Uma escolha livre: casar.

É festa de casamento. A sala e toda a casa estão fervilhando de gente. Sentado ou de pé (que o espaço não é muito), cada qual com uma tigela e dois palitos nas mãos saboreia uma sopa de macarrão. O macarrão comprido é um prato obrigatório em muitas festas de casamento chinesas. Sentados no lugar de honra, os noivos têm diante de si uma enorme tigela comum, da qual cada um chupa um fio de macarrão, comprido de não acabar mais. E não pode reventar. Quanto mais comprido se engula, mais duradoura será a felicidade do jovem par. E isso tudo em meio a repetidos "kambês" (os brindes de esvaziar o copo). Chovem chistes e piadas doces e picantes, ingênuas e marotas. E quando a tigela dos noivos se esvazia, todos explodem em aplausos, ovações e gritaria, lembrando muito nos- sas velhas festas de casamento, com todos aqueles vivês ao noivo e à noiva, aos pais e aos

avós e aos padrinhos de ambos.

Este jovem par — ela, Song Chen Qing, e ele, Chen Yun Chui — casa-se hoje, dia 1º de outubro, trigésimo aniversário da proclamação da República Popular da China. Ela tem 27 anos e ele, 29. Ambos diplomaram-se pela Universidade de Pequim em 1975. Como eram excelentes alunos, foram escolhidos para o quadro de professores da própria Universidade. Ela, na Faculdade de Geologia, ele, na de Literatura Chinesa.

Colegas de escola superior durante três anos, sentiram-se atraídos por uma série de simpatias e quando deram pela coisa já estavam namorando. No outono passado, Yun Chui pediu Chen Qing em casamento. Segundo a tradição, os noivos consultaram os pais, e estes concordaram. Ambas as famílias já preveem o enlace (torcem até) e estavam perfeitamente insatisfeitas, uma a respeito da outra.

Brasilinvest pode vender

Quê lato é indispensável.

O casamento na China também tem a sua parte legal. A papelada. Para isso, eles informam um na respectivas unidades (incluive para conseguir uma casa) e o departamento do pessoal forneceu-lhes cartas de apresentação para o cartório. Com estas e mais as respectivas cartelas de trabalho, eles estiveram nessa repartição alguns meses atrás, a fim de preencher as formalidades legais. A essa altura já haviam fixado a data do casamento. Como eles, outros milhares de jovens se casam no 1º de outubro, que é a Data Nacional, ou no Ano Novo ou na Festa da Primavera, os dias mais propícios ao casamento na China.

A formalidade no cartório é simples. Após formular algumas perguntas sobre suas relações e intenções, a fim de certificar-se de que decidiram livremente casar-se, o escrivão preenche solenemente (com pince) o atestado de casamento em duas vias para "guardar por toda a vida". Este ato não exige testemunhas. Feito isto, os noivos estão legalmente casados e são reconhecidamente livres para viver como bem entenderem. Mas os nossos dois heróis preferiram esperar o 1º de outubro, e continuaram namorando...

Hoje, chegada a data do casamento, segundo o costume, os familiares, amigos e colegas dos noivos foram convidados para uma recepção em casa do jovem casal. Os amigos velhos do pelo trouxeram presentes individuais: Os colegas de trabalho fizeram uma "vaca" e ofereceram-lhes quase todos os utensílios de uso diário. Os pais também decidiram fazer uma "vaca" e a festa de casamento termina à noite na casa dos pais do noivo, com o festivo banquete a que estamos assistindo. (As vezes, este jantar se realiza num restaurante, em salão especial.) Depois disto, os mais íntimos costumam acompanhar os noivos até sua residência e sempre em meio a muita bulha.

Oficialmente, os noivos têm três dias de descanso. Mas, em geral, o casal acumula folgas anteriores e chega a passar até um mês era lun-de-mel.

Isto tudo é muito diferente do casamento na velha China. Por exemplo, a mãe de Chen Qing, a senhora Chang Xiu Wen, hoje belrando os 60, nos diz que não teve direito nem de escolher seu noivo. Quando tinha 23 anos, seus pais combinaram com um casamenteiro e ela teve de casar-se com Song Ji Chun. Só no dia do casamento ela soube que seu marido era um homem onze anos mais velho que ela. Nesse dia, envergando o traje vermelho tradicional e com a cabeça coberta com um lenço vermelho, Xiu Wen foi levada num palanquim

fechado à casa de seu futuro marido, um homem que nunca tinha visto e sobre quem não tinha o menor conhecimento. Chorou e ralhou com sua mãe, negando-se a viver com tal homem, mas esta a aconselhava condoida: "Este é o nosso destino, minha filha."

A China viveu milênios sob o domínio feudal, no qual as mulheres eram tratadas como um objeto de propriedade particular. Em 1918 ocorreu um incidente na cidade de Changsha, capital da Província do Hunan. Uma jovem suicidou-se no palanquim, a caminho da casa do marido desconhecido. Isto despertou veemente campanha de denúncia contra o sistema feudal de casamento. Um incidente deste tipo serviu de tema para o escrito Ba Din (candidato ao próximo "No-

vel" de Literatura) escrever emocionante capítulo de seu mais famoso romance, "A Família".

Logo depois, eclodiu o Movimento 4 de Maio de 1919, o estopim da revolução democrática na China e desencadeou-se uma longa luta contra a moral feudal e pela emancipação da mulher.

Após a proclamação da República Popular, em 1949, o direito da mulher escolher livremente o noivo foi incluído na Constituição. A Lei do Casamento, promulgada em 1952, também garante esse direito. Os princípios básicos dessa lei são: liberdade do homem e da mulher para casar-se, monogamia, direitos iguais do homem e da mulher à propriedade e à herança, defesa dos direitos da mulher e seus filhos, inclusive o direito da viúva de casar-se livremente outra vez — coisa inconcebível no passado.

Na cidade, a mulher capacitada tem seu emprego e ganha o mesmo salário que o homem (para trabalho igual). No campo, com a conclusão da reforma agrária em 1953, a camponesa passou a ter sua própria parcela de terra e sua própria renda. Pela primeira vez, ela tinha independência dentro da família.

Nessa ocasião, foram criadas comissões a todos os níveis, integradas por milhões de membros, encarregados de difundir a liberdade de casamento nas unidades de base. Estas comissões resolveram então inúmeros problemas de casamento forçado de antes da libertação. Elas tratavam de orientar os cônjuges briguentos, a fim de elevar sua consciência política e melhorar suas relações. Ao mesmo tempo, libertaram as noras menores e concubinas maltratadas pelo marido ou pela sogra. As noras menores eram compradas ainda meninas pelos pais de algum garoto, para um casamento futuro. Isto aconteceu até com Mao Tsé-tung, se bem que ele houvesse repudiado tal casamento, e dissesse que jamais chegou a conhecer essa sua "primeira esposa".

Segundo dados de 27 províncias e municípios centrais, 95% dos casais jovens que juntaram os trapinhos em 1955 o fizeram de acordo com a Lei de Casamento. Os 5% restantes não foram reconhecidos pelos cartórios por não atenderem às exigências da lei.

Assim, o sistema feudal de casamento, que havia imperado na China por milênios, foi por água abaixo. Depois da conclusão da reforma socialista das fábricas e outras empresas particulares, a partir de 1956, 57, 58, muitas mulheres deixaram de ocupar-se exclusivamente dos afazeres domésticos, passando a participar do trabalho social de produção, gozando dos mesmos direitos que os homens quanto a trabalho e salário. Assim tornaram-se independentes política e economicamente.

O princípio de retribuição igual para trabalho igual é válido também no campo. Mas, aqui, este princípio ainda não se efetivou totalmente devido à obstinação machista do homem, imperante durante milênios.

Além disso, nas regiões onde as idéias feudais ainda estão arraçadas, algumas pessoas, ignorando as estipulações legais, promovem o casamento forçado. Por estas e outras transgressões, a máquina de propaganda chinesa combate frequentemente os remanescentes caducos da velha sociedade, dando livre publicação a cartas de leitores que denunciam tais casos e difundindo editoriais a respeito.

Para o jovem casal, a cuja festa de casamento assistimos neste 1º de outubro, e para outros milhões de jovens pares chineses, o casamento contratado através de casamenteiros, o casamento de compra e venda, a concubinação são coisas de museu, que eles só conhecem de ouvir dizer, por seus pais, ou através da literatura

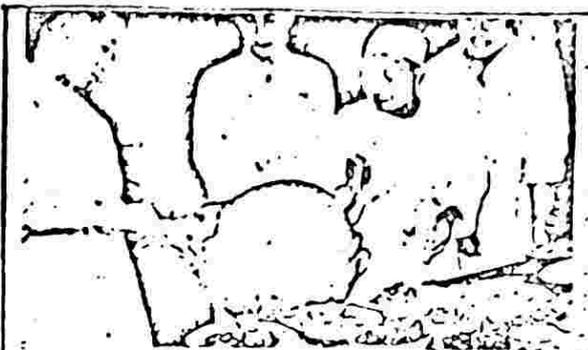
nas alguns yuans. Estas despesas são sempre cobertas pela unidade empregadora. O que sempre corre por conta do paciente é a alimentação.

Consta que, para cada mil chineses, existem, hoje em dia, pelo menos dez trabalhadores médicos (compreendidos aqui médicos, enfermeiros, sanitaristas e médicos "descalços").

A história dos médicos "descalços" começou em 1955, quando se decidiu "transferir o centro de gravidade do trabalho médico para o campo". Uma equipe médica ambulante, enviada à Comuna Popular Jiang Zheng, nos arredores de Xangai, por um grande hospital dessa cidade, além de tratar os camponeses e fazer o trabalho de profilaxia, tomou a iniciativa de preparar entre os jovens camponeses um grupo de higienistas, que não se desligavam do trabalho coletivo de produção. Ficaram encarregados de tratar das enfermidades comuns e frequentes com ervas medicinais, medicamentos ocidentais e acupuntura. Isto deu bons resultados, pois o médico "descalço" estava (teoricamente) sempre à mão para qualquer emergência. Casos que escapam à sua alçada, ele os encaminha para a clínica ou hospital mais próximos.

Hoje, eles já passariam dos dois milhões espalhados por todo o campo agrícola e pastoril da China. Dizem que eles constituem a "espinha dorsal" do sistema cooperativo de assistência médica. Trabalham normalmente no campo, como os demais, e participam da distribuição coletiva da renda. Os que se afastam da produção para atender algum caso, recebem os pontos normais, conforme sua capacidade de trabalho. Geralmente, eles trabalham em lugar fixo perto da aldeia, a fim de serem facilmente chamados, se alguém tem um mal súbito. Além disso, atendem os casos corriqueiros de gripes e resfriados, males intestinais e do estômago e outros casos comuns e correntes na aldeia. Aplicam as vacinas e injeções, trocam os curativos, dão orientações sobre higiene pessoal e coletiva, fazem as cocções de medicina herbácea, aplicações de acupuntura e outros tratamentos tradicionais chineses. Os mais habilitados são guindados para trabalhar nas clínicas e hospitais locais ou encaminhados para fazer cursos de aperfeiçoamento nos hospitais locais.

Quanto à origem do título, conta-se que, como se tratava de um camponês comum, trabalhando de pé no chão juntamente com os demais nos arrozais alagados, passaram a chamá-lo de médico "descalço". Inicialmente, o tratamento tinha caráter brincalhão e depreciativo (algo assim como médico pe-de-chinelo), mas, com o tempo, tornou-se título honroso.



Cheng Hai Ching
(o segundo da direita), um dos principais mestres da cozinha do Sichuan, ensina seus segredos a um grupo de jovens aprendizes.

Comida

Alguns dos mais famosos pratos antigos da cozinha chinesa estão reaparecendo nos restaurantes de Pequim, depois de terem sido banidos pela Revolução Cultural como ranço da velha sociedade. Recentemente foram inaugurados cursos de capacitação, a fim de preparar cozinheiros especializados nas quatro principais escolas da cozinha chinesa: a do Shandong, salgada e famosa por seus peixes e maniscos; a do Jiangsu — Zhejiang, adocicada, a do Sichuan, picante; e a do Guangdong (cantonês), conhecida por suas frituras. Como nos últimos 600 e tantos anos antes da República, Pequim foi capital de várias dinastias — Yuan, da nacionalidade mongol, ming, da nacionalidade han, e qing, da nacionalidade mandchu —, Pequim converteu-se no centro político e cultural mais importante do país, num núcleo de convergência de muitas nacionalidades, e aqui se aclimataram diferentes cozinhas regionais.

Entre os mais famosos restaurantes de Pequim, destacam-se o "Sha Guo Ju", fundado em 1741, o "Manzu", da nacionalidade hui (muçulmana), o "Kao Ruo Wan", especializado em carne assada, e o "Fang Shan", no Parque Bethal, muito conhecido entre os estrangeiros aqui radicados pelo nome de Restaurante do Cozinheiro da Imperatriz, porque nele trabalhava um dos últimos mestres-cucas do antigo Palácio Imperial.

Dentre os restaurantes especializados na cozinha do Shandong desta capital, o mais representativo é, de longe, o de Pato Laqueado, cuja origem remonta a uma pobre tenda instalada em 1854 na parte sul da cidade por um vendedor de patos shandonês. Seus principais cozinheiros continuam sendo do Shandong. O novo restaurante de Pato Laqueado, ou melhor, a Mansão do Pato Laqueado, é um edifício de sete andares, capaz de atender a milhares e milhares de comensais por dia.

O melhor restaurante pequinês dedicado à cozinha do Jiangsu — Zhejiang é o "Tong Cun Yuan", cuja obra-prima é o "peixe em folha de lotus". Outro, o restaurante "Yu Huan Tai" especializou-se em preparar enguia das manêiras mais diversas e apreciadas.

Um problema: como arrumar 20 milhões de empregos.

A China está proporcionando, este ano, sete e meio milhões de empregos, mas isto ainda está longe de ser suficiente para as necessidades atuais, agravadas com o acúmulo de déficits nesse terreno durante os anos anteriores. A necessidade atual é de 20 milhões! No próximo ano, a oferta de empregos deverá aumentar para 10 milhões, mas o mercado de mão-de-obra cresce anualmente a uma razão de três milhões. A orientação política oficial é de pleno emprego, mas isto só será possível dentro de alguns anos, se marchar mesmo a pleno vapor a empresa das "quatro modernizações", que implica um alto índice de desenvolvimento econômico.

Segundo informam as autoridades concernentes de Pequim, antes do fim do ano estarão colocados quase todos os 400 mil jovens pequineses aspirantes a emprego. Quase metade deles já está trabalhando em fábricas e outras empresas estatais, foram trabalhar no campo ou se matricularam em universidades ou institutos e escolas de formação profissional. Outros 83 mil estão trabalhando em cooperativas de compra e venda e de serviços (restaurantes, bares, carregadores, fotógrafos, etc.), recém-organizados com a ajuda do governo. Novas e novas cooperativas desse tipo estão em formação, a fim de colocar os demais. Com esta providência, a maioria dos jovens pequineses egressos do segundo ciclo secundário até 1978 estará colocada.

Estas cooperativas são organizadas pelos distritos em colaboração com os comitês das unidades residenciais ou de bairros. Em sua maioria, elas obtêm um empréstimo do governo, que tratam de cobrir logo após o início de suas atividades.

Algumas cooperativas dividem a renda

líquida entre seus membros, após reservar uma parte para a poupança. Outras adotam o sistema de salário. Os fundos de acumulação destinam-se a ampliar a produção e a proporcionar facilidades de bem-estar a seus integrantes. Informa-se oficialmente que a proliferação destas entidades de economia coletiva não se choca com a orientação do regime, uma vez que são consideradas simples complemento da economia socialista. "Elas não desenvolverão o capitalismo — assegurou-nos um dirigente do setor —, porque não há exploração." O governo as estimula e supervisiona através de organismos específicos.

A obtenção de emprego na China exige, cada vez maior habilitação do candidato. A fim de solucionar esse problema, o Estado promove a criação de mais escolas de formação profissional. Pequim, por exemplo, está fazendo grandes esforços para expandir esse setor de ensino, a fim de preparar mais mão-de-obra qualificada (operários, técnicos e pessoal administrativo) para o programa de modernização.

Dos 123 institutos e 209 escolas técnicas existentes nesta capital, 51 foram criadas este ano, o que permitiu a matrícula para o presente ano letivo de 20 mil estudantes menores de 22 anos.

Em cursos de pelo menos dois anos, formam profissionais para a indústria, agricultura, educação, saúde, transportes, finanças, comércio, belas artes, artesanato, etc. Os cursos de belas artes e artesanato são os mais longos (três ou quatro anos). Os que concluem o curso são automaticamente colocados pelo Estado em diferentes pontos do país, segundo as necessidades públicas e os interesses individuais, mas prevalecendo sempre as primeiras.

É o país das bicicletas: 23 mil unidades por dia.
 Só em Pequim, dos seus oito milhões de habitantes três milhões têm sua bicicleta. Máquinas de costura e relógios de pulso são outros dos produtos mais consumidos.

Para os turistas que visitam Pequim, antes de admirar os palácios imperiais e outros recantos históricos, o que mais os impressiona são as multidões de bicicletas pelas ruas e avenidas da cidade. Esta capital, de oito milhões de habitantes, tem três milhões de bicicletas. E todas de fabricação nacional. Só no ano passado, a China produziu 8 milhões e 540 mil veículos desse tipo. A produção de meio dia da atualidade corresponde a de todo o ano de 1949 (14 mil). Isto é uma mostra das grandes mudanças operadas na produção de artigos de consumo na China.

Nos balcões do Rai Ho Da Lou, da rua Wang Fu Jing, a maior loja de Pequim, estão à venda mais de 25 mil variedades de artigos da indústria leve de todo o país. Segundo o vitrinista Zhang Bao Hua, 99% dos artigos desta loja são de produção nacional. "Importamos apenas uns 20 artigos, como televisores e gravadores, cuja produção nacional ainda não atende à demanda."

Hoje, com 57 anos de idade, Zhang Bao Hua, que era balconista aqui, antes mesmo da proclamação da República Popular, diz que naquele tempo, os artigos importados transbordavam na loja e no mercado pequines em geral. Então, a indústria leve chinesa não produzia nem agulhas nem lâminas de barbear nem cortadores de unha.

"O povo trabalhador não tinha dinheiro para comprar artigos de consumo — conta Zhang. — Eu, que vendia esses artigos o ano todo, vestia roupas grosseiras e remendadas. Em minha casa, além de alguns móveis precários, eu não tinha mais nada. Agora, minha

família (esposa e filho) tem dois relógios de pulso, duas bicicletas, uma máquina de costura, dois armários, dois banos e várias mudas de roupa cada um, tudo produzido em nosso país, com exceção de um relógio suíço, que compramos antes da China ter passado a produzir relógios."

CRESCIMENTO

Nestes 30 anos, desde 1949, a Nova China formou um parque da indústria leve relativamente completo, com uma distribuição geográfica mais ou menos nacional (49% está no Interior), auto-abastecendo-se de matérias-primas e equipamentos nacionais e com uma significativa capacidade de produção e distribuição.

De 1949 a 1978, a produção têxtil aumentou 13 vezes, quer dizer, cresceu 11% ao ano.

A produção de papel, esmaltados, pilhas elétricas e garrafas térmicas aumentou mais de dez vezes; a produção de enlatados e lâmpadas, dezenas de vezes, e a de relógios e de plásticos, centenas de vezes.

Além das bicicletas, os outros dois artigos de consumo multissimo procurados pelo povo chinês são as máquinas de costura e os reló-

gios de pulso. No ano passado, a China produziu quase cinco milhões de máquinas de costura e 13 milhões de relógios de pulso.

TÉXTEIS

A indústria têxtil chinesa tem uma longa história. Porém, no meio século que precedeu 1949, ela contava com apenas cinco milhões de fusos de algodão e pouco mais de um milhão

de fusos de lã, metade dos quais pertencentes a empresas de capital estrangeiro. Em 1949, o parque da indústria têxtil chinesa não passava de metade do da Índia e de um quarto do dos EUA. Em 1978, a produção de tecidos de algodão foi o quádruplo da de 1949. A China é hoje um dos principais produtores mundiais de fios e tecidos de algodão.

VESTIR 900 MILHÕES

Com o desenvolvimento da indústria têxtil, o problema de vestir 900 milhões de habitantes foi resolvido no fundamental, mas, tanto nas cidades como no campo, as roupas são ainda muito simples. Em comparação com o Ocidente, o colorido dos trajes da população ainda é monótono. Mas o esfiarrapado, ainda muito comum em princípios da década de 60, quando aqui chegamos, desapareceu.

A indústria leve diz respeito diretamente à vida do povo. Em comparação com outros setores da economia, exige baixos investimentos, os resultados são rápidos, o período de construção é reduzido e os lucros são altos.

No primeiro plano quinquenal, iniciado em 1953, destinando grandes investimentos, o Estado desenvolveu vigorosamente novos setores, passando a produzir muitos artigos de alto nível e de precisão, que dependiam de importação, como fibras químicas, plásticos, máquinas e material fotográfico, lentes, novos tipos de lâmpadas, diferentes variedades de papéis para fins técnicos, detergentes e alguns eletrodomésticos.

NOVIDADES

Uma infinidade de novos produtos passaram a ser projetados e produzidos nos últimos anos: móveis dobráveis e desmontáveis, bicicletas de várias marchas, máquinas de costura elétricas, relógios de quartzo, máquinas de escrever, geladeiras, aspiradores de pó, televisores, máquinas de lavar roupa, garrafas térmicas de ar comprimido, entre outros.

Em contraste com a situação anterior a 1949, quando quase todos os equipamentos e instalações eram importados, hoje, a China é capaz de projetar e produzir equipamentos em série para sua indústria leve. Nos últimos 30 anos, foram produzidos e instalados mais de 10 milhões de fusos. Máquinas de fição de fibras químicas, projetadas e fabricadas na China, estão em funcionamento nas grandes indústrias deste ramo.

Muitos produtos da indústria leve, como os vários têxteis, bicicletas, máquinas de costura e papel, são exportados para mais de 120 países e regiões.

Com o desenvolvimento da agricultura, o campo fornece crescentes quantidades de matérias-primas para a indústria leve, como algodão, lináceas, cana-de-açúcar, beterraba, fumo, frutas, lã, carnes e verduras.

PROBLEMAS

Mas os níveis de automação e de produtividade da indústria leve chinesa continuam muito baixos. A administração das empresas é

... muitas vezes deficiente e os resultados deixam muito a desejar. A falta de coordenação entre os diferentes setores industriais acarreta frequentemente dificuldades quanto ao suprimento de matérias-primas. Por exemplo: as companhias de comércio exterior fazem de tudo para aumentar a exportação de couro (a fim de cumprir e ultrapassar seus planos), enquanto as fábricas de sapatos vêm-se obrigadas a importar couro de Hongcong para manter sua produção.

Embora tenha melhorado um bocadinho em alguns aspectos, o desenho industrial e a técnica de embalagem de muitos produtos ainda não atingiram as normas internacionais, o que afeta a venda de artigos (mesmo de qualidade superior) no mercado mundial.

Agora há um empenho em aprender das técnicas e das experiências avançadas de outros países, a fim de se desenvolver mais rapidamente a indústria leve chinesa.

Visitar um parque dez, cem, mil vezes. É o lazer.

... O pintista inveterado, o pequinês, em seus dias de folga, gosta mesmo é de desfrutar a natureza, fazer um passeio por um parque qualquer do centro ou dos arredores da cidade, dez, cem, mil vezes se for o caso, principalmente indo ao Parque Bei Hai, às Colinas Perfumadas, ao Templo do Céu; ao Templo do Buda Reclinado, ao Templo das Nuvens de Lezuil, à Grande Muralha (Passo Badalin), às 13 Tumbas Ming, ao Palácio de Verão, ao Parque dos Bambus Violeta, ao Palácio Imperial, à Colina de Carvão, ao Parque Chong Shan, a uma infinidade de outros logradouros, mais ou menos frequentados, todos eles seculares, entremeados de elevações e lagos (naturais e artificiais), pontes, quiosques, portais, monumentos e pavilhões, apinhados, floridos, ajardinados, onde todo mundo faz o seu piquenique com a família, os parentes, os amigos, toma barcos "imperiais" ou um barquinho qualquer, rema, nada e (às vezes) pesca à vontade, frequenta seus restaurantes e casas de chá, assiste a espetáculos os mais variados e surpreendentes, toca seus instrumentos, dança suas músicas, canta suas canções.

... E não precisa ser domingo, não, pois, as empresas fazem rodízio do descanso semanal, com o que todos os dias há muita gente de folga entupindo o trânsito e esses lugares e outros mais, onde sempre há também exposições de pintura e caligrafia, cerâmica e porcelana, papel recortado e gravura, quadros de conchas e plumas, fotografia e ovo pintado, utensílios e adornos de laca e bambu, essas chineses todas do artesanato artístico e popular, em que o homem chinês sempre foi sempre reconhecido e admirado.

... Di esquecendo o Jardim Zoológico, imenso parque senhorial quase no centro da cidade, com uma variedade respeitável de exemplares da fauna chinesa e de outros países (quando chegaram os tamanduás do Brasil?), com multitudes e multitudes de crianças embuscaudas e exultantes com o tamanho dos elefantes, da boca do hipopótamo e do pescoço das girafas, ou arrelentadas diante da macenada branca, para não falar do fosso dos panda (extra concurso em matéria de popularidade), o urso chinês com cara de patinho sonoca, sempre rodeado de crianças e adolescentes e manjatojos de todas as idades.

... E a todos esses lugares se vai muitas vezes, ou preferivelmente, de bicicleta — os jovens sobretudo, aos bundos por aí, mas ainda disciplinadamente, sem maiores bagunças. Pequim é uma mesa em matéria de topografia. Uma cidade convidativa ao ciclismo, com pista especiais para bicicletas nas principais vias de trânsito. E como é bem arborizada, vai-se sempre à sombra, por "túnel de esmeralda", como gostam de dizer os cronistas locais.

... E há ainda os cinemas e teatros, funcionando dia e noite (Quem é que está falando de vida noturna? Até as onze no máximo, que amanhã é sempre dia de batente) com mil e um espetáculos, principalmente por ocasião das festas, como acontece estes dias, em que a humanidade chinesa comemora os 30 anos de sua República Popular com mais de 50 novas peças de teatro e óperas e um sem número de filmes, novos ou da "hora da saudade", do cinema chinês, música sinfônica e filarmônica, orquestras de instrumentos tradicionais, balés, a já Ocidental e ballados das minorias nacionais e uma infinidade de outros "shows" variados — nos Jardins do Templo Céu tem até encantadores de serpentes vindos do Yunnan.

... Há uma verdadeira explosão de espetáculos cênicos este ano — uma situação muito distinta da dos anos da Revolução Cultural, reduzidos quase que exclusivamente a reprises e reprises das sete ou oito "obras-modelo revolucionárias" (com todos os rrr, por favor), tão proclamadas pela "Camarilha dos 4", "Jardim de uma só flor" — teria comentado uma vez Deng Xiao Ping, para mais uma de suas desgraças.

... E isso tudo por apenas 2, 3 ou 5 centavos (os parques), o mesmo ou pouco mais que uma caixa de fósforo, ou então 10, 20 ou 30 centavos, nos espetáculos cênicos.

... E tem a parte esporádica. Nestes dias, os estádios, campos, quadras, piscinas e ginásios de esporte de toda a cidade e dos subúrbios estão apinhados de gente, que assiste às finais dos Quartos Jogos Nacionais, inaugurados 15 dias atrás, no Estádio dos Operários, com um espetáculo de calistenia, a cargo de 16 mil jovens, presentes as autoridades maiores do país e mais de 80 mil espectadores. Participam destes jogos mais de dez mil atletas de todas as províncias, municípios centrais e regiões autônomas e também do Exército. Nestes dias de festa, realizam-se as provas finais e conseguir um bilhete já não é sopa, mesmo de véspera, se bem que esta tarefa seja muito facilitada pela administração das empresas, repartições, comunas, escolas e outras unidades, que adquirem lotes de ingressos para distribuir (vendendo) diretamente a seu pessoal. E ainda providenciam transporte próprio.

... E como estes Jogos Nacionais compreendem 34 modalidades esportivas (desde os jogos de bola, os esportes de inverno e os jogos típicos de cada minoria nacional), às vezes, o mais difícil é escolher onde ir.

... E por falar em esportes, a natação (depois do pingue-pongue e da bicicleta, claro) é a grande recreação quase diária da população no verão, sobretudo na canícula de agosto. Os lagos, canais, rios e piscinas da cidade ficam apinhados de nadadores. E há uns grupos de fanáticos que nadam o ano inteiro, inclusive em pleno inverno, o que é motivo de reportagens "encorajadoras", o mesmo acontecendo com as equipes de corredores veteranos e de alpinistas das montanhas do oeste de Pequim.

... Mas, se é inverno, o negócio é patinar no gelo. Então, os lagos, canais e rios se transformam em imensas pistas de patinação, uma atividade cada vez mais estimulada nos últimos anos, inclusive com a introdução de rastos de aluguel de patins.

... E ainda há os que preferem esplanar no gelo na Praça Tian An Men.

Aposentadoria para 800 milhões de camponeses

"Criar filhos para garantir a velhice, guardar cereais para proteger-se dos anos ruins" — este é um dito muito popular entre os camponeses chineses há milênios. O problema-chave aqui é a mentalidade de "ter filhos para garantir a velhice".

Se bem que o sistema socialista se imponha cada vez mais no campo e o camponês chinês tenha uma visão cada vez mais ampla, esta mentalidade não desapareceu até hoje. Mas agora, com a adoção do sistema de aposentadoria também para os camponeses, este processo poderá ser acelerado.

Nas férteis províncias do Jiangsu e do Zhejiang e do Município de Xangai, nos cursos médio e inferior do Rio Yangzi, várias comunas populares já adotaram esta medida, a fim de garantir a velhice dos comunelros.

Nas cidades, esse problema não existe desde há muito. Quando se aposentam, os operários e funcionários chineses recebem uma pensão, que varia entre 60 e 90% do salário, enquanto os mais de 200 milhões de camponeses somente agora, nestes dois últimos anos, começaram a ter tal direito. Um dos maiores problemas enfrentados pela China é ter de alimentar sua imensa população de quase um bilhão. Ao tomar a agricultura como a base de seu desenvolvimento econômico, ela conside-

ra inclusive esse aspecto. Mas como o seu estágio de desenvolvimento ainda deixa muito a desejar, é óbvio que o Estado não tem condições de garantir também o sustento dos camponeses inativos. Isto só será possível à medida que o país vá enriquecendo, à medida que tenha êxito a grande empresa de modernização.

Na comuna popular Yang Ming, província do Jiangsu, isto já é uma realidade. Os homens de 65 anos e as mulheres de 60, que tenham trabalhado na comuna mais de cinco anos, recebem uma pensão equivalente à alimentação mensal de cada um. Os comunelros que fique incapacitados para o trabalho por enfermidade ou acidente, e tenham trabalhado na comuna por mais de dez anos, aposentam-se aos 55 anos.

O diretor da Comuna, Wu De Chang explicou: "Por enquanto, a pensão não é suficiente para suprir suas necessidades básicas. Mas eles criam aves domésticas, cultivam parcelas de usufruto privado e participam de trabalhos leves na lavoura, o que sempre lhes proporciona uma renda suplementar. Além disso, o sustento dos pais pelos filhos é uma tradição chinesa, e está incluído na Constituição como um dever."

Os dois mil aposentados desta comuna

representam 10% de sua população. Metade das pensões correm por conta da comuna, 40% por conta das brigadas de produção e 10% por conta das equipes.

Como todos os camponeses, os velhos sem arrimo e os inválidos da comuna Yang Ming, além de receber uma verba para as despesas diárias, têm garantida a comida, a roupa e a moradia no Lar de Reverência aos Velhos (um tipo de asilo com um título muito respeitável), bem como assistência médica. E até o enterro — adverte um velhinho galato, com um sorriso desdentado.

Os velhos continuam um joguinho de baralho, e o diretor Wu acrescenta: "Esperamos, dentro de não muito tempo, aumentar a pensão, a fim de que, além da comida, eles tenham asseguradas outras necessidades básicas. Por enquanto, não é possível, pois a maior parte da renda ainda tem de ser distribuída a cada um segundo o seu trabalho."

Está claro, portanto, que a grande maioria das comunas populares chinesas ainda não adotou o sistema de aposentadoria. Trata-se de uma inovação dos últimos dois anos, limitada, por enquanto, às comunas de melhor renda. "Mas com a realização das quatro modernizações" — não deixa de arrematar o camarada Wu —, todos os camponeses de nosso país terão uma velhice mais feliz."

百字奇效

A reforma de uma escrita de 5 mil anos

A língua escrita chinesa (a língua han, isto é, a língua da nacionalidade han, a maioria entre as 56 nacionalidades que habitam a China) já tem cinco mil anos de história. É uma escrita pictográfica. Cada signo tem sua própria pronúncia (valor fonético), seu significado e sua forma de escrever.

Na antiguidade, os pictogramas primitivos eram escritos com tinta de laca ou gravados em tabuletas. Por isso, era muito difícil escrever. Paralelamente ao desenvolvimento social, a escrita foi popularizando-se em muitos lugares, e os caracteres foram sendo simplificados. Assim, após sucessivas reformas e transformações, a escrita han assumiu a forma atual, já nos séculos V e VI de nossa Era.

Os ideogramas hans passam de 80 mil. Mas a maioria caiu em desuso. Agora são utilizados cerca de 12 mil, metade dos quais com muita frequência nos jornais, nos livros e na vida diária. Na escola primária, aprende-se pelo menos três mil.

A escrita han desempenhou importante papel na história da China. Porém, considerando as exigências da época, os ideogramas chineses apresentam uma série de desvantagens.

Primeira: por não serem fonéticos, são difíceis de memorizar e de pronunciar.

Segunda: têm muitos palitos (traços). Em

média, cada um tem mais de dez traços, o que dificulta a escrita.

Terceira: como são muitos os ideogramas, a língua han resulta difícil de estudar.

Por isso tudo, há muito que o povo chinês deseja a reforma de sua língua escrita. Desde a proclamação da República Popular da China foram tomadas várias medidas para efetivar essa reforma.

Em 1951, tratando da questão, Mao Tsé tung havia observado: "A escrita han precisa ser reformada. É preciso adotar o sistema pin yin da língua de outros países" (pin yin é o mesmo que a justaposição de signos fonéticos, como nas línguas ocidentais), o que, além de corresponder à lei do desenvolvimento das línguas escritas da humanidade, passando de pictográfica à silábica, reflete também uma antiga aspiração do povo chinês.

O objetivo final desta reforma é transformar a língua han numa língua silábica. Como a China é um país de muitos dialetos, esta transformação exige mais tempo. Em primeiro lugar há que simplificar os caracteres. Ao mesmo tempo, é necessário popularizar a língua comum e a silabação da língua han, isto é, o pin yin. Estas três tarefas estão em andamento atualmente em toda a China.

Simplificar os ideogramas chineses implica reduzir seus traços e também sua quantidade. Por decisão da Comissão de Reforma da

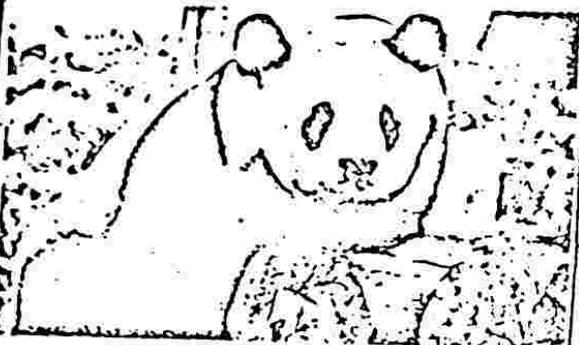
Escrita Chinesa, até 1960, foram simplificados 2.238 caracteres e, alguns meses atrás, outros 853.

A gramática e o vocabulário dos numerosos dialetos são, em geral, mais ou menos iguais. O problema é a pronúncia dos ideogramas. Em 1955, o Governo decidiu adotar como língua comum da nacionalidade han (95% da população chinesa) o dialeto de Pequim.

Popularizar a língua comum não significa proibir e extinguir os dialetos, mas, sim, fazer com que as pessoas das diversas regiões, além dos respectivos dialetos, dominem também a língua comum. O Projeto de Silabação da Língua Han visa a transformar a língua escrita, passando dos ideogramas cheios de palitos para as letras latinas. Após sua aprovação pela Assembleia Popular Nacional em 1958, as escolas primárias vêm popularizando o pin yin, o que tem facilitado a difusão da língua comum, sobretudo entre as novas gerações. Com uma grande vantagem: o pin yin veio facilitar muitíssimo a alfabetização.

Esta transformação inicial da língua escrita constitui um grande acontecimento na vida cultural do povo chinês e também um importante passo para seguir a orientação alfabética das línguas escritas mais modernas de outros países. Enfim, a transformação da língua escrita chinesa é parte importante do programa das "quatro modernizações".

Um casal de pandas em São Paulo? Só se Figueiredo...



O panda gigante, uma preciosidade da fauna chinesa, conhecido entre os zoólogos como um "fóssil vivo" e que constitui um dos maiores atrativos dos Jardins Zoológicos da China e de umas poucas capitais do mundo, talvez só venha a enriquecer o acervo do Zoo de São Paulo se o presidente Figueiredo se dispuser a visitar Pequim. Ao que parece, seria esse o motivo pelo qual o Jardim Zoológico de São Paulo ainda não recebeu resposta do congêneres da capital chinesa à sua proposta de troca de um casal de pandas por um casal de tamanduás-bandeira.

Os poucos pandas que existem em zoológicos fora da China (Tóquio, Paris, Washington, Cidade do México, por exemplo), todos eles foram presenteados por ocasião de visitas dos chefes de Estado ou de governo desses países à China (Tanaka, Pompidou, Nixon, Echeverría e outros). Se a proposta do Zoo de São Paulo será aceita ou não, isto deve estar sendo decidido nas altas esferas do Conselho do Estado da China.

Mas parece que há uma chance: o Zoo de São Paulo poderia ser aquinhado primeiro e, quando fosse a Pequim, o presidente Figueiredo conseguiria mais um casal para o Zoo de Brasília, em troca de outro espécime da fauna brasileira, podendo inclusive lutar-se do chiste inevitável de que teria levado aos chineses um "abraço de tamanduá"...

Sem, enquanto esta questão não se decide, vejamos de perto que bicho é esse panda gigante, que sobrevive naturalmente apenas nas altas montanhas que lindam as províncias do Sichuan, Gansu e Shanxi, nas faldas dos Himalaias.

Milhões de anos atrás, ele vivia numa extensa faixa da Ásia. Devido às transformações ambientais, seu "habitat" foi restringindo-se, até limitar-se ao reduto atual do oeste da China, região de grande altitude (de 3 a 4 mil metros) e muito fria, onde abunda sua alimentação natural predileta: o bambu *Sinodendron nitida*, uma graminha macia e adocicada que só floresce depois de 60 anos, para fenece em seguida.

Chamado urso-gato (*shumao*) pelos chineses, ele não tem o hábito de hibernar como outros ursos. Olutão inveterado e permanente, durante as quatro estações do ano, está

sempre buscando o que comer, inclusive fucando as rações dos animais de criação dos camponeses. Desde manhãzinha até o anoitecer, está sempre devorando folhas frescas de bambu e tomando água. Uma parte do dia ele fica tomando sol, acomodado no alto de uma árvore. No inverno, deita-se na encosta ensolarada das montanhas.

O Estado chinês criou nos últimos anos várias reservas naturais, a fim de garantir sua sobrevivência e proliferação. Nesses lugares, ele convive pacífica e tranquilamente (é um animal muito manso) com o povo da nacionalidade "qian", uma das 55 minorias nacionais da China, sendo carinhosamente tratado como um menino pachorrento.

Mas, como esses lugares são remotos e frios, tratamos de conhecê-lo pessoalmente de uma maneira muito mais fácil, fazendo uma visita ao Jardim Zoológico de Pequim, cuja "mansão" dos pandas abriga três adultos e três filhotes. Aquele veio à luz, em 1963, o primeiro dos nove pandas até hoje nascidos em jardim zoológico.

A tratadora Pai Shu Ming nos diz que os zoólogos e tratadores chineses conseguiram dominar inteiramente os hábitos do panda, e graças a isso todos os que vivem nos jardins zoológicos do país gozam de boa saúde e boa disposição. No quarto mês de gravidez, a panda dá à luz um ou dois filhotes, de pelagem branca e rala, pesando apenas uns 100 gramas. Uma coisinha de nada. Sete ou oito dias depois, os pelos de suas órbitas e orelhas diminutas tornam-se pretos. Cinco ou seis meses mais, ele já pesa de 10 a 15 quilos. Aos seis ou sete anos, já pode reproduzir.

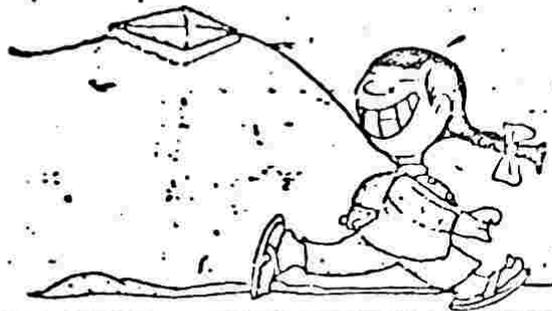
Os cozinheiros do Zoo trazem para os pandas muita comida: pães, sopa de arroz, leite, ovos, cenouras, maçãs e cana-de-açúcar. Os tratadores distribuem a comida conforme a idade dos animais. Além desses manjares, os filhotes ainda recebem doses de óleo de fígado de peixe, vitaminas e cálcio. Batendo na porta da jaula, os três filhotes, sempre famélicos, grunhem sem parar, até terem diante de si as travessas cheias de comida.

Suas orelhas insignificantes, muito desproporcionais ao corpanzil de 100 quilos, e suas órbitas negras dão-lhe o aspecto muito bizarro — cara de palhaço de circo, dizem muitos. Talvez por isso ele seja tão engraçado e chame tanto a atenção do público, sobretudo da criançada.

Sua primeira refeição é às 9h30 e a segunda às 16 horas. O resto do tempo, ele está quase que inteiramente devorando folhas frescas de bambu, que, no inverno, chega constantemente de outras partes do país.

A tratadora nos apresenta uma fêmea de nove anos de idade, capturada no Sichuan em 1972, e que já teve dois filhotes neste jardim. Ficamos sabendo também que outra panda, chamada Lili, nascida em 1958, portanto, com 21 anos de idade, desfruta de muito boa saúde. É o mais velho exemplar de panda nascido em cativeiro. E teve três filhos que também são muito fortes. A tratadora acrescenta, como se se referisse a uma operária aposentada: "Agora ela leva uma velhice feliz e não é mais obrigada a trabalhar..." Quer dizer, não precisa mais receber e divertir os visitantes do Zoológico.

Papagaio de um palmo. Ou até carregando um homem?



Usado desde tempos imemoriais no Extremo Oriente e reinventado, segundo Aristóteles, pelo sábio pitagórico Arquites de Tarento (430?—360 AC), amigo de Platão e inventor da roldana e do parafuso, o papagaio, pipa, coruja, caífa, quadro, quadrado, arraja, raia, cometa ou pandorga (cerf-volant em francês, kite em inglês, drachen em alemão, volantin em espanhol), o papagaio, repetimos, foi objeto mágico-religioso, militar e utilitário (servia à pesca) na antiguidade chinesa. (Quem duvidar que leia o vocábulo respectivo na Enciclopédia "Mirador".)

Mas, agora, nestes dias ensolarados e de brisa suave de outono (como também na primavera), se você estivesse em Pequim e desse um passeio pela Praça Tian An Men (a Praça da Paz Celestial), veria uma revoada desses papagalos em pleno céu. E das mais diversas formas: como um bando de marrecos voando em formação, como águias reais parando majestosas no ar, como pares de andorinhas em circunvoluções, como borboletas voejando entre ramadas de flores, como peixes dourados de longas caudas nadando no infinito, outros como caranguejos ou beija-flores, uma infini-

dade de seres e coisas (até máscaras da ópera de Pequim), frutos do engenho dos amadores dessa arte refinada de empinar e confeccionar papagalos.

Os papagalos de papel têm uma longa história na China. Mais de vinte séculos atrás, os chineses já empinavam papagalos. Só que, naquele tempo, em vez de brinquedo, o papagaio era uma arma em pleno campo de batalha. Segundo os registros históricos, esses papagalos eram tão grandes que podiam carregar uma pessoa, para observar o inimigo lá do céu.

Séculos atrás, o papagaio se difundiu também pelo Ocidente. Consta que o sábio, estadista e cientista norte-americano Benjamin Franklin utilizava papagalos de metal para pesquisas sobre eletricidade atmosférica. O cientista britânico Joseph Needham considerava o papagaio uma das mais importantes invenções chinesas transmitidas à Europa.

O papagaio bem feito, como costuma ser o que sai das mãos dos artesãos chineses, é um engenho delicado e encantador. E dizem que empinar papagaio é um exercício físico que areja a mente e beneficia à saúde.

Na China existem mais de 300 variedades conhecidas de papagalos de papel. Há pouco, no Palácio de Verão de Pequim, houve uma exposição de papagalos, onde apareceram figuras as mais atraentes, variadas, bizarras e fascinantes: divindades lendárias, o Rei dos

Macacos "Sung Wu Kung", flores, pássaros, peixes, borboletas, águias, andorinhas, morcegos, libélulas, centopéias etc. etc., todos eles em traços e cores cheios de graça e beleza. E leveza, sem falta.

Na China há várias fábricas de papagalos. O Estúdio Artesanal Artístico de Tianjin (Tientsin), por exemplo, muito famoso aqui e no Exterior, produz anualmente 180 mil papagalos, que são exportados para mais de uma vintena de países, sendo bem acolhidos pelos amantes da arte de empinar papagalos da França, Estados Unidos, Inglaterra, Suíça, Canadá, Cingapura etc. Por todos os seus atrativos, o papagaio acabou sendo um instrumento da amizade entre o povo chinês e os povos de outros países. O filme "Papagaio de Papel" — uma coprodução sino-francesa — rodado vinte anos atrás, reflete a amizade entre as crianças chinesas e francesas através de um simples papagaio de papel.

Entre os pequineses que costumamos encontrar empinando papagaio na Praça Tian An Men, muitos deles são estudantes, mas são também numerosos os artistas, pintores, técnicos, professores, operários e velhos artesãos.

alguns deles renomados pelas inovações que introduziram na arte de confeccionar os papagalos. O velho artista Li Xian, por exemplo, do Conjunto de Arte Popular de Pequim, é um amador empedernido não só da arte de empinar, mas também da de fazer papagalos. Ele nos fala das variedades, da forma e do tamanho dos papagalos chineses em diferentes dinastias e na atualidade. Os maiores chegam a ter 3 metros de largura por 6 ou 7 de comprimento, e os menores podem ser até de um palmo. E com uma particularidade: todos eles são dobráveis e desmontáveis, o que, além de facilitar a locomoção do empinador, ainda simplifica a embalagem de exportação.

Como a China é um país de muitos climas, as épocas de empinar papagaio variam, conforme a região. Em alguns lugares, a época preferida é a primavera (março, abril, maio), em outras, é o verão ou outono (junho, agosto, setembro). Alguns costumam empinar papagalos até à noite. Mas estes são papagalos especiais com lanternas coloridas. As vezes, em Tian An Men, você olha para o céu e pode contemplar uma estrela vermelha. Vai ver, é um papagaio.

O camponês não é um assalariado. Ganha de acordo com a produção.

No complexo sistema agrícola chinês, o camponês recebe de acordo com a quantidade e a qualidade do trabalho de sua equipe.

A produção agrícola chinesa vem de três fontes: as comunas populares, que respondem por 86% do valor global da produção rural (agricultura, pecuária, fruticultura, horticultura, avicultura, piscicultura, silvicultura e ocupações secundárias), as parcelas de usufruto, privado dos comunelros, 15 a 16%, e as fazendas estatais, 4 a 5%.

As comunas populares são um desenvolvimento natural da cooperativização em grande escala na Nova China, a qual havia conhecido três estágios anteriores, desde os tempos das zonas libertadas: grupos de ajuda mútua (temporários e permanentes), cooperativas elementares (mantendo a propriedade privada dos meios de produção, de acordo com a qual se procedia à distribuição da renda) e cooperativas superiores (já em regime de propriedade coletiva dos meios de produção e com uma distribuição da renda conforme os pontos de trabalho).

Em fins da década de 50, um pouco mais de 740 mil cooperativas agrícolas superiores se fundiram em 24 mil comunas populares. Depois de um período de reajuste, sua proliferação ganhou novo impulso, a partir de 1951, e hoje elas passam de 70 mil, abrangendo mais de 90% da agricultura chinesa.

A comuna se divide em brigadas de produção e a brigada se subdivide em equipes de produção. A extensão ocupada por uma comuna varia muito, conforme a região ou a densidade demográfica. De modo geral, cada comuna engloba as cooperativas que existiam na área de um xiang (antiga unidade político-administrativa, imediatamente abaixo de subdistrito). Cada brigada corresponde ao que era

antes uma cooperativa e cada equipe compreende uma antiga aldeia, com umas 15 ou 20 famílias. Há comunas que chegam a ter 40 50 mil habitantes, mas a média geral é um pouco superior a 10 mil. O conjunto da mão-de-obra das comunas de todo o país passa de 300 milhões. Já se cogita do problema da colocação dos milhões de camponeses que serão liberados do trabalho agrícola com a presente campanha de mecanização das lavouras. A fim de evitar o êxodo, parte deles deverão ser utilizados em novas frentes, destinadas a diversificar a produção rural: pecuária, horticultura, fruticultura, avicultura, piscicultura, silvicultura, floricultura, artesanato, ervas medicinais, etc. Outra parte será encaminhada ao setor industrial da própria comuna, atualmente em grande desenvolvimento. E anuncia-se também a criação de distritos agro industriais (especialmente para elaboração de produtos agrícolas).

Dentro da comuna vamos encontrar quatro categorias de propriedade: 1) propriedade privada: a produção proveniente da parcela de usufruto privado (as quais compreendem uns 5% das terras comunais) e a habitação (são poucas as brigadas que já concentraram sua população em vilas ou conjuntos de propriedade coletiva; em mais de 90% dos casos, a casa continua sendo propriedade do camponês); 2) propriedade coletiva inferior (ao nível de brigada): animais de tração, máquinas agrícolas menores, edifício das oficinas de elaboração (moinhos, seculares, etc.) e o solo; 3) propriedade coletiva superior (ao nível da comuna): as fábricas e fabricinhas estabelecidas pela comuna, as grandes máquinas agrícolas, os veículos de transporte, as empresas cooperativas de comércio, etc.; 4) propriedade esta-

tal: as empresas que, em 1953, pertenciam ao Estado, e passaram a ser administradas pelas comunas, e as empresas posteriormente criadas pelo Estado com a participação das comunas.

A produção é regida por um sistema de contratos, de acordo com os planos centralizados do Estado e sua execução é objeto de discussão de alto a baixo, devendo levar-se em conta as possibilidades e interesses das unidades inferiores: de distrito para comunas, de comuna para brigadas e de brigada para equipes.

As quotas de produção de cereais, verduras e outros gêneros são vendidas ao Estado a

preços previamente fixados (para um período mínimo de cinco anos). O Estado estimula o aumento da produção pagando o excedente à quota a um preço 50% maior. A aquisição da produção das parcelas de usufruto privado entra nesta faixa. Os camponeses ainda podem comercializar a produção privada (verduras, frutas, ervas medicinais, aves, pequenos animais e produtos do artesanato doméstico) nas feiras "livres" rurais (setor muito promovido presentemente sob controle estatal). A distribuição dos cereais produzidos é a seguinte: reservas individuais anuais (entregues às famílias), reserva coletiva, quota vendida ao Estado, imposto e excedente.

A distribuição da renda bruta prevista para este ano, segundo informação que obtivemos junto ao Ministério da Agricultura, é mais ou menos a seguinte: imposto agrícola, pouco mais de 3%, custo da produção (sementes, adubos, rações animais etc.), 25 a 30%, acumulação coletiva, 5 a 7%, fundo de bem-estar coletivo, 2%, renda líquida entregue aos camponeses (em dinheiro e em espécie) 50 a 55%. Há ainda uma pequena porcentagem destinada à ampliação da produção.

O camponês não é assalariado. Ele ganha conforme a quantidade e a qualidade do trabalho que efetuou, o que é calculado diariamente por pontos. Como a equipe é a unidade contábil básica, se ela é rica ou pobre, tem boas ou más condições, seus membros terão uma retribuição maior ou menor.

Mas a comuna não é simplesmente uma unidade econômica, isto é, que cuida exclusivamente da produção. Como desempenha também as funções governativas antes a car-

go do xiang, administrando as obras, a educação, a justiça, a saúde e as finanças públicas, a comuna popular rural é hoje em dia, no plano político-administrativo, a unidade básica do Estado chinês.

As fazendas estatais, pouco mais de duas mil (agrícolas, pecuárias, florestais), com-

preendem quatro milhões de hectares e mais de cinco milhões de trabalhadores. Seu nível de mecanização é bastante alto em relação às comunas. Possuem muitos tratores, caminhões, colhedoras e outras máquinas, o que já possibilita, em algumas unidades de vanguarda, uma produtividade de 100 toneladas "per capita". Elas se estendem pelas zonas em desbravamento nas regiões fronteiriças do Norte — Heilongjiang (Nordeste) e Sinkiang (Noroeste) — e também do Sul — Yunnan e Guangdong. Até 1985, elas deverão desbravar outros quatro milhões de hectares de terras virgens.

A orientação que prevalece para o setor é a de diversificação da produção, com destaque para o desenvolvimento da industrialização de seus produtos no próprio local (usinas de açúcar, laticínios, borracha, conservas, alimentícios, têxtil, tecelagem, tapeçaria, etc.), tendo em vista a auto-suficiência, elevação da renda no meio rural e emprego da mão de obra que vai sendo liberada das falhas agrícolas.

Quanto à retribuição, uma parte recebe salários mensais, mas é maior o número dos que preferem ganhar por pontos, conforme sua capacidade de trabalho. Esta forma corresponde mais aos interesses do trabalhador e resulta mais benéfica ao Estado, uma vez que promove a produtividade.

Um modelo entre milhares de outras: a brigada rural de Hua Xi.

De terra acidentada e estéril, a Brigada de Produção Rural Hua Xi — uma brigada comum do Distrito de Jiang Yin, Província do Jiangsu, nos disseram — tinha uma produção muito baixa. Nos últimos seis anos, entretanto, ela tem conseguido uma produção anual de cereais superior a 15 toneladas por hectare. Isso, após um ingente trabalho de melhoria do solo (dessalinização e desalcalinização). E, além de haver desenvolvido, simultaneamente com a agricultura, também a silvicultura, a pecuária, a piscicultura e as ocupações secundárias, ela ainda estabeleceu uma série de fábricas e fabriquetas sob sua própria administração. Hoje, o valor de sua produção industrial compreende 64% da produção global da brigada.

Com o desenvolvimento da produção, esta brigada, que, ainda pouco tempo atrás, era pobre e devedora (de empréstimos do Estado), tornou-se uma unidade das mais prósperas do Distrito, com apreciável reserva de fundos públicos. Após a distribuição da renda, no fim do ano passado, seus integrantes depositaram no banco 107 mil yuans. Agora, 98% das famílias têm reservas próprias de cereais para pelo menos um semestre e até para um ano.

Pela estrada larga e bem conservada, sombreada de salgueiros chorões, vamos à "aldeia nova" de Hua Xi, onde deparamos com fileiras de casas térreas e edifícios de dois ou três andares. Vamos à casa de um comuneiro. É um prédio de dois andares. No primeiro, dois cômodos: um quarto para os velhos e uma despensa. No segundo, uma sala de visitas mobiliada com uma mesa quadrada e quatro poltronas de palhinha, o quarto do casal e mais outro quarto, reservado para visitas (di-

tem), não venha algum parente (o que já é um luxo). No quarto do casal, mobiliado com uma cama típica do Sul, guarda-roupa e escrivaninha, despertam nossa atenção dois certificados emoldurados na parede principal. O dono da casa pigarra, e pelo secretário da brigada nos entregamos de que são "diplomas de mérito": os donos da casa, Zhu Sha Da e Zhuo Feng Di, são comuneiros destacados.

Visitamos dez outras famílias, todas elas desfrutando de condições habitacionais mais ou menos semelhantes.

Nesta brigada, os velhos em geral trabalham, conforme sua capacidade, e têm uma renda igual à dos jovens. Por exemplo, os 23 velhos com mais de 60 anos que trabalham na granja de galinhas e patos e nas hortas têm uma renda individual de 450 yuans por ano. Quanto aos velhos inválidos e sem arrimo, a brigada responsabiliza-se por sua alimentação e moradia, por suas despesas diárias e pela assistência médica. Além de serem respeitados por todos, os velhos ainda recebem tratamento preferencial. São sempre atendidos primeiro e, em qualquer espetáculo ou ato, sentam-se nos melhores lugares.

Quanto ao sistema de assistência médica, temos aqui uma miniatura do que acontece mais ou menos em todo o campo da China. Cada comuneira paga apenas um yuan por ano e goza de assistência médica gratuita (medicamentos inclusive), sempre que as despesas não passarem de 60 yuans. Quando passa disto, a coletividade (isto é, a brigada) concede um subsídio, que varia conforme o caso. As mulheres têm descanso maternal quando dão à luz (53 dias, como na cidade) e (uma semana ou mais) em caso de operação (aborto, amarração das trompas, etc.), para efeito de controle de natalidade. E isto sem perder os pontos normais de trabalho. Os médicos "descalços" da própria brigada fazem gratuitamente o exame de saúde anual dos comuneiros e aplicam-lhes as vacinas necessárias.

As crianças dessa brigada estão todas fazendo o primário ou secundário. As despesas de creche, jardim de infância e escolas correm por conta da brigada.

A Brigada de Produção Hua Xi tem um plano decenal em execução, segundo o qual deverá estar produzindo 23 toneladas de cereais por hectare em 1985, quando pretende ter mecanizado no fundamental todos os trabalhos de produção. Ela vem de instalar uma granja leiteira (vacas sempre holandesas, como em toda a China), graças a qual vai crescendo o número de crianças que tomam leite, coisa mais ou menos rara até bem pouco tempo atrás.

Além disso, estavam ultimando os preparativos para construir estufas, a fim de, a partir do inverno que se avizinha, ter garantido o suprimento de verduras frescas para os comuneiros em todas as estações do ano.

Observando a princípio de "a cada um segundo o seu trabalho" (e não mais o de igualitarismo, que grassou durante a revolução cultural), quem trabalha mais recebe mais, e, com isso, o padrão de vida dos comuneiros desta brigada varia pouco. Mas — asseguram-nos —, com o progresso da economia coletiva e o aprimoramento dos serviços de bem-estar (que é como chamam aqui a previdência social) o nível de vida dos comuneiros em seu conjunto continuará melhorando.

"A cada um segundo seu trabalho"

Após a proclamação da Nova China, o salário dos operários e funcionários foi revisado duas vezes e reajustado uma série de outras, inclusive em fins do ano passado, e um novo aumento está anunciado para dezembro próximo. Hoje, o salário médio mensal dos operários e funcionários chineses anda pela casa dos 60 yuans. Em termos de poder aquisitivo real, isto significa duas vezes e meia (250%) mais que em princípios da década de 50. A retribuição do trabalho aqui é determinada pela norma socialista revista "de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo seu trabalho", com o que se trata de evitar o igualitarismo (tendência muito em voga durante a Revolução Cultural), mas há também a preocupação de evitar que haja grande diferença entre o máximo e o mínimo.

Para os operários há dois sistemas salariais: um de sete e outro de oito níveis. Em ambas, o máximo equivale ao triplo do mínimo. Para os funcionários e o pessoal com formação superior (engenheiros e técnicos, por exemplo), há dez categorias, sendo que o máximo corresponde ao triplo do maior salário percebido pelos operários.

Em geral, o salário dos operários é determinado pelas horas de trabalho. Em certos setores, ganha-se por peça. E adota-se o sistema de incentivo mediante prêmios pela produtividade (quantidade, rapidez, qualidade e economia). O total destinado a prêmios compreende mais de 10% do conjunto dos salários. Há ainda subsídios para os que se dedicam a trabalhos especiais (subterrâneo, perigoso, insalubre) e para o trabalho de campo (geólogo, topógrafo, por exemplo).

O nível salarial dos operários e funcionários chineses é consideravelmente maior que antes da República Popular, mas, em comparação com os países desenvolvidos, ele está ainda bem na rabeira. Seria preciso considerar ainda uma série de providências de bem-estar de que ele desfruta gratuitamente, como a assistência médica. Com o salário de um dia o operário comum chinês paga um semestre da escola primária do filho ou um trimestre da secundária (não se trata de taxa, mas das despesas com o material escolar). E as despesas de aluguel de casa, água e luz dificilmente chegam a 5% do salário. E imposto de renda individual é coisa que o chinês ignora.

Vida noturna, um luxo inexistente.

Faz uns dois anos, quando passou por aqui um grupo de cronistas sociais brasileiros, assistimos no destampatório de um diplomata patriótico contra os serviços de bar e restaurante desta Capital. Jantávamos no Hotel Pequim, quando um dos cronistas perguntou brincalhão: "Então, sr. ministro, que tal a vida noturna, o submundo em Pequim? À noite, a gente pode pegar por aí uma celazinha, tomar um drinquezinho?"

— Submundo?! — bradou o nosso homem em Pequim, fechando os punhos sobre a mesa. Aqui não há nem mundo, que dirá submundo! E discorreu indignado a respeito.

O homem tinha suas razões, como diplomata, como estrangeiro, acostumado a "esses laxos". E o zé-povinho chinês também tem as suas queixas a respeito. Se bem que a clientela noturna seja raríssima, o pouco, escassíssimo serviço desse tipo existente em Pequim ainda deixa bastante a desejar. E de dia também. Mas a coisa vem melhorando ultimamente.

Hoje, vários restaurantes e hotéis para turistas e estrangeiros residentes em Pequim

atendem até certas horas da noite (nunca depois de 11 ou meia-noite, a não ser nas grandes festas) e alguns deles ainda promovem noites dançantes duas ou três vezes por semana, com gravações e também com conjuntos musicais.

E para o zé-povinho também se abrem novas perspectivas nesse terreno. O Ministério do Comércio Exterior vem de anunciar que os 110 milhões de habitantes de cerca de 200 cidades grandes e médias de todo o País poderão comer mais comodamente em mais restaurantes e outras casas de pasto nos próximos anos, segundo plano adotado em recente conferência nacional do setor.

Haverá um incremento de 80% no número de restaurantes, lanchonetes, confeitarias, lancherias, bares etc. no triênio 1979-81.

Nos primeiros anos da década de 50, a população das cidades grandes e médias da China era de apenas 30 milhões. Apesar de que esta cifra quadruplicou, o número de hotéis, restaurantes e casas de lanche não acompanhou em nada tal evolução. Diminuiu até.

belra do decaire. Salvou-o a maço ajuda soviética. Mesmo assim, suas baixas foram calculadas em quase dois milhões de homens. Dal nasceu entre comandantes militares, entre os quais se achava o comandante das forças na Coreia, Peng Teh-hual, a convicção de que era necessário aparelhar o EPL para as

novas tarefas que surgiam. Sob a influência e a ajuda russas desenvolveu-se então um programa de modernização e profissionalização do EPL. Foram criadas escolas de treinamento de oficiais, o armamento foi modernizado, surgiram um Estado-Maior, um Comitê de Assuntos Militares e um Ministério da Defesa ao estilo russo. Além disto, a democracia interna foi minada pela introdução de distinções entre oficiais e soldados. Em 1955 vieram a hierarquia de postos, regras para admissão ao oficialato e promoção, insígnias, medalhas, etc. Isto é, o EPL caminhava, pela mão solícita do Exército Vermelho russo, na direção dos exércitos burgueses.

Ameaçada, ou mesmo destruída a democracia interna, também deteriorou a democracia externa, a união exército-povo. O soldado ganhou privilégios em relação aos civis e isolou-se no treinamento profissional. Além disto, o EPL começou também a resistir ao controle que sobre ele exercia o partido através dos comitês partidários e dos comissários políticos. Alegavam os militares profissionalizantes que a direção coletiva era ineficiente e que a interferência dos comissários prejudicava a preparação profissional.

Conflito

Mas a reação não se fez esperar. Condição-naram-na vários fatores, entre os quais a necessidade que sentiu o PCC de retomar o controle sobre o EPL (de acordo com o lema maísta: O Partido comanda o fuzil) e também o nascente conflito com a Rússia. Responsável em boa parte pela guinada profissionalizante do EPL, a Rússia desenvolvera também amplo plano de apoio ao desenvolvimento econômico da China através do Primeiro Plano Quinquenal (1953-57). Os atritos cresceram a partir de 1957 quando a Rússia se negou a fornecer armas atômicas à China e atingiram um ponto alto em 1960 com a retirada dos técnicos russos e a suspensão do fornecimento de armas e equipamentos industriais.

Feriu-se amplo debate sobre o EPL centrado sobre a dicotomia moderno versus revolucionário. Elementos do PCC, e mesmo alguns chefes militares, insistiram na tradição de dar preferência ao homem sobre a máquina, ao trabalho político sobre o profissional. A linha de massa sobre a linha revisionista burguesa. Levaram vantagem sobre os adversários é, em 1958, à época do Grande Salto à Frente, teve início o uso intensivo de militares em tarefas econômicas, sociais e políticas. A educação política dentro do EPL foi intensificada, os privilégios dos militares em relação aos civis foram eliminados, o mesmo acontecendo com os privilégios dos oficiais em relação aos soldados. A democracia interna foi levada ao ponto de serem todos os oficiais obrigados a passar pelo menos um mês por ano como recrutas. Quem visitasse os quartéis do EPL em 1959 veria uns 160 generals cozinhando, vareando ou plantando arroz.

O conflito culminou em 1959 com a queda do marechal Peng Teh-hual e do chefe do Estado-Maior, Lo Jui-chang, defensores da colaboração com os russos e da modernização técnica do EPL. Peng Teh-hual foi substituído por Lin Piao, o mais maísta dos marechais, que restabeleceu a linha tradicional do EPL, fortalecendo o controle do PCC e insistindo na política dos militares. Em 1965 os postos foram novamente abolidos e o EPL tornou-se o pioneiro da Revolução Cultural (iniciada em 1966). O próprio Lin Piao compilou o livrinho dos pensamentos de Mao e tentaria utilizar o

EPL como instrumento de unificação ideológica do país.

Mao incentivou a Revolução Cultural como mecanismo de desburocratização do Partido, chegando a pregar seu próprio cadáver na porta da sala do Comitê Central sob o título "Fogo sobre o Quartel General!" Mas, no decorrer da luta, viu-se forçado a apelar para o EPL no sentido de que este sustentasse a esquerda através dos Comitês da Triplíce Aliança (EPL, PCC, organizações de massa). Em 1967, no entanto, surtiram conflitos armados entre os Guardas Vermelhos e unidades do EPL, e em 1968 operários e militares se uniram para dominar os estudantes rebeldes da Universidade Tsinghua. Mao recuou em parte e tentou refortalecer o Partido. O ciclo terminou em 1971 quando Lin Piao e seu grupo dentro do EPL foram por sua vez eliminados em episódio que até hoje permanece obscuro.

Equilíbrio

Seguiu-se um período em que as forças antagônicas permaneceram em situação de equilíbrio dentro do EPL. De um lado, o modernizante Deng Xiaoping, que caiu em desgraça no início da Revolução Cultural, juntamente com Liu Shao-chi, foi reabilitado em 1973 e passou a chefiar o EM do EPL. De outro, o radical Chang Chunbiao, futuro membro do "bando dos 4", procurava levar adiante a campanha de politização do EPL através de seu posto de diretor do Departamento Político Geral. A situação de quase empate estender-se-ia até a morte de Mao em 1976, quando o EPL exerceu um papel crucial ao fazer pender a balança da vitória para o lado de Hua Guofeng contra os radicais.

De 1976 até hoje os acontecimentos têm favorecido abertamente os profissionalizantes. Novamente é colocada ênfase na modernização do armamento, no treinamento profissional, na disciplina, na centralização. Os oficiais voltam a receber privilégios não concedidos a soldados. Missões militares estrangeiras são convidadas para avaliar as condições bélicas do EPL (entre os visitantes estaria o próprio ex-Secretário de Defesa dos Estados Unidos, James Schlesinger). Missões militares chinesas saem pelo mundo, comprando aviões na Inglaterra, armas antitanque e mísseis na França, helicópteros na Alemanha, computadores no Japão. A ênfase na modernização é abertamente apoiada pela liderança do PCC, de modo especial pelo novamente reabilitado Deng Xiaoping. Discute-se apenas o ritmo da modernização e não sua necessidade. De fato, a modernização militar é uma das quatro grandes modernizações propostas pelo PCC. Os novos tempos ficaram definitivamente marcados com a reabilitação de Pen Teh-hual em fins de 1978.

Estariam a China e o EPL caminhando na mesma direção da Rússia e do Exército Vermelho, como pensam, e temem, analistas como Charles Bettelheim? Estaria morta a promessa de um exército popular e democrático? Ou a orientação atual seria apenas mais um dos movimentos pendulares que parecem jogar periodicamente revisionistas e radicais, profissionais e vermelhos, para dentro e para fora do poder?

Quer parecer-nos que a política de grande potência que a China, por sua dimensão, tem quase que necessariamente de desenvolver, coloca limites sérios à viabilidade de forças armadas populares e democráticas. A extrema especialização de armamentos e de técnicas, com a consequente especialização de quadros, introduz exigências quase incompatíveis com as de um exército igualitário baseado na estratégia da guerra popular. Mao Tsé-tung queria que o EPL fosse ao mesmo tempo revolucionário e moderno ou, em seu gosto por Enakens, um tigre com asas. Lamentavelmente, tigras

voadores têm sido animais raramente vistos. Em termos de grandes países, a democracia liberal burguesa vai bem com exércitos não democráticos e profissionais. O mesmo pode ser dito do socialismo burocrático ou, como preferem outros, do capitalismo de Estado soviético. Teremos talvez que esperar ainda por um arranjo estável que combine o socialismo democrático com exércitos democráticos e populares.

Bibliografia sumária
Mao Tsé-tong, *Escritos Militares*, Pequim, Éditions en Langues Étrangères, 1964.
Gen. V.N. Glap, *Guerre du Peuple, Armée du Peuple*, Paris, Maspero, 1966. Charles Bettelheim, *Questions sur la Chine après la Mort de Mao Tsé-toung*, Paris, Maspero, 1979.
K.S. Karol, *La Deuxième Révolution Chinoise*, Paris, Balland, 1974.
Ellis Joffe and Gerald Segal, *The Chinese Army and Professionalism, Problems of Communism*, XXVII (Nov-Dec, 1978).
Teng Hsiao-ping, "Discurso en la Ceremonia de apertura de la Conferencia Nacional sobre las Ciencias", Pequim Informa, 12 (1978).

O maior sucesso diplomático do século

O caminho da China, do isolamento ao centro das atenções do mundo, por

Severino Cabral Filho,
do Centro de Estudos Afro-Asiáticos.



Ao término de seu estudo histórico das relações entre a China e o mundo contemporâneo, John Gittings credita o que ele considera como o maior sucesso diplomático do século — o fim do isolamento da China Popular e a conquista por esse país de uma posição central nos assuntos mundiais — a estratégia baseada no que os chineses denominam "linha revolucionária do Presidente Mao". Estratégia esta que, segundo Gittings, concentra-se em dois objetivos: 1) buscar o fortalecimento econômico, político, ideológico e militar da China, para com isso torná-la independente e autônoma frente a seus inimigos principais (o imperialismo americano dos anos 50 e 60 e o social-imperialismo soviético nos anos 70) e 2) suportar ativamente as lutas da chamada "zona intermediária", ou seja, essa região estratégica, e também instável, onde os interesses do inimigo principal podem ser detidos em sua tentativa de cerco. Mas o que é exatamente esta linha revolucionária diplomática? Em que teoria do poder mundial ela se baseia, quais são seus conceitos centrais?

Ao proclamar a República Popular da China "um estado revolucionário", como classificou Henry Kissinger, Mao já havia concebido, na campanha de retificação (Zhenzhen) em 1942 e no VII Congresso em 45, sua versão do marxismo-leninismo, adaptado às condições da luta revolucionária na China: o "pensamento Mao Zedong" (Si-xiang Mao Zedong). Estudiosos do mundo chinês contemporâneo, como Benjamin I. Schwartz, afirmaram a originalidade desse "pensamento" que combinava elementos da mais cara tradição filosófica chinesa aos "bárbaros" ocidentais Marx e Lenin. John Rue, em instigante estudo, descreveu parte da estrutura interna que determinava as formas dessa combinação teórica e as sutilezas de seu distanciamento crítico frente às matrizes da versão staliniana do marxismo.

Esse sistema de pensamento combinava a tradição filosófica chinesa com o produto mais explosivo do pensamento ocidental: a teoria marxista-leninista e o seu programa social. Ele compreendia um verdadeiro dispositivo teórico-prático capaz de propor estratégias, encaminhar políticas e analisar as condições em que se desenvolviam as lutas sociais na China e no Mundo. Ao longo de sua elaboração, nos anos formativos do Kiangsi e Yenan, produziu uma política nova que influenciou de um modo duradouro os destinos da nação mais populosa da terra. Suas inovações, introduzidas na concepção staliniana então reinante, serviriam de quadro de referência às políticas futuras do Estado chinês, tanto no plano interno quanto externo.

Contradições

As inovações trazidas por essa explosiva combinação teórica ao pensamento político contemporâneo são inúmeras. Pode-se referir, de passagem, à sua concepção de Frente Única, ao seu conceito de Povo, à adequação da teoria leninista do imperialismo às condições do mundo colonial e semicolonial. Em todas essas concepções emerge um quadro de múltiplas e móveis contradições, que orienta as análises dos partidos, classes e Estado. Por sua vez, ao aplicar esse dispositivo à análise das relações internacionais, produziu uma espécie de "arquitetônica" da política externa chinesa, um solo fundador no qual, em diferentes conjunturas, a direção do Estado buscou inspirar-se em suas diretrizes, fórmulas e intervenções concretas.

Em 1946, do interior da base vermelha de Yenan, entrevistado por Anna Louisa Strong, Mao enunciara de forma didática, ao responder as questões da jornalista americana, as bases dessa concepção do sistema mundial. Baseava-se em dois princípios: primeiro no cálculo estratégico que apontava para um declínio histórico do imperialismo ocidental na Ásia e no resto do mundo, o que se traduzia na metáfora do "tigre de papel"; segundo, na concepção de "zona intermediária", noção que tem um caráter estratégico-chave no estabelecimento das alianças e contra-alianças no plano do poder político mundial.

A concepção "tigre de papel", que tanta polêmica suscitou nos anos 50 e 60, profundamente ancorada no universo cultural do povo chinês, significa para Mao que os inimigos — o imperialismo e os reacionários, (p.ex. Chang Kai-chee) — considerados em seu conjunto e numa perspectiva histórica, devem ser desprezados, ao mesmo tempo, porém, do ponto de vista tático, devem ser encarados seriamente e combatidos passo a passo. A forma vem à baila sempre que a conjuntura externa e interna se revela difícil e conturbada.

Em 40, quando dos incidentes que quase provocaram a ruptura da frente anti-japonesa, Mao caracterizaria Chiang e sua política como

sendo "Ulisses de papel"; em 40, a guerra civil reiniciara, e Chang, tornando senhor de toda a China, era apoluido pela maior potência mundial — os EUA —, que acabava de fazer explodir duas bombas atômicas sobre o Japão, outrora poderoso invasor. A elevação do moral de suas tropas corresponde por inteiro à aviliação estratégica de Mao; Chang e seus aliados americanos foram batidos pelo conjunto da situação. Nos momentos agudos do conflito sino-americano nos anos 50-60, a fórmula retomará com todo o seu vigor.

O conceito de "zona intermediária" também reflete uma concepção estratégica profundamente ancorada no pensamento dialético chinês. Desde as análises das classes sociais na China, a disposição das forças políticas guardam um caráter triádico: Nós (o povo), os amigos e os inimigos do povo. Entre Nós e o inimigo (principal, secundário) posta-se o terreno móvel dos amigos (sinceros, insinceros). Em 46, Mao considerava que o clima de guerra contra a URSS, levada a cabo pelos EUA, não daria lugar a um conflito real. Isso porque entre os dois se colocava uma extensa zona de países (inclusive a China) na Ásia, África, América Latina e nos países recém-derrotados ou destruídos pela guerra, que deveriam ser controlados, dominados antes de se chegar a um confronto final.

Nos anos 50, com a formação dos dois blocos, "o capitalista" e o "socialista", liderados pelos EUA, e pela URSS, os chineses situam na "Zona Intermediária" os países dos três continentes e apoiam a formação do bloco afro-asiático. Por sua vez o começo da década dos 60 assistirá ao início da grande ruptura sino-soviética.

Em meio à guerra de palavras entre os dois contendores, com acusações mútuas de traição, ecoaram algumas noções já antigas no léxico político chinês. Na "Carta dos 25 Pontos", de 14 de junho de 1963, em que contestavam as concepções soviéticas de "coexistência pacífica", os dirigentes chineses enumeram que eles consideram as quatro contradições fundamentais do mundo contemporâneo:

- A contradição entre o campo socialista e o campo imperialista;
- A contradição entre o proletariado e a burguesia no seio dos países capitalistas;
- A contradição entre as nações oprimidas e o imperialismo;
- A contradição entre os países imperialistas entre si.

Ao mesmo tempo, condenavam como erro político a tendência dos dirigentes soviéticos em apagar o conteúdo de classe das contradições entre o campo socialista e o campo imperialista, subestimar as demais contradições e os conflitos por eles gerados, em suma, afastar a via da revolução para resolver os problemas resultantes dessa contradição. Por último, os chineses criticam os soviéticos por desconhecerem o fato de que a contradição principal se situa na "zona de tempestades", aí onde se defrontam os interesses imperialistas e os povos oprimidos.

Cisão

A ruptura ideológica entre os dois partidos (o PCUS e o PCC) culmina um longo processo de crise larvar, cujos abalos se fizeram sentir bem antes em episódios como a "retirada dos técnicos" e o fim da ajuda soviética ordenado por Kruschchev, em 1960. Anteriormente, quando da viagem de Kruschchev a Camp David, já havia sido rompido o acordo nuclear pelo qual os soviéticos se comprometiam a fornecer tecnologia nuclear aos chineses, além do surgimento dos críticos sistemáticos à política do Grande Salto e à criação das comunas populares. Pelo lado chinês, era denunciado o revisionismo na Conferência de Moscou, em discurso do próprio Mao, quando da comemoração do quadragésimo aniversário da Revolução de Outubro de 17.

Desde 57, em seu discurso "Sobre a justa resolução das contradições no seio do povo", Mao afirmava uma concepção diferente do modelo coercitivo, estalinista de transição, que mergulhara na grave crise da Polónia e da Hungria no ano anterior. Essa diferença se especifica mais ainda numa reflexão sobre as "Dez grandes relações", na qual as contradições principais entre os dois partidos estão claramente formuladas.

No plano internacional, o conflito se agrava com a aproximação da URSS e dos EUA. Ao mesmo tempo em que as independências africanas e o recrudescimento da crise do mundo colonial remanescente (crise da África Austral, começo das guerras nas colônias portuguesas na África) reativaram a política intervencionista nos países do Terceiro Mundo — econômica, militar ou via golpes de Estado — a URSS se descomprometia, em nome da política de "coexistência pacífica", da compe-

tição pacífica entre os dois sistemas. Após a crise dos mísseis em 62, uma vaga de golpes de Estado assola o Terceiro Mundo, e se assiste ao início da fase de intervenção aberta das forças norte-americanas no Sudeste asiático.

A crise do campo socialista ocorre em paralelo à emergência da Europa e do Japão como forças econômicas e políticas buscando autonomizar-se frente à hegemonia americana. A posição da França, sob a liderança do General De Gaulle, é decisiva neste contexto. O Estado francês desenvolve sua própria força nuclear, afasta-se da NATO, reaproxima-se da URSS e rompe com a política norte-americana de isolamento da China, reconhecendo a República Popular como real representante do povo chinês. Desde 64 os formuladores da política externa chinesa haviam atentado para essa tendência que os levou a incluir a França e os países industrializados no seu conceito de "zona intermediária", cuidando de distinguir, entretanto, as duas zonas — a primeira constituída das colônias e semicolônias, e a segunda dos países industrializados.

A escalada da Guerra do Vietnã, entretanto, levou a um ponto de ruptura do quadro das relações mundiais, promovendo mudanças gerais nos sistemas de alianças e contra-alianças e no próprio equilíbrio das superpotências.

Do lado chinês, a Guerra do Vietnã é o momento agudo em que a própria existência do Estado está ameaçada. A possibilidade de um ataque nuclear preventivo americano seguido da invasão de seu território, dividiu de maneira radical a própria direção chinesa, coacada diante da necessidade de ser forçada a uma acomodação com a URSS.

A resposta de Mao é o aprofundamento da ruptura no plano político e ideológico com Moscou, através da mobilização intensa das massas e de uma profunda reforma da estrutura interna da sociedade chinesa. Com o desencadeamento da Revolução Cultural, é todo o passado de ligações e compromissos com o mundo soviético que se vê questionado e criticado.

Neste momento, se batem duas concepções da política internacional que podemos designar como paradigmáticas. A primeira é a que está definida em suas linhas gerais nos documentos oficiais chineses e que teve como grande arquiteto o Primeiro Ministro Chu Enlai. Segundo essa concepção, a coexistência entre Estados de regimes sociais diferentes é possível e deve ser baseada nos cinco princípios transcritos na Declaração de Bandung.

Reunidos em Bandung, numa histórica conferência, os países afro-asiáticos firmaram os cinco princípios que fundamentam hoje as relações diplomáticas entre os Estados-base: respeito mútuo da soberania e integridade territorial; não agressão mútua; não ingerência mútua nos assuntos internos; igualdade e

Vantagens recíprocas; coexistência pacífica.

Por outro lado, não é possível coexistência alguma entre opressores e oprimidos, entre exploradores e explorados. Assim, a contradição entre os povos oprimidos e o imperialismo é antagônica e só admite soluções revolucionárias. Como a contradição principal do nosso tempo reside

na oposição entre o imperialismo e as revoluções nacionais, o apoio aos movimentos de libertação nacional é parte integrante da luta internacional dos trabalhadores e, ainda, a plataforma comum que une (ou deve unir) os Estados socialistas. De certo modo, a ruptura com esses Estados põe em cheque esta estratégia implementada com grande habilidade e êxito nos anos 50, dando à República Popular da China audiência e apoio, apesar da violenta oposição e tentativa de isolamento por parte dos Estados Unidos.

A Revolução Cultural, ao denunciar os Estados socialistas como revisionistas — e o principal deles, a URSS, como um Estado social-imperialista —, provoca uma inflexão tão importante que não deixaria de ter consequências sobre a condução da política externa. O marechal Chen Yi, à época Ministro das Relações Exteriores, é alvo de críticas das guardas-vermelhas, e o Ministério é tomado pela facção mais radical. Nesse momento, um outro paradigma serve de referência. Trata-se da concepção do Marechal Lin Biao, defendida em seu texto comemorativo do fim da Guerra de Resistência contra o Japão. Ao fazer o elogio da estratégia da Guerra Popular, Lin Biao esboça um modelo de política em que o plano mundial de poder é dividido entre o campo e as cidades — ou seja, os países periféricos e os países industriais — e onde os movimentos de libertação nacional são colocados como a força motriz principal da revolução no mundo. Este esboço, principalmente quando exacerbado pelo conflito político interno e o isolamento externo, levaria a China praticamente a renunciar à política diplomática, guardando relações preferenciais com poucos Estados (Albânia, Coreia, Vietnã — este com algumas diferenças).

A guerra do Vietnã e o seu desfecho introduzem, porém, decisivas mudanças na correlação de forças na Ásia e no Mundo. Ela marca o ponto de inflexão da política externa norte-americana. O momento em que se define o término da intervenção americana no Sudeste Asiático se traduz pelo fim da política de cerco à República Popular da China.

É um momento de crise da Europa Oriental, com o desencadeamento da intervenção em Praga pela URSS e seus aliados. Ao mesmo tempo em que acena para o amplo acordo que abre ao capital financeiro internacional o mercado dos países do Leste, a direção soviética reforça a sua hegemonia político-militar no interior do bloco. Todos os países com pretensões autonomistas sentem-se ameaçados pela "Doutrina Brezhnev": a China toma de imediato partido, denunciando o social-imperialismo quando da invasão de Praga.

Em Paris, começam as conversações de paz entre as delegações vietnamitas e norte-americanas. Enquanto o Vietnã apóia a intervenção soviética em Praga, a China continua isolada e logo terá de se defrontar com a hostil presença militar soviética nas suas fronteiras.

É este momento, em que começa a se esboçar um novo quadro de realidades mundiais, que redefine os termos da concepção chinesa da problemática mundial para adequá-la às transformações conjunturais. As reflexões no quadro de suas análises, e que projetam um novo parâmetro à política internacional da China desde então, podem ser observadas a partir da Declaração de 74, quando Mao enuncia a tese da diferenciação do sistema mundial em três mundos: o Primei-

ro Mundo, o mundo das superpotências (URSS e EUA); a zona intermediária constituída pelos países industrializados da Europa, Canadá e o Japão formariam o Segundo Mundo; e o Terceiro Mundo, que inclui a maioria da população mundial concentrada nos três continentes, América Latina, África e Ásia. Esta Declaração enuncia os princípios do que os chineses chamam a "Teoria dos Três Mundos", anunciada no mundo no discurso de Deng Xiaoping na ONU, em abril de 74. Ela aponta para as tendências contraditórias que se desenvolveram nos últimos anos e que se constituíram no solo movediço e altamente condensado da crise do poder mundial.

A solução dessas diversas crises, mesmo quando aparentemente favoráveis a uma ou outra dessas superpotências, tem despertado e mobilizado forças sociais cuja presença na arena política internacional desloca e modifica a relação de força entre o Norte e o Sul, ou seja, alimenta a clivagem fundamental que separa os países do Terceiro Mundo.

Na análise do processo político mundial, caracterizado pela destruição hoje quase completa do sistema colonial, os chineses procuram caracterizar a tendência principal e a forma histórica de que se revestem as políticas das duas superpotências, que, no vácuo do sistema de dominação européia, estabelece-

ram as bases de sua própria dominação: a partir de Yalta, nas sucessivas etapas da guerra fria, e, por último, no quadro político da "détente".

A "détente" configura não só uma forma regulada, por acordos, dos seus conflitos, mas também de seus interesses comuns (uma política de manutenção da força econômica e militar concentrada nos centros de poder soviético e americano). Esses dois Estados detêm hoje quase 40% do PNB mundial e uma força nuclear e convencional capaz de destruir qualquer comunidade humana em qualquer parte do ecúmeno. Contra essa situação e o seu desdobramento, que ameaça diretamente os interesses da humanidade em seu conjunto, os chineses propõem em sua "teoria dos três mundos" um programa de frente anti-hegemonia capaz de unir todos os Estados médios e pequenos.

O "hegemonismo"

Uma autêntica invenção da política chinesa, "hegemonismo" é um termo que designa a política mundial de poder das superpotências. A diferenciação significativa entre o poder das superpotências e o das antigas potências imperialistas (Inglaterra e França, principalmente) fica claramente determinada por esse conceito. De fato, a dominação hegemônica se substitui ao velho colonialismo e, mesmo, ao neocolonialismo. Na verdade, é o produto da concentração monopolista econômica e política do poder mundial — não mais no sistema interestatal de Estados imperialistas, mas nas duas superpotências. Curiosamente, os chineses recorrem a um termo que designa na história clássica o poder emergente dos "reinos combatentes", que, à sombra da última dinastia declinante dos Zhou, preparavam a derrocada do mundo chinês. O "hegemonismo das superpotências" da metáfora chinesa é anunciador do fim de uma era: o fim do controle político mundial exercido pelos países do hemisfério Norte sobre os povos dos três continentes.

O conceito de hegemonismo serve, portanto, para diferenciar as superpotências das antigas potências coloniais européias, do Canadá e do Japão, ou seja, dos países industrializados de hoje. Esses países têm interesses contrários aos das superpotências e podem aliar-se ao Terceiro Mundo. Sem se constituírem na

força principal de mudança, eles estão no centro da disputa entre as superpotências e ocupam a "zona intermediária" do conflito.

Esta definição estratégica geral é nunçada por uma análise das condições concretas de cada uma das superpotências hegemônicas. Os chineses tiram todas as consequências do fato da transformação da natureza do poder da superpotência americana. A derrota da política intervencionista no Sudoeste da Ásia e a crise política interna que se seguiu (Watergate, queda de Nixon, maior peso do Congresso, etc) configuram para eles o quadro tendencial do fim da expansão político-militar americana.

Ao mesmo tempo expande-se e adquire peso cada vez maior, e mais ofensivo, a espantosa máquina de guerra construída pela URSS. A natureza agressiva do Estado Soviético, apoiando guerras e intervenções militares no Terceiro Mundo, enquanto persegue uma estratégia voltada para a hegemonia mundial (que inclui o cerco à China), se fundamenta nas relações sociais internas baseadas no capitalismo monopolista de Estado. O caráter novo dessa estrutura social e os seus efeitos na conjuntura mundial foram de há muito denunciados pelos dirigentes chineses.

Não é pois de estranhar que, uma vez os Estados Unidos se tenham retirado do Sudoeste Asiático, pondo fim à sua intervenção na Guerra do Vietnã, os chineses tenham deslocado a URSS para o lugar do inimigo principal. Estrategicamente, buscaram fortalecer a partir de então sua união com os países do Terceiro Mundo. Em defesa de seu campo, propuseram a criação de uma ampla frente anti-hegemonica com os países do Segundo Mundo para se opor às políticas de hegemonia mundial das superpotências.

Os acontecimentos internacionais mais recentes — a revolução iraniana, a queda da ditadura somozista, o conflito de interesses permanente entre os países da Europa Ocidental e o Japão com as duas superpotências, evidenciado por ocasião da discussão sobre o controle do armamento nuclear, a política da OPEP e a crise mundial de energia demonstram que o cenário traçado pelos analistas chineses em sua "Teoria dos Três Mundos" corresponde, apesar dos ziguezagues da sua política atual, ao quadro de crise por que passam as relações mundiais de poder.

O ziguezague do modelo de produção chinês

Como coadunar o modelo de desenvolvimento ocidental com os princípios do socialismo? Uma análise dessa busca é feita por Isabel R. O. Gomez de Souza.

Quando se teve notícias, no Ocidente, da Grande Revolução Cultural na China, a reação (ainda presente, e já agora não tão justificável), principalmente nos meios de comunicação de massa, foi de espanto e condenação. O primeiro se dava diante da revelação de fatos insólitos em nossa cultura, como a autocrítica pública, a violência na retórica e, sobretudo, a evidência de que em países comunistas existe conflito, e o conflito se manifesta, e se manifesta armado. Era demais, sobretudo pa-

ra os adeptos de uma versão totalitária do comunismo, onde o Partido tudo sabe, tudo controla e tudo executa, Instituição capaz de se manter unida em todas as situações, manipular as massas para que aquiesçam e reprimam-se sempre que necessário. Instituição que também sem maiores problemas formula todas as políticas pertinentes para garantir seu domínio e executa-as com perfeição, controlando e compatibilizando ideólogos, burocratas e militares, e que então, de repente, explode em crises. Pior ainda, porque Mao estava lá para completar o quadro, tal qual mandava a teoria, com seu carisma, sua ligação direta (manipulatória) com as massas, mas bem afinado com o Partido, para evitar contradições. Até aqui, para os desavisados, o espanto. A condenação vinha de todos os lados. Mas a mais surpreendente talvez tenha sido a de certa parcela da esquerda.

Tentarei sugerir, ao longo deste artigo, uma interpretação alternativa da experiência chinesa, já que considero definitivamente equivocadas as posições que vêm nela apenas a expressão do exotismo ou da irrelevância.

Marxismo chinês

Para tanto, um bom ponto de partida é a concepção chinesa do marxismo, expressa nos trabalhos teóricos de Mao, pois que ideologia é coisa séria tanto aqui quanto lá. Já nos seus escritos anteriores à vitória da Revolução Chinesa, Mao considera que socialismo significa simultaneamente revolucionar os fatores de produção e as relações de produção. Isto é, apropriação coletiva dos meios de produção e industrialização acelerada não são suficientes, se o objetivo fundamental é a construção do socialismo. Para trilhar o caminho da socialização, é necessário que se revolucionem as relações de produção, não apenas eliminando o poder econômico da antiga burguesia industrial (o que foi sendo feito de forma gradual), mas atentando para as novas relações de poder que se estabelecem entre a elite burocrática e do Partido, os técnicos e os trabalhadores. Esta ideia de um conflito permanente entre estes grupos, numa sociedade onde os meios de produção estão nas mãos do Estado, deriva de dois postulados: o primeiro deles afirma a necessidade de uma liderança capaz de sintetizar, unificar e eventualmente elevar o nível de consciência das massas. Mas, sobretudo, de dar uma forma precisa às aspirações e percepções da massa, que, embora sempre corretas e justas, são também, na maior parte das vezes, um tanto confusas e contraditórias. Cabe à liderança, à elite (aos quadros do Partido) desempenhar este papel de coordenação e sistematização, devolvendo às massas suas percepções agora já trabalhadas. Por sua vez, são as massas que colocam estas ideias em ação, testando-as na prática. Nesta ligação, o conflito não está ausente. Mais do que isto (e é este o segundo postulado), é desejável. É desejável porque as massas só chegam a ter clareza do que realmente querem quando tomam o poder (isto é, ocupam de alguma forma a posição de liderança). Nesta concepção, fica claro que a Revolução Cultural, longe de ser aberrante, expressa na prática (e talvez de forma quase que weberlanamente típica) parte fundamental da ideologia marxista chinesa.

Esta ênfase na "linha de massas" não se coaduna com os processos próprios de nossas

sociedades industrializadas ou em via de industrialização. Eficiência econômica e administrativa, produtividade a curto prazo e planejamento estão longe de ter "afinidades eletivas" com criação espontânea das massas, participação popular no processo decisório, autonomia local, "política comandando a economia", componentes fundamentais da linha de massas. Se hoje já não é mais total-

mente herético falar de processos de industrialização no plural, isto é, se pelo menos teoricamente a noção do desenvolvimento já foi devidamente criticada por seu etnocentrismo, o modelo ocidental é ainda o dominante. Este modelo, absorvido em alguns de seus postulados essenciais pela União Soviética, e exportado para a China logo após o término da revolução, foi constantemente contestado por Mao e seus seguidores. A Revolução Cultural representa justamente um dos pontos altos da geração e posterior implementação (ainda que parcial) de um modelo alternativo.

Conciliação

De forma sumária, pode-se dizer que a experiência chinesa expressou a tentativa de conciliar industrialização e crescimento econômico com formas mais democráticas de decisão. Isto implica, necessariamente, colocar em novos termos os moldes clássicos de obtenção de recursos (acumulação), metas e pauta de produtos prioritários, divisão social do trabalho e sua remuneração, assim como o próprio estilo de planejamento.

A Revolução Cultural iniciou-se como um momento de crítica radical ao aburguesamento da sociedade chinesa ("Comunicado de 12 pontos" aprovado pelo XI Plenum do Comitê Central), isto é, à burocratização da administração e do Partido e à imitação de padrões ocidentais e soviéticos de industrialização. Ela atinge toda a sociedade, mas o foco aqui estará no setor industrial, onde as principais objeções eram as seguintes:

a) de que os técnicos e engenheiros estavam se transformando em uma elite, não tanto pelas diferenças salariais mas pelas atitudes e comportamento onde se manifestava o desprezo pelos trabalhadores manuais;

b) de que o Partido se absorvia em demais questões econômicas e administrativas, desconsiderando o aspecto político, isto é, que o fim último, e, portanto, ingrediente fundamental da produção, era a desalienação do homem, possível somente se fosse dado ao trabalhador o controle efetivo sobre a escolha do produto, das condições de sua produção e de sua distribuição;

c) de que o planejamento tratava as empresas como unidades estritas de produção, esquecendo-se de que elas constituem um local eminentemente político, onde a luta contra a desigualdade e os privilégios tinha que continuar.

d) de que as metas de produção definidas a nível do aparato central beneficiavam desproporcionalmente as regiões já mais desenvolvidas e que, nesta estrutura verticalista de planejamento, se criava um novo estrato de administradores totalmente desligados das necessidades e aspirações das massas locais.

Estas objeções em si mesmas não representam nada de muito novo. Elas constituem a espinha dorsal de qualquer crítica mais funda à produção em massa, ao domínio da eficiência econômica e à burocratização, ainda que com uma outra terminologia, e poderiam ser encaminhadas à direção central até mesmo de uma empresa brasileira por algum assessor de planejamento (um tanto exótico, sem dúvida), preocupado com "Administração por Objetivos". A novidade está em que, em vez do assessor, quem reclama é a massa de trabalhadores, e o alvo da crítica não é tal ou qual empresa ou governador, mas a orientação básica do sistema. Mais do que isso, este estímulo e aprova o movimento, atitude que

ficou clara por ocasião da tomada de Shanghai (Janeiro, 1967) pelos rebeldes. É evidente que este apoio por parte do Governo central não se dá de forma tranqüila e homogênea. A Revolução Cultural foi antecedida de grandes debates e cisões no Partido, e os grupos ligados a Liu Shao-ch'i, Deng Xiao Ping, Tao-Chou e Tan Chen-lin, entre outros, estiveram na opo-

sição todo o tempo (a chamada "década maldita", que se inicia em 1960).

E a coisa não ficou aí, pois que a crítica se seguiu substancial reformulação. Até então, as empresas eram dirigidas pelo Comitê do Partido, eleito todos os anos por todos os membros do PCC na empresa, sendo que estes eram convidados a consultar as massas sempre que necessário. Ao Comitê competia elaborar o Plano Anual da empresa, segundo a orientação das metas centrais, estabelecer o regulamento interno, empreender a renovação técnica, nomear quadros e recompensar os mais qualificados. A parte propriamente administrativa estava nas mãos de um diretor geral, nomeado pela administração provincial ou central, responsável diante do Comitê. As massas, estas deveriam se fazer presentes pelos sindicatos, mas acontece que estes, além de estarem estruturados de cima para baixo, se ocupavam basicamente com serviços sociais e defesa de salários.

Esta estrutura, de fato, não chegava a contradizer a organização de uma empresa capitalista, exceto pelo fato (não de todo irrelevante) de que, no lugar do Comitê do Partido e do diretor central, estariam diretores e executivos, representando os acionistas.

A mudança operada começa por substituir os Comitês do Partido por Comitês Revolucionários, integrados agora por membros permanentes e trabalhadores, todos eles eleitos e revogáveis pela base. Ao Partido compete cuidar apenas da unidade entre as empresas, e cumprir sua função de vanguarda política. A divisão social do trabalho é afetada, internamente, pela norma de rotatividade nas funções de produção, controle, planificação e disciplina. Se isto não se dá de forma abrupta e cabal, uma vez que nem todo trabalhador tinha qualificação necessária para desempenhar funções dos técnicos (e vice-versa), representa, não obstante, um elo de continuidade com o processo iniciado (e interrompido) no final dos anos 50. Do Grande Salto Para a Frente, justamente uma das inovações que permaneceu foi a formação de "combinações triplas", isto é, associação de técnicos, trabalhadores e administradores voltada para a inovação. A idéia-chave era aproveitar ao máximo a capacidade criadora do trabalhador manual, diretamente envolvido com a produção, cabendo ao técnico a função de liderança (sistematizar e coordenar os impulsos da base), e ao administrador cuidar da ligação entre as várias esferas da empresa.

Neste novo arranjo, as decisões eram tomadas coletivamente, competindo aos Comi-

tês Revolucionários de cada nível decisão encaminhar o processo. Para que esta ligação entre topo e base se fizesse de forma ágil, eliminou-se ou absorveu-se, em funções diretamente produtivas, o nível administrativo intermediário.

Com estas transformações na estrutura da empresa, coloca-se o problema do plano: se todos os trabalhadores podem, em princípio, participar da elaboração do plano da empresa, se compete a eles cuidar da disciplina no cumprimento das metas, se as metas agora deverão estar voltadas prioritariamente para as necessidades locais, como garantir a execução de um plano elaborado nacionalmente? A solução encontrada é a de descentralizar o planejamento, limitando-se os organismos centrais e traçar algumas diretrizes básicas, e definir tipo e quantidade de produção, mas deixando para ser resolvida a nível local a especificação e implementação do plano. Aqui poder-se-ia objetar que, longe de se obter uma sociedade não-burguesa, o movimento se dirigia para a economia de mercado, à la Tugoslávia. No entanto, o que começou a ser feito na China a partir de 1960 não me parece poder ser

caracterizado nem como economia de mercado, nem como democracia irrelevante (todo "poder" na empresa e na comunidade e nenhum poder para a empresa ou a comunidade). O mercado está excluído na medida em que salários, mobilidade de mão-de-obra e tipo de produção são regulados a nível central. A irrelevância também não ocorre porque se começou a enfatizar, justamente, um tipo de produção que promovesse a auto-suficiência das empresas e/ou das localidades. Este movimento ocorre simultaneamente com uma ênfase na "desespecialização" das unidades. Isto é, promoção de empresas capazes de produzir o máximo de seus insumos, e municípios capazes de se auto-abastecerem. Isto implicou em desenvolver a indústria em áreas rurais e criar empresas agrícolas nas áreas urbanas. Assim, participar das decisões a nível da empresa ou do município está longe de ser irrelevante, do ponto de vista da natureza das políticas sobre as quais se decide, ainda que certas decisões (armamento, indústria pesada, etc.) permaneçam fora do alcance de influência das bases.

Democracia parcial

Aqui, acho que é importante notar que, se de um certo ponto de vista, a democracia é parcial uma vez que é a elite central que toma estas decisões estratégicas, há, não obstante, uma margem considerável de autonomia para a coletividade na medida em que, efetivamente, pode afetar o rumo dos acontecimentos que a atingem de forma imediata. É preciso ter em mente ainda que a China não se propôs reformular a concepção de Estado, ou enquistá-lo, mas sim torná-lo responsável perante as massas.

Até agora fiz referências às mudanças organizacionais que propiciaram a vigência da "linha de massas". Necessárias, mas requerendo ainda um complemento político. Este vem através de novas formas de remuneração do trabalho, eliminando-se o bônus e o salário por peça. A gratificação em termos de salários permanece, diferenciada em termos de capacidade, experiência e qualidades políticas, complementada por incentivos morais (emulação e prêmios) individuais ou coletivos. Vem também na introdução de um novo conceito de eficiência, abrangendo benefícios sociais, atendimento de necessidades locais e efeitos sobre a educação e qualificação do operário. Toda a ênfase para a ligação entre liderança e massa é colocada na relação direta, face a face, buscando-se viabilizar canais de controle mais eficazes, assim como quebrar eventuais atitudes elitistas dos quadros e dos técnicos.

Oficialmente, a Revolução Cultural recebe um ponto final em 1969. Mas as inovações

serão, em sua grande maioria, mantidas até muito recentemente. Com a nova orientação de Deng e Hua, parece estar havendo uma volta ao modelo soviético, com ênfase no desenvolvimento econômico a qualquer custo político.

A maior parte dos observadores tende a interpretar esta reversão como a retomada do inevitável, o ato sensato por tanto tempo adiado. Afinal, desenvolvimento é desenvolvimento, industrialização é industrialização, racionalidade é racionalidade. O resto é pura ideologia, luta pelo poder. E não há dúvida que existe evidência de sobra para quem quiser endossar esta interpretação. Não só o modelo ocidental e soviético de industrialização segue dominando, como na própria China esteve presente, com o sistema de "one-man management" no início dos anos 50, assim como no período que antecedeu à Revolução Cultural, quando Po-I po chegou a afirmar que "nossa política é a democracia sob o controle do centro, diametralmente oposta às palavras de ordem e à prática errônea do autogoverno dos trabalhadores". Pode-se portanto atribuir

as "loucuras" da Revolução Cultural à senilidade de Mao e à usurpação do Grupo dos Quatro. Mas esta interpretação terá que se haver com evidências contrárias. O modelo ocidental vem gerando problemas que vão desde a poluição e desequilíbrio da ecologia até insatisfação manifesta e/ou alienação acentuada de operários e classe média. Isto é, pelo fato de ser o modelo mais forte, não se revela consensualmente bom.

Em termos da história chinesa, a interpretação acima teria que dar conta, e não dá, do caráter eminentemente cíclico de sua experiência recente. Isto é, a cada movimento de implantação do modelo ocidental, correspondeu um outro de reversão, buscando-se alternativas que se coadunassem com os princípios fundamentais do socialismo. De modo que a reorientação dada por Deng e Hua pode também ser tomada como um dos picos deste ziguezague. Assim sendo, não faz sentido uma interpretação linear mas, ao contrário, competiria atentar para eventual período de revisão da linha atualmente dominante.

A conclusão de Andors, sociólogo americano que estudou tão exaustivamente quanto possível o processo industrial chinês, é a de que as mesmas reformas que são tentadas no mundo ocidental, para diminuir o peso e a rotina do trabalho manual, mas que são feitas de forma intermitente ou muito localizadas, constituem o estofa básico da industrialização chinesa, constituindo-se, portanto, em um modelo alternativo com o qual, mais cedo ou mais tarde, o Ocidente terá que se confrontar. Considera ele que a integração obtida entre cidade e campo, trabalho manual e administração, local de trabalho e residência, indústria e agricultura está longe de ser trivial, ainda que estas modificações na divisão social do trabalho não estejam ainda devidamente consolidadas.

Se este modelo pode ou não vingar, lá ou no mundo socialista em geral, não me parece ser a questão mais importante. Todos nós sabemos que ideologia, projetos, intenções não bastam. Existe aí uma dinâmica de forças, materiais ou não, que mesmo que criadas pelos homens escapam depois de um tempo ao seu controle, e entre elas e as vontades vai uma longa distância. Penso que a relevância da experiência com a democracia na China está em ter mostrado, num movimento que tocou as etapas fundamentais de uma revolução, que é possível pelo menos cusar vincular os valores, que no meu entender são fundamentais, de liberdade, criatividade e responsabilidade social, ao mesmo tempo em que se constrói a necessária riqueza para que cada e todos os indivíduos possam satisfazer suas necessidades elementares.

sobre o ensino. O objetivo da educação, porém, permanecia inquestionável: a extensão do ensino a toda a população, visando à "criação do homem novo".

O fato de maior relevo ocorrido neste período e que de alguma forma prenuncia as duras batalhas que viriam a seguir, foi o sanclonamento do fracasso da normalização do ensino, na Grande Conferência de 1944 sobre a Educação e a Cultura. Neste encontro, onde Mao teve a oportunidade de amadurecer suas reflexões acerca da educação, o dogmatismo anteriormente reinante, que fez importar o modelo escolar ocidental às áreas rurais em luta, acabou cedendo lugar ao cheng-feng. Isto é, a política educacional inseriu-se no grande movimento de "retificação" sob a "di-

reção das massas", já em curso, às quais cabia reduzir o poder da burocracia, moldando o sistema às suas reais necessidades. Na verdade, professou-se um férreo combate à ideologia burguesa, objetivando-se uma maior ligação entre a teoria e a prática e uma maior politização do ensino, com a participação das massas.

O segundo grande período reveste-se de uma maior complexidade, devido não só à cristalização dos antagonismos no Partido, como também à magnitude dos problemas que a realidade do país colocava.

Do ano que registra a tomada do poder até as Cem Flores e o Grande Salto Adiante, o sistema educacional viu-se profundamente influenciado pelo modelo escolar soviético. A influência deste modelo, que se diferencia do ocidental apenas na prioridade dada ao ensino técnico — adaptado às necessidades que a industrialização acelerada impunha —, pode ser mensurada pelos números formidáveis que fornece: em 1956, 777.551 livros são importados da URSS; em 1957, são traduzidos para o chinês 12.400 livros, sendo imprimidos mais de 12 milhões; e, em 1959, havia 38.000 estudantes chineses formados nas universidades soviéticas. Em todas as classes do secundário, o ensino do idioma russo foi tornado obrigatório.

A fase do Grande Salto no âmbito educacional traduziu-se na tentativa de revolução do ensino, através da desburocratização do aparelho escolar, que o modelo anteriormente vigente havia fortalecido. Face aos fracassos que se lhe foram atribuídos, esta etapa foi rapidamente seguida de um período de "retificação", quando, então, sob a hegemonia da linha revisionista, a tentativa transformadora foi abortada.

A "retificação", contudo, também teve vida curta. Se a contra-ofensiva revisionista fundamentava-se na falta de êxito do Grande Salto, o programa que esta recolocava em

pauta achava-se já desgastado pelo acirramento do conflito com a URSS. As fricções políticas e o abandono de algumas realizações alcançadas no período anterior deram início a um processo crítico, dirigido pelas massas que, fecundadas no período da Guerra Civil, abriu à China as portas da Revolução Cultural.

O pêndulo revolucionário que o primeiro diazibao da Universidade de Pequim, afixado a 27 de maio de 1966, fez impulsionar algumas vezes até o extremo, inaugurou uma fase de reforma radical do sistema escolar. O movimento, que teve seu início com a crítica à peça teatral "A destituição de Hai Rui", transbordou os círculos literários e subverteu todo o ensino. Presencia-se, então, pela primeira vez, as massas conduzindo um processo revolucionário numa sociedade socialista.

A ameaça de um retorno ao capitalismo foi a mola propulsora dos ataques dirigidos aos chamados intelectuais burgueses. O controle direto das massas sobre o ensino, o rompimento da defasagem cidade/campo, a simbiose da teoria com o trabalho produtivo e uma educação com acento classista foram os objetivos perseguidos pelos seus ativadores.

A morte de Mao Tse-tung e as sucessivas reabilitações políticas a que se assiste tendem, nos dias que correm, a alterar o quadro herdado da Revolução Cultural. A prioridade concedida ao projeto das Quatro Modernizações, sem o qual a torna problemática a inserção da República Popular da China no concerto das relações mundiais de poder, sugerem uma rearticulação do sistema escolar, a fim de responder suas carências técnico-científicas, agora prementes.

A garantia de continuidade da rota traçada pelo Grande Timoneiro, aliada à construção de uma grande potência, é anunciada pelos atuais dirigentes, como a adequação de sua estratégia à nova realidade. A conciliação das novas metas com um ideal revolucionário de ensino, constitui, pois, o desafio que a China certamente não se negará a responder.

Na educação, os reflexos da luta política.

O sistema
educacional chinês tem
sofrido mudanças que
o atingem profundamente,
ao sabor da
alternância no poder.

É o que explica Williams da
Silva Gonçalves, do Centro
de Estudos Afro-Asiáticos.

"Ao observarmos a educação chinesa nos dias de hoje, vemos algumas mudanças que repudiam o programa da década passada, outros desenvolvimentos que são uma modificação da prática antiga e algumas indicações de que os princípios básicos permanecem os mesmos... É possível que um melhor sistema de educação possa surgir de um alargamento do programa do aprendizado acadêmico enriquecido por algumas louváveis inovações da educação revolucionária." Com esta epígrafe Theodore H. E. Chen, emérito professor de Educação e Estudos Asiáticos, nos descortina um mundo novo, capaz de surpreender os mais imaginativos pedagogos: a Educação na República Popular da China.

Descrever a trajetória das políticas educacionais chinesas significa, ao mesmo tempo, descrever um processo contraditório de intensa luta política. As constantes mudanças e retificações de que estas políticas têm sido objeto, marcam o tom e o ritmo do conflito social que se vem desenvolvendo no interior da República Popular da China. A linguagem metafórica que o discurso oficial utiliza na justificação de alterações — Bando Negro, Bando dos Quatro —, mais que a intrigas de caráter palaciano, remetem a uma verdadeira clivagem de ordem político-ideológica, que afasta de maneira irreconciliável dois projetos de desenvolvimento bem distintos.

A hegemonia de uma das duas tendências, seguem-se imediatamente mudanças políticas, que encorram no aparelho escolar um de seus palcos principais. Tanto uma como outra tendência — daí a necessidade de reformas — não concebem a Escola como uma instituição neutra, cujo funcionamento ocorra fora da esfera da luta de classes. Pelo contrário, a Escola é entendida como um dos elementos do conjunto dos Aparentos Ideológicos de Estado; melhor dizendo, a Escola é uma das instituições que, situadas sob o controle direto da máquina estatal, tem a prerrogativa de mobilizar e materializar a ideologia dominante. As práticas pedagógicas e a formulação de objetivos, bem como a estruturação dos níveis — primário, secundário, superior e técnico —, indicam o grau de controle político exercido pela tendência hegemônica e sua articulação com o respectivo projeto de desenvolvimento.

Muito embora o antagonismo atinja co-

lônidos específicos (dependendo naturalmente do momento histórico em que recrudescer, no qual a articulação de forças a nível interno e externo cumprem papel preponderante), as divergências de que se reveste antecedem a 1949 e tem suas origens na criação mesma do Partido Comunista, não cessando a partir de então de se reproduzir; seja no "oportunismo de direita" de Chen Duxiu, após a Conferência de 7 de agosto de 1927, seja na cisão provocada por Wang Ming e os "vinte e oito bolcheviques" em 1931. Programaticamente as duas tendências distinguem-se da seguinte forma: linha revisionista e linha revolucionária. A linha revisionista, identificada com o revisionismo internacional, propõe o surgimento de uma economia poderosa, cujos pilares são: um crescimento industrial acelerado, dando-se prioridade à indústria pesada; o abrandamento da luta de classes; uma política externa moderada; e um investimento maior na formação de técnicos e especialistas. A linha revolucionária, por seu turno, propõe um crescimento equilibrado dos dois setores, chaves da economia — industrial e agrícola —, o prosseguimento da luta de classes, uma política externa antiimperialista e uma maior participação das massas na vida do Estado.

As perspectivas de desenvolvimento que os dois projetos anunciam, constituem, pois, os parâmetros a partir dos quais o aparelho escolar terá sua ação regulada. A adequação destes dois projetos às necessidades do sistema escolar, gera, portanto, dois tipos de programas específicos e excludentes. De um lado (revisionista), apresenta um sistema de ensino fortemente centralizado administrativamente, com os recursos financeiros concentrando-se nos centros urbanos, observando um crité-

rio seletivo nos exames de admissão e tendo como finalidade a formação, num curto espaço de tempo, de uma camada de técnicos e especialistas comprometida com o esforço de industrialização. A linha revolucionária, por outro lado, apresenta um sistema descentralizado, com a participação ativa das massas, dando prioridade à elevação dos setores rurais e propondo a completa abolição do sistema de exames, no qual o objetivo a ser perseguido é a supressão da "divisão burguesa do trabalho" — trabalho manual/trabalho intelectual.

A política educacional chinesa, obedecendo à conjunção dos fatores assinalados, divide-se em dois grandes períodos definidores: "O período de Yenan e a Guerra Civil" e o período "De 1949 à Revolução Cultural", devendo o segundo ser ainda subdividido em três fases distintas: "Da Libertação ao Grande Salto", "Período Intermediário entre o Grande Salto e a Revolução Cultural" e a "Grande Revolução Cultural Proletária".

O período de Yenan revela-se rico em experiências, as quais mais tarde foram reelaboradas em consonância com as novas necessidades que a totalidade do território reclamava, podendo, inclusive, ser a Revolução Cultural considerada a "reaplicação alargada" desta experiência. Sua dimensão política ultrapassa a temporal e espacialmente as fronteiras que a circunscreveram, alcançando-se a fator alicerçador de todo posterior processo revolucionário. Assim concretizou a vitória da estratégia de Mao Tse-tung — luta armada político-social a partir do campo — e a ratificação de sua liderança no PCC.

As divergências existentes no interior do Partido nesta etapa concentravam-se no papel que a este deveria caber. Para uns, o sistema de ensino deveria ser rigidamente controlado pelo Partido, enquanto outros advogavam a intervenção e controle das massas.

sobre o ensino. O objetivo da educação, porém, permanecia inquestionável: a extensão do ensino a toda a população, visando à "criação do homem novo".

O fato de maior relevo ocorrido neste período e que de alguma forma prenuncia as duras batalhas que viriam a seguir, foi o sancionamento do fracasso da normalização do ensino, na Grande Conferência de 1944 sobre a Educação e a Cultura. Neste encontro, onde Mao teve a oportunidade de amadurecer suas reflexões acerca da educação, o dogmatismo anteriormente reinante, que fez importar o modelo escolar ocidental às áreas rurais em luta, acabou cedendo lugar ao cheng-feng. Isto é, a política educacional inseriu-se no grande movimento de "retificação" sob a "di-

reção das massas", já em curso, às quais cabia reduzir o poder da burocracia, moldando o sistema às suas reais necessidades. Na verdade, processou-se um férreo combate à ideologia burguesa, objetivando-se uma maior ligação entre a teoria e a prática e uma maior politização do ensino, com a participação das massas.

O segundo grande período reveste-se de uma maior complexidade, devido não só à cristalização dos antagonismos no Partido, como também à magnitude dos problemas que a realidade do país colocava.

Do ano que registra a tomada do poder até as Cem Flores e o Grande Salto Adiante, o sistema educacional viu-se profundamente influenciado pelo modelo escolar soviético. A influência deste modelo, que se diferencia do ocidental apenas na prioridade dada ao ensino técnico — adaptado às necessidades que a industrialização acelerada impunha —, pode ser mensurada pelos números formidáveis que fornece: em 1956, 777.551 livros são importados da URSS; em 1957, são traduzidos para o chinês 12.400 livros, sendo imprimidos mais de 12 milhões; e, em 1959, havia 36.000 estudantes chineses formados nas universidades soviéticas. Em todas as classes do secundário, o ensino do idioma russo foi tornado obrigatório.

A fase do Grande Salto no âmbito educacional traduziu-se na tentativa de revolucionarização do ensino, através da desburocratização do aparelho escolar, que o modelo anteriormente vigente havia fortalecido. Face aos fracassos que se lhe foram atribuídos, esta etapa foi rapidamente seguida de um período de "retificação", quando, então, sob a hegemonia da linha revisionista, a tentativa transformadora foi abortada.

A "retificação", contudo, também teve vida curta. Se a contra-ofensiva revisionista fundamentava-se na falta de êxito do Grande Salto, o programa que esta recolocava em

pauta achava-se já desgastado pelo acirramento do conflito com a URSS. As fricções políticas e o abandono de algumas realizações alcançadas no período anterior deram início a um processo crítico, dirigido pelas massas que, fecundadas no período da Guerra Civil, abriu à China as portas da Revolução Cultural.

O pêndulo revolucionário que o primeiro diaibao da Universidade de Pequim, afixado a 27 de maio de 1968, fez impulsionar algumas vezes até o extremo, inaugurou uma fase de reforma radical do sistema escolar. O movimento, que teve seu início com a crítica à peça teatral "A destituição de Hai Rui", transbordou os círculos literários e subverteu todo o ensino. Presença-se, então, pela primeira vez, as massas conduzindo um processo revolucionário numa sociedade socialista.

A ameaça de um retorno ao capitalismo foi a mola propulsora dos ataques dirigidos aos chamados intelectuais burgueses. O controle direto das massas sobre o ensino, o rompimento da defasagem cidade/campo, a simbiose da teoria com o trabalho produtivo e uma educação com acento classista foram os objetivos perseguidos pelos seus ativadores.

A morte de Mao Tse-tung e as sucessivas reabilitações políticas a que se assiste tendem, nos dias que correm, a alterar o quadro herdado da Revolução Cultural. A prioridade concedida ao projeto das Quatro Modernizações, sem o qual a torna problemática a inserção da República Popular da China no concerto das relações mundiais de poder, sugerem uma rearticulação do sistema escolar, a fim de responder suas carências técnico-científicas, agora prementes.

A garantia de continuidade da rota traçada pelo Grande Timoneiro, aliada à construção de uma grande potência, é anunciada pelos atuais dirigentes, como a adequação de sua estratégia à nova realidade. A conciliação das novas metas com um ideal revolucionário de ensino, constitui, pois, o desafio que a China certamente não se negará a responder.

Brasilinvest pode vender hidrelétrica para China

SÃO PAULO (O GLOBO) — Os modernos "Marco Polos" preparam mais uma caravana de negócios à China. Mas desta vez, ao contrário das que a antecederam, não terá o caráter exploratório, de conhecimento do terreno. Destina-se a lançar as sementes de grandes negócios. Exemplo: a venda de um pacote completo de serviços, englobando desde o planejamento, projeto e execução até o fornecimento de equipamentos para o que deverá vir a ser a maior usina hidrelétrica do mundo, no rio Yang Tsé — planejada para gerar 24 milhões de quilowatts, o dobro da potência prevista de Itaipu.

Mário Garnero, presidente do Brasilinvest S/A Investimentos, Participações e Negócios, lidera essa nova iniciativa comercial — "eminente privada", como ele acentua, embora conte com o apoio logístico do governo, por meio do Itamaraty e da embaixada brasileira em Pequim.

A idéia dessa viagem — lembra Garnero — surgiu em março de 1979, quando desembarcou no Brasil uma missão chinesa, chefiada pelo vice-primeiro ministro Kang Chien, com a finalidade específica de visitar projetos energéticos brasileiros e sondar possíveis fornecimentos de serviços de engenharia e equipamentos para a implantação da usina hidrelétrica no rio Yang Tsé. Em São Paulo, Kang Chien, acompanhado de Li Rui, Ministro de Energia elétrica, visitou o Brasilinvest, conhecendo os objetivos da empresa.

Dois ou três meses depois veio o convite de Kang Chien, formalizado pela embaixada chinesa, para que o Brasilinvest organizasse e dirigisse uma missão empresarial brasileira, especificamente voltada para as questões energéticas. "Daí a idéia de formação do Consórcio Energético Brasilinvest — conta Mario Garnero — integrado por seis das mais expressivas empresas nacionais no setor, que encabeçará a missão". Mas, para alargar os possíveis resultados comerciais entre Brasil e China Mário Garnero incluiu em sua comitiva dirigentes de empresas de outros setores, como de construção civil, turismo, eletrodomésticos, alimentos, plásticos, transportes urbanos, os quais complementarão os esforços do Brasilinvest nessa nova investida no exterior.

A missão Brasilinvest chegará a Pequim no próximo dia 3, onde manterá contatos com os membros da comissão mista Brasil-China, e com diretores do China International Trust and Investment Corporation.

Citie (O BNDE chinês), do Bank of China (O Banco do Brasil local) e do China National Technical Import Corporation. Os empresários irão em seguida a Xangai e Cantão, onde visitarão a tradicional feira de produtos chineses, realizada anualmente. E retornarão ao Brasil no dia 10, com escalas em Hong Kong e Tóquio.

AGÊNCIA EM PEQUIM

Mário Garnero não espera resultados concretos imediatos na China. "Sabemos que o mecanismo chinês de decisão é lento e requer muita paciência por parte dos negociadores", afirmou. Mesmo assim ele garante que o Brasilinvest vai à China para ficar. Pelo menos esta é a sua intenção — e que poderá concretizar-se caso obtenha autorização para a abertura de uma representação permanente, em Pequim, do Consórcio Energético Brasilinvest. Numa segunda etapa, sempre avançando cautelosamente pelos meandros da economia chinesa, a sua intenção é constituir uma TRADING COMPANY voltada exclusivamente para este novo mercado.

Alguns sucessos obtidos recentemente pelo Brasilinvest na área externa reforçam o seu otimismo. Em março passado, uma comitiva de 45 empresários, sob a coordenação do Brasilinvest, conseguiu fechar negócios no Chile, em apenas três dias de estada, no valor de mais de US\$ 18 milhões. E deixou entabuladas outras negociações que poderão render num prazo médio de um ano e meio mais 100 milhões de dólares.

Ainda este ano, mais duas comitivas tentarão repetir este feito, garantindo mais alguns preciosos milhões de dólares para a enfraquecida balança comercial brasileira. Uma delas irá ao Canadá, em outubro, e a outra a Moçambique, de 11 a 16 de novembro.

Na China, Mário Garnero espera contar com os bons serviços de duas outras delegações empresariais que lá já estiveram — "e deixaram boa impressão do Brasil", segundo ele afirma: a primeira comandada pelo industrial Horácio Coimbra, da Cia. Cacique de Café Solúvel, e a última, uma iniciativa da Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), liderada pelo ex-ministro do Planejamento, Reis Velloso.

Os préstimos do Itamaraty e da TRADING estatal Interbrás também não são negligenciados pelo Brasilinvest. Sobre tudo pela preferência dos chineses pela troca bilateral de produtos, ao invés de pagamento das mercadorias importadas

em moeda corrente no mercado internacional. Esta dificuldade adicional poderá ser resolvida mediante a troca de petróleo e carvão chinês, com a intermediação da Interbrás, pelas mercadorias e serviços que o grupo de empresários liberados por Mário Garnero conseguir vender.

"JOINT VENTURES"

O número desses empresários é relativamente pequeno: apenas 16. Mas, segundo o presidente do Brasilinvest, só não irão mais devido às dificuldades de acomodação em Pequim. Talvez por isso é que Mário Garnero tenha resolvido incluir em sua comitiva um empresário ligado ao setor de construção civil, o presidente da Cobrasinco, José Pasco-witch Netto. Em sua bagagem ele leva propostas de construção de hotéis, edifícios residenciais e "shopping center" na China.

O núcleo central da missão está constituído pelos representantes das seis empresas que integram o Consórcio Energético Brasilinvest, a saber: Coemsa — Construções Eletromecânicas; Indústria Elétrica Brown Boveri; Interco; Sade — Sul Americana de Engenharia; Tenenge; e Themag Engenharia. Na pauta de interesses se incluem, além da gigantesca hidrelétrica no rio Yang Tsé, propostas de aproveitamento de outros recursos hidráulicos, construção de linhas de transmissão, terminais de petróleo, portos etc.

Outros empresários e suas propostas: Sérgio Lupatelli, da Manasa Madcira Nacional, interessado em vender frutas secas, sucos e estudar projetos de formação de "Joint ventures" na área de reflorestamento; Joaquim Burlin, da Pereira Lopes-Ibesa, quer exportar eletrodomésticos em geral e equipamentos telefônicos; Jacques Siekierskim, da Itap, negociará produtos de poliestireno e a formação de "Joint ventures" nessa área; Paulo Roberto Penteado dos Santos, da Hansen Industrial, também deseja formar "Joint ventures" e exportar tubos e conexões em PVC; Cláudio Regina, da Calo, tentará colocar ônibus brasileiros na China e exportar partes e componentes para a indústria automobilística.

Até o momento, as relações comerciais entre o Brasil e a China têm se limitado praticamente a compra, pela Petrobrás, de 50 mil barris de petróleo por dia. Mário Garnero, no entanto, afiança que em menos de cinco anos o comércio bilateral já estará em mais de US\$ um bilhão, com a iniciativa privada respondendo por parcela substancial desse mercado.

O Globo
28/10

das retíficas; b) a interferên-
do governo de São Paulo,

A pressão das arrecadações e
considerada necessária, pois di-

com motores adaptados.

so serem excluídos do transporte de
minério para os portos argentinos.

Na China, criatividade é a palavra-chave

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE
Enviado especial do GLOBO

o globo
18/8

HONG KONG — Criatividade é a palavra-chave para quem quiser negociar com os chineses. Esta é a principal lição extraída pelos empresários brasileiros da missão do Brasilinvest à China: Um exemplo dessa criatividade pode ser encontrado na écnica de aproximação adotada pelo consórcio liderado pela Themag e que almeja construir usinas hidrelétricas na China.

lk. f. parte
nao chin

A integração da Themag nesta delegação comandada por Mário Garnero não é inaugural. O consórcio esteve na China, em setembro do ano passado, e sua vinda, agora, já foi para apresentar propostas concretas às autoridades chinesas. A Themag começou por trazer, acompanhando seu diretor Henrique Herweg, dois engenheiros brasileiros naturalizados, um nascido na China e o outro nascido em Formosa (ou seja, o que os chineses, atualmente, chamam de "companheiro do ultramar", assim como chamam Formosa de "Província do Ultramar"). Esses dois engenheiros vão ficar morando na China, alguns meses, para acompanhar os trâmites da propos-

ta brasileira. Todas as conversações do grupo com os chineses giram em torno da construção da maior hidrelétrica do mundo — a de "Três Gargantas", no rio Yang Tse, com o dobro da capacidade de Itaipu, de cuja construção a Themag participou.

FINANCIAMENTO

Sabe a empresa brasileira, que, praticamente, não tem nenhuma chance de construir "Três Gargantas", uma obra orçada, hoje, em US\$ 10 bilhões. E não tem porque nem ela nem os chineses têm esse dinheiro à mão. Ou melhor, os chineses podem ter, mas não para contratar os brasileiros e sim para comprar os serviços de quem os financiar — mais provavelmente os japoneses, com uma proposta mirabolante de dez anos de carência, mais vinte para pagar, a juros de três por cento ao ano.

Acontece, porém, que os chineses, também, relutam para aceitar essas propostas maravilhosas de financiamento, pela razão singela de que, por mais favoráveis que sejam, ao fim de um certo tempo, o empréstimo terá de ser pago. E o único meio de garantir o resgate das divi-

das contraladas é vinculá-las a negócios que assegurem o equilíbrio das transações.

Ao mesmo tempo, o projeto de "Três Gargantas" é complicado o bastante para saber-se que não entrará tão cedo em execução. Começa que ele é assunto de dois ministérios diferentes. Como usina, pertence ao Ministério da Energia, e como represa de contenção de águas, pertence ao Ministério das Águas. A esse segundo Ministério está afeto o problema social da remoção de três milhões de habitantes da área a ser inundada — e, de logo, a idéia dos chineses é inaugurar a usina sem que a represa esteja cheia. As turbinas iriam entrando em funcionamento na progressão do lento enchimento da represa, que permitisse o êxodo ordenado das populações a serem removidas.

PROJETOS

A Themag resolveu investir de modo original. Durante sete meses, seus projetistas aproveitaram o tempo disponível para elaborar alternativas de execução de "Três Gargantas". Muitas horas de trabalho, muito dispêndio em material e em talento — e ao fim de tudo, cinco ante-

projetos para a usina gigantesca, três dos quais bastante minuciosos quanto ao orçamento de material e custos.

Com essa papelada em baixo do braço, Henrique Herweg e os dois engenheiros, Serge Jih Chem e Lin Suh Nan, compareceram perante os chineses e lhes ofereceram de presente o resultado do trabalho realizado. Os chineses, visivelmente, apreciaram o gesto de dupla confiança: auto-confiança na capacidade técnica, ao permitir o exame irrestrito dos projetos alternativos, e confiança nos critérios dos chineses. E, ainda mais, se declararam satisfeitos com o tom de franqueza e lealdade com que as conversações se realizaram. E claro que, apesar disso, é extremamente improvável unirem-se brasileiros e chineses para construir "Três Gargantas". Mas, o que Henrique Herweg, efetivamente, pretende é ser convocado para buscar, a montante de "Três Gargantas", pontos no Rio favoráveis à construção de represas bem mais modestas e para as quais seja possível articular financiamentos reciprocamente interessantes. Por enquanto, o objetivo fundamental dessa segunda viagem está atendido: demonstrar aos chineses a idoneidade, apenas, do grupo brasileiro. O resto é esperar, e com bastante paciência.



EDITAL VENDA DIRETA DE IMÓVEIS SISTEMA FINANCEIRO DE HABITAÇÃO

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — CEF, FILIAL DO RIO DE JANEIRO, comunica que venderá ao primeiro interessado que cobrir o preço mínimo estipulado para a venda, o imóvel abaixo caracterizado:

— Apartamento, com área de 52,44 m², constituído de sala, varanda, 1 quarto, banheiro, cozinha, w.c. e área de serviço, situado à Rua Engenheiro Lafayette Stockler, 280, ant. 404, V da Penha, na cidade do Rio de Janeiro.

Leia sempre.

Mais classificados
para o anunciante e mais
úteis para o leitor.

Classificados

tratando de... decisões positivas para o Brasil no futuro, tanto na área de importação - exportação quanto na área de investimentos associativos. A possibilidade de formação de "joint-ventures" foi amplamente discutida pelos brasileiros e chineses, tendo havido o compromisso dos chineses de detalhar suas pretensões na implantação de fábricas brasileiras na China.

Dois eventuais empreendimentos provocaram maior atenção dos chineses. O primeiro, para a produção de tubos de PVC na China através da Hansen Industrial, empresa localizada em Santa Catarina; o segundo, para a implantação de uma fábrica de embalagens plásticas, em associação com a ITAP, de São Paulo. Os chineses disseram-se dispostos também a estudar a viabilidade de implantação de uma fábrica de ônibus, numa "joint-ventures" que reunirá, da parte brasileira, as empresas Cao e Marcopolo.

O interesse da China pelo incremento de suas relações comerciais com o mundo encontra no Brasil um parceiro com grande potencialidade. De fato, os sucessivos contatos e a troca de informações entre os dois países, quer a nível de governo, quer a nível empresarial privado, demonstram que o intercâmbio tem um longo caminho a percorrer, com benefícios mútuos para as duas nações. Embora conhecidos como negociadores difíceis, os chineses parecem sinceros na sua decisão de se aproximar do Brasil. Somente no corrente ano sete grupos comerciais da China visitarão o Brasil. São eles: grupo de compra de produtos siderúrgicos, compra de tubos de aço, missão para venda de produtos em conserva, delegação para venda de produtos químicos, grupo de pesquisa de mercado e venda de produtos nativos e subprodutos animais. Irão também ao Brasil uma missão da China National Foreign Trade Transportation Corporation e uma delegação da China National Machinery Import and Export Corporation.

Além dessas, duas outras delegações de chineses visitarão o Brasil a convite da missão de empresários que aqui se encontram. A primeira conhecerá de perto as experiências brasileiras na área de florestamento e reflorestamento, a convite do empresário Sérgio Lupatelli, da Madeireira Nacional S/A (MANASA). A segunda delegação será formada por jornalistas de alto nível da China, entre os quais o diretor do Diário do Povo, An Gang.

O presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, chefe da delegação esclareceu aos jornalistas integrantes da comitiva brasileira que a atual atmosfera favorável ao Brasil na China é consequência direta do trabalho de preparação realizado pelo Itamaraty e que resultou na criação, há cerca de dois meses, da Comissão Mista Brasil-China. Depois de cinco dias em Pequim, a missão comercial brasileira viajará para Shanghai e depois para Cantão, onde visitará a Feira Comercial e prosseguirá contatos com os dirigentes das corporações econômicas chinesas.

tralmente os preços do petróleo em conta a taxa de inflação nos países ocidentais e das flutuações de algumas divisas, além da taxa de crescimento dos principais países industrializados.

Ao término da segunda jornada da reunião extraordinária da OPEP, o ministro saudita disse aos jornalistas que lhe perguntaram se teria havido acordo, que sim "na medida em que um acordo possa ser obtido".

Nos meios próximos à conferência, esta indicação foi interpretada como um acordo de princípio sobre o mecanismo, mas sem fixar detalhes bem preciosos sobre sua aplicação.

Zaki Yamani afirmou, por outro lado, que os ministros da OPEP não haviam discutido sobre os preços do petróleo.

O sistema preconizado pelo comitê prevê reajustes de preços do petróleo a cada trimestre, considerando três elementos:

1 - O impacto da inflação sobre o comércio internacional baseado nos índices dos preços no varejo e dos preços das exportações dos países ocidentais membros da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

2 - As flutuações das nove moedas que compõem a "cesta" adotada pela OPEP, chamada "Genebra 1", mais o dólar. Essas moedas são as divisas da Bélgica, França, Alemanha Federal, Itália, Japão, Holanda, Suécia, Grã-Bretanha e Suíça.

3 - A taxa de crescimento dos países da OCDE.

Segundo fontes próximas à conferência, Argélia, Líbia e Irã acham que a fórmula de fixação dos preços deveria considerar mais o índice dos preços dos produtos importados pela OPEP do

O ministro do petróleo de Catar, xeque Abdel Aziz, disse ser a favor de "aumentos graduais no preço do petróleo bruto. Dessa maneira, seria garantida a estabilidade da economia internacional e evitaria que os países consumidores tivessem uma queda brusca em seus orçamentos".

O ministro de Catar, entretanto, não descartou a possibilidade de o petróleo continuar a ser usado como arma política "enquanto for necessário".

Para Belkacem Nabi, ministro do Petróleo da Argélia, "essa reunião extraordinária é muito importante, pois nela estamos tentando chegar a um acordo sobre qual a melhor maneira de adotarmos a política do petróleo para os próximos dez anos".

Segundo ele, o aumento gradual "é realmente um plano estratégico ponderado, uma vez que os países poderão fazer previsões de gastos e, ao mesmo tempo, procurar novas fórmulas alternativas de energia".

De acordo com o plano dos 13 ministros, os reajustes no preço do petróleo seriam trimestrais.

O valor de cada reajuste dependeria da situação de momento da economia ocidental, calculada pelo Produto Interno Bruto de 23 nações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), pela flutuação das onze principais moedas internacionais e a taxa de inflação mundial.

Para reajustar o preço do petróleo por trimestre, a OPEP deverá produzir praticamente o que o mundo consome, garantindo que não haja nem uma superprodução, nem uma sobprodução, para que o preço também não flutue.

Novo mercado de matéria-prima

Paris — Um mercado a prazo de matérias-primas capaz de competir com os de Nova Iorque, Chicago e Londres nascerá em Paris dentro de um ano, caso o governo francês consiga concretizar sua decisão, adotada ontem, de racionalizar e moralizar a atual Bolsa de Comércio da capital francesa.

Uma comissão especial agilizará e estabelecerá mecanismos que dêem segurança aos investidores, os quais cairam como moscas no espetacular crash do açúcar de 1974, que deu origem a um livro e a um filme, nos quais mostrava-se as obscuras atuações da grande especulação internacional.

A Bolsa de Comércio, sede do mercado a prazo de mercadorias parisienses, está situada no bairro de Halles que, até há pouco tempo era o centro de compra e venda no atacado de carnes e produtos agrícolas procedentes de todo o país.

Porém, enquanto hoje Halles se transforma, convertendo-se num centro comercial, cultural e habitacional de luxo, a velha bolsa (um edifício circular dotado de uma grande cúpula) sobrevive em meio a uma atividade cada vez mais reduzida desde o crash

do açúcar.

No ano passado, suas transações atingiram apenas 13 bilhões de francos (cerca de 3 bilhões de dólares atuais), o que representa somente a quinta parte do volume das transações da Bolsa de Valores de Paris.

Mais ainda, essa quantia toma uma aparência ínfima se comparada com a dos mercados a prazo de matérias-primas dos Estados Unidos, que em 1979 registraram uma cifra de negócios de um bilhão e 700 milhões de dólares.

Os estados podem obter numerosas vantagens das bolsas de mercadorias, e assim, por exemplo, a Grã-Bretanha obteve cerca de 750 milhões de dólares em benefícios derivados da atividade de seus mercados de matéria-prima, divisas que ajudam a equilibrar a balança de pagamentos.

No caso francês, além dessa vantagem há o fenômeno de que, com a política de liberação de preços do governo, os mercados a prazo de matérias-primas permitem aos industriais franceses administrar seus estoques e evitar os altos e baixos brutais dos preços dessas matérias-primas.

Sindicato Industrial de Diretores Químicos S/A. (FIBAS)

O Conselho de Planejamento e Submissão de Incentivos Constituintes e Planos de Investimento e seus princípios

Segundo o Cavaleiro Programático, seja qual for a situação econômica, a intervenção governamental é necessária para a obtenção de resultados positivos

Segundo o Programa Produtivo, um bilhão de reais consecutivos agrícolas incorporados

ZONA Paralela de produção e paradas novas economias do N. impler indústria aume impli agro impc -pre resp emp den dos ca as pr

cou a exportá-las em 1979 e hoje elas estão sendo vendidas nas lojas da cidade."

Esses dois trechos foram publicados no último número do jornal semanal *Mercado* que circulou esta semana em Pequim. O primeiro, só texto. O segundo, debaixo de uma foto muito bem impressa mostrando três camisas coloridas, de corte ocidental. Os dois são típicos anúncios de um tablôide de 16 páginas, só de anúncios, um verdadeiro guia de compras editado pelo *Diário do Povo*, o jornal oficial do Partido Comunista da República Popular da China.

"O que significa isso?" A resposta é de An Gang, um dos editores do *Diário do Povo*: "A grande revolução proletária acabou". Mais uma vez, o nome da "camarilha dos quatro" aparece numa conversa com chineses que fazem parte do sistema, como já aconteceu dezenas de vezes antes; na conversa com An Gang, que está acompanhando o editor de assuntos internacionais, Chen Minghe, há uma razão para que a "camarilha dos quatro" seja citada por Chen Minghe com certa mágoa: An Gang, seu chefe, foi perseguido durante boa parte do tempo em que a "camarilha dos quatro" esteve no poder.

Por isso, agora, An Gang pode fazer as reformas que sempre imaginou para seu jornal. Como ele mesmo diz, a "camarilha dos quatro" foi uma tempestade que passou, como passam todas as tempestades". An Gang foi paciente. Ele é um dos principais homens do *Diário do Povo* há quarenta anos, desde que o jornal existe, e sabe que as pessoas caem em desgraça muito facilmente.

Sua carreira começou muito cedo ainda no jornal *Estrela Vermelha*, do Exército. Hoje, aos 61 anos, ele fala com orgulho do *Diário do Povo*, com sua tiragem de seis milhões de exemplares, e do *Mercado*, com um milhão. E ele não se esquece de mencionar o *Sátira e Humor*, tablôide semanal de quatro páginas com 250 mil exemplares. (*Sátira e Humor* deixou de circular durante a Grande Revolução Cultural, pois criticava os burocratas). Os jornalistas que o faziam passaram a ser chamados de "diretistas" e Minghe diz que hoje puderam tirar o chapéu de diretistas, com o fim da "camarilha dos quatro".

Diretista. Essa era a acusação que se fazia também a An Gang. É que queria a "via capitalista" com as reformas que imaginava para seus jornais.

o que ele considera um absurdo, pois isso diminui o faturamento de seu jornal.

Na verdade, as mudanças no *Diário do Povo* não são só de instalações. Com a queda da "camarilha dos quatro", o pensamento do presidente Mao no alto da primeira página foi substituído, há um ano, pela previsão do tempo. E, recentemente, começou a ser publicada fora da China, em Hong-Kong; possivelmente em outubro, será lançada a edição em inglês, além disso, também há muito pouco tempo, o jornal começou a publicar pequenas histórias, bem diferentes dos artigos carregados fortemente de apelos propagandísticos, de exaltação do regime ou as resoluções do Partido (o jornal ainda não publica crimes ou acidentes, a não ser a execução de criminosos, principalmente os que cometeram crimes contra o Estado). E, por incrível que possa parecer, o *Diário do Povo* já publica até anúncios do mundo capitalista. Lido por trinta milhões de pessoas — um dos índices mais altos do mundo, com cinco leitores por jornal, porque ele circula de mão em mão nas comunas, fábricas, escolas e órgãos do governo — 95% da circulação são assinantes que pagam pouco menos de 100 cruzeiros mensais pela assinatura. Emprega quase duas mil pessoas em Pequim, dos quais 600 trabalham na redação — quem achar que esse número é alto para um jornal de oito páginas precisa saber que os repórteres e redatores tem de escrever seus textos a mão, numa média de dois mil caracteres por hora. (Em cada edição, há quase cem mil caracteres). E a modernização operacional deve parar nos sistemas de impressão, na área industrial: o governo pretendia implantar a composição eletrônica, para fazer o jornal mais rapidamente e com mais qualidade, mesmo que isso incluísse dispensa de mão-de-obra que seria distribuída para outras funções. Mas desistiu, por causa do alto custo envolvido no projeto.

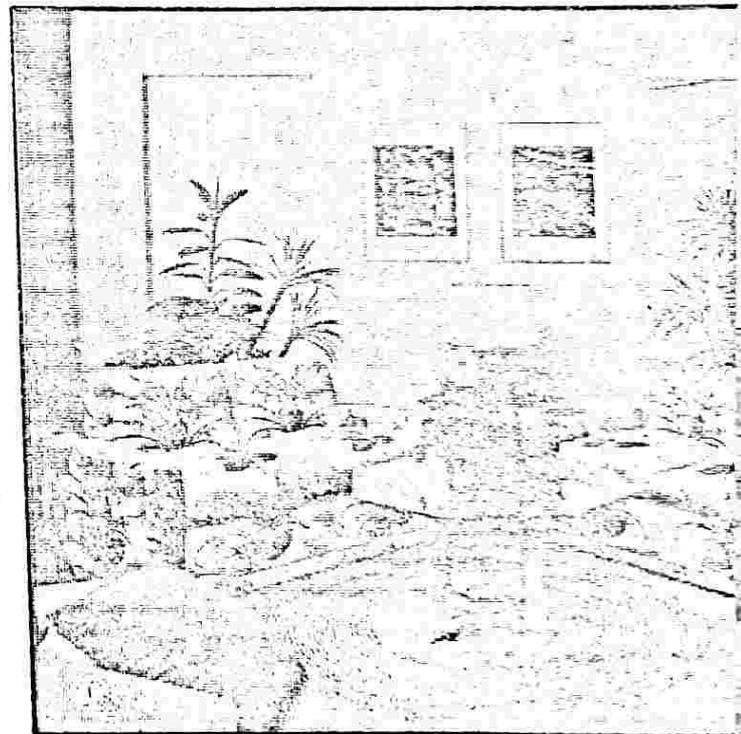
Hoje, um dos pontos fortes do jornal é a seção de leitores: o jornal recebe duas mil cartas por dia e publica quase duas páginas diárias de reclamações, que vão desde problemas de pequenas cidades, onde burocratas do partido não têm feito seu trabalho corretamente, até reclamações sobre transporte, alimentação, moradia, etc. As cartas dos leitores estiveram afastadas e voltaram em janeiro de 79, segundo An Gang, porque "o jornal tem que saber

a quatro cores no tablôide *Mercado* custa dez mil dólares. Ou 500 mil cruzeiros.

as cidades chegam lentamente a capital e, como era esperado, confirmam a vitória do Partido

A chance O SE

Dê uma olhada no living da sua casa;
a grande possibilidade para você e
uma renovada em tudo, a preços abaixo.
Henri Matarasso tem idéias a preços
Mas venha logo, a temporada é curta



Sofá 2 lugares Penha, de 11.600,00 por 9.62



henri
matarasso

Av. Brig

Jornais chineses retratam o espírito e humor do povo

MIGUEL JORGE
Enviado especial

PEQUIM — A mulher com um saco cheio de jornais para uma esquina de Pequim imediatamente, é cercada por dezenas de chineses, ávidos para comprar um tablóide colorido, impresso em offset, lançado há menos de seis meses na região da Grande Pequim, e que, hoje, já tem uma circulação de um milhão de exemplares. Um jornal que, de tanto sucesso, foi forçado, ainda este mês, a passar sua periodicidade de quinzenal para semanal (na verdade, isso quer dizer que ele dobrou sua tiragem várias vezes desde que foi lançado).

"Tenho uma camisa velha e muito grande e quero trocá-la por outra menor. Há vinte anos, Pequim tinha muitas lojas de roupas velhas para troca e eu precisava ir numa delas para conseguir a camisa do meu tamanho. Hoje não há mais dificuldades para se conseguir uma roupa nova. Pequim está cheia de lojas que vendem roupas novas e bonitas."

"Há dois anos Pequim produz camisas de algodão. Começou a exportá-las em 1979 e hoje elas estão sendo vendidas nas lojas da cidade."

Esses dois trechos foram publicados no último número do jornal semanal Mercado que circulou esta semana em Pequim. O primeiro, só texto. O segundo, debaixo de uma foto muito bem impressa mostrando três camisas coloridas, de corte ocidental. Os dois são típicos anúncios de um tablóide de 16 páginas, só de anúncios, um verdadeiro guia de compras editado pelo Diário do Povo, o jornal oficial do Partido Comunista da República Popular da China.

"O que significa isso?" A resposta é de An Gamg, um dos editores do Diário do Povo: "A grande revolução proletária acabou". Mais uma vez, o nome da "camarilha dos quatro" aparece numa conversa com chineses que fazem parte do sistema, como já aconteceu dezenas de vezes antes; na conversa com An Gamg, que está acompanhado do editor de assuntos internacionais, Chen Minghe, há uma razão para que a "camarilha dos quatro" seja citada por Chen Minghe com certa mágoa: An Gamg, seu chefe, foi perseguido durante boa parte do tempo em que a "camarilha dos quatro" esteve no poder.

Por isso, agora, An Gamg pode fazer as reformas que sempre imaginou para seu jornal. Como ele mesmo diz, a "camarilha dos quatro" foi uma tempestade que passou, como passam todas as tempestades". An Gamg foi paciente. Ele é um dos principais homens do Diário do Povo há quarenta anos, desde que o jornal existe, e sabe que as pessoas caem em desgraça

Enquanto An Gamg se lembra dessas histórias, hoje ele as acha engraçadas, ouve-se fora da sala o ruído dos móveis arrastados e vozes até altas horas. O Diário do Povo está quase terminando a mudança para o novo prédio, distante vinte quilômetros de sua velha sede de três andares, que ficará completamente vazia no dia 20.

O órgão oficial do Partido Comunista da República Popular da China será impresso em rotativas americanas Goss Metroliner Offset para dar ao leitor a melhor qualidade possível (as máquinas velhas são da Alemanha, ainda de antes da grande libertação do presidente Mao, e foram construídas na década de 40). Hoje, ele circula em todo o país com rapidez, porque usa o sistema de transmissão de fac-símil à distância, o que permite sua impressão simultânea em outras 19 cidades da China, além de Pequim. O Diário do Povo é distribuído pelo correio, que tem o monopólio desse tipo de trabalho na China. An Gamg reclamou muito, porque o correio chinês cobra 25% do preço de capa do jornal para fazer a distribuição, o que ele considera um absurdo, pois isso diminui o faturamento de seu jornal.

Na verdade, as mudanças no Diário do Povo não são só de instalações. Com a queda da "camarilha dos quatro", o pensamento do presidente Mao no alto da primeira página foi substituído, há um ano, pela previsão do tempo. E, recentemente, começou a ser publicado fora da China, em Hong-Kong; possivelmente em outubro, será lançada a edição em inglês, além disso, também há muito pouco tempo, o jornal começou a publicar pequenas histórias, bem diferentes dos artigos carregados fortemente de apelos propagandísticos, de exaltação do regime ou as resoluções do Partido (o jornal ainda não publica crimes ou acidentes, a não ser a execução de criminosos, principalmente os que cometeram crimes contra o Estado). E, por incrível que possa parecer, o Diário do Povo já publica até anúncios do mundo capitalista. Lido por trinta milhões de pessoas — um dos índices mais altos do mundo, com cinco leitores por jornal, porque ele circula de mão em mão nas comunas, fábricas, escolas e órgãos do governo — 95% da circulação são assinantes que pagam pouco menos de 100 cruzeiros mensais pela assinatura. Emprega quase duas mil pessoas em Pequim, dos quais 600 trabalham na redação — quem achar que esse número é alto para um jornal de oito páginas precisa saber que os repórteres e redatores tem de escrever seus textos a mão, numa média de dois mil caracteres por hora. (Em cada edição, há quase cem mil caracteres). E a moderação

que o povo quer e precisa atendê-lo pois senão se desliga das massas". E essas cartas, têm muitas críticas ao Comitê Central ou a membros do governo? falam da "camarilha dos quatro"? dizem, por exemplo, que antes era melhor? "Sim", diz Gamg, "algumas. Mas elas não são publicadas. Nós usamos essas cartas para estudo interno". Isso não significa que vocês só publicam elogios? "Não. Consideramos elogios e críticas a mesma coisa".

Gamg fala com entusiasmo do jornal Mercado, um sucesso editorial, com seu milhão de exemplares semanais. Hoje, Mercado é um dos orgulhos dos jornalistas que o fazem, pois aumenta dia a dia o número de assinantes, que querem saber mais e mais sobre o que há para comprar na China. Uma incôgnita? "Não, diz Gamg, pois o Partido precisa saber o que o povo quer para atendê-lo. Nossas fábricas, para aumentar sua produção e elevar o nível de vida de nosso povo, precisam mostrar a todos o que eles estão produzindo. Senão, como elas vão vender? Como o povo vai comprar?"

Um anúncio de uma página a quatro cores no tablóide Mercado custa dez mil dólares. Ou 500 mil cruzeiros.